

PAULO RICARDO SCHULZ

**A CONTRADIÇÃO/CONFLITO ENTRE FORMAÇÃO
CULTURAL E INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR W
ADORNO**

**TOLEDO
AGOSTO DE 2011**

PAULO RICARDO SCHULZ

**A CONTRADIÇÃO/CONFLITO ENTRE FORMAÇÃO
CULTURAL E INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR W
ADORNO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para a banca examinadora, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia, área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea, Linha de Pesquisa: Ética e Filosofia Política, sob a orientação do professor Dr. Rosalvo Schütz e co-orientador professor Dr Avelino da Rosa Oliveira.

**TOLEDO
AGOSTO DE 2011**

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

S389c	<p>Schulz, Paulo Ricardo</p> <p>A contradição/conflito entre formação cultural e indústria cultural em Theodor W Adorno / Paulo Ricardo Schulz. -- Toledo, PR : [s. n.], 2011. 127 f.</p> <p>Orientador: Dr. Rosalvo Schütz Co-orientador: Dr. Avelino da Rosa de Oliveira Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Toledo. Centro de Ciências Humanas e Sociais.</p> <p>1. Formação cultural 2. Indústria cultural 3. Educação (Filosofia) 4. Teoria crítica 5. Emancipação 6. Formação do indivíduo 7. Arte-educação 8. Razão 9. Filosofia alemã 10 Adorno, Theodor W., 1903-1969 I. Schütz, Rosalvo, Or. II. Oliveira, Avelino da Rosa de, Or. III. T.</p> <p>CDD 20. ed. 193</p>
-------	---

PAULO RICARDO SCHULZ

**A CONTRADIÇÃO/CONFLITO ENTRE FORMAÇÃO
CULTURAL E INDÚSTRIA CULTURAL EM THEODOR W
ADORNO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do CCHS/UNIOESTE, *Campus* de Toledo, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Filosofia, sob a orientação do professor Dr. Rosalvo Schütz e co-orientação do professor Dr. Avelino da Rosa Oliveira.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira (co-orientador)
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Remi Schorn - Membro
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dra. Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva
Batista – Membro
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**TOLEDO
AGOSTO DE 2011**

Para Valéria Patrícia Turim Schulz

AGRADECIMENTOS

De certa forma todas as pessoas, instituições e situações com as quais um ser humano se depara em sua vida colaboram, de uma forma ou de outra, para a sua formação. Por isso poderíamos dizer que a gratidão se estende a todos e a tudo, porque, afinal de contas, “sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (BÍBLIA, 1996, p. 1027). Quero, no entanto, destacar algumas pessoas e instituições em especial, sem, contudo, desprezar os que passarão como anônimos nestes agradecimentos, mas que contribuíram para que até aqui pudesse chegar:

A Deus, o todo Poderoso, criador dos céus e da terra, que me deu o dom da vida e me salvou em Cristo Jesus, minha gratidão e adoração:

Ó profundidade de riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele e para ele são todas as coisas. Glória, pois, a ele eternamente. Amém. (BÍBLIA, 1996, p. 1030).

A minha esposa, Valéria, que sempre me incentivou e apoiou e esteve ao meu lado para que até aqui pudéssemos chegar. Conhecemo-nos, nos apaixonamos, passamos a nos amar, noivamos e casamos; descobrimos juntos que o amor “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (BÍBLIA, 1996, p. 1044). Ela sofreu, creu, esperou e suportou até o final, para juntos desfrutarmos desta linda conquista. Amo-te, meu amor!

Aos meus pais, Armindo (*in memoriam*) e Darcila Schulz, bem como a Edemar, meu irmão mais velho, os quais me proporcionaram a base para conhecer este mundo e a maneira de nele me portar.

Minha gratidão ao professor Dr Rosalvo Schütz, meu orientador, desde a graduação e que, incansavelmente, fez correções, sugestões e apontou falhas nos textos. Sempre permitiu e incentivou um relacionamento humano e igualitário entre orientador e orientando, mostrando, dessa forma que os títulos acadêmicos e a educação para a *Bildung* proporcionam a verdadeira formação cultural, quando estão voltados para a humanização, a conscientização e a autonomia do sujeito.

Agradeço ao Dr. Avelino da Rosa Oliveira, professor da Universidade Federal de Pelotas, o qual, sem me conhecer, aceitou ser co-orientador; apesar dos poucos contatos, proporcionou-me uma leitura mais ampla sobre Theodor W Adorno.

Agradeço também às seguintes instituições: Convenção das Igrejas Batistas Independentes e Língua Alemã (CIBILA) e a Igreja Batista Independente de Tupãssi, Paraná, da qual fui pastor no período inicial do meu mestrado. Essas instituições me permitiram estudar ao mesmo tempo em que pastoreava aquele campo de missões.

Estendo minha gratidão à Igreja que pastoreio atualmente: Igreja Batista Independente da cidade de Xanxerê, Santa Catarina, a qual também me permitiu continuar a estudar e a concluir o mestrado.

Minha gratidão à Universidade Estadual do Oeste do Paraná e a todos os cidadãos deste estado do Paraná, que pagam altos impostos para possibilitar, entre outras coisas, um ensino de qualidade. Agradeço a todos os professores e funcionários desta instituição, que contribuíram em minha formação desde a graduação até o presente momento.

O que hoje se manifesta como crise da formação cultural não é um simples objeto da pedagogia, que teria que se ocupar diretamente desse fato, mas também não pode se restringir a uma sociologia que apenas justapõe conhecimentos a respeito da formação. Os sintomas de colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações. Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. (Adorno, Teoria da Semicultura).

SCHULZ, Paulo Ricardo. A Contradição/Conflito entre Formação Cultural e Indústria Cultural em Theodor W Adorno. Toledo. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia – Linha de Pesquisa: Ética e Filosofia Política) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

RESUMO: O trabalho busca analisar a contradição/conflito que surge entre a formação cultural e a indústria cultural a partir do pensamento de T W Adorno e aponta a educação como aquela que pode contribuir para a autonomia da consciência do sujeito que vive na sociedade capitalista, solo no qual floresce o conflito entre a formação cultural e a indústria cultural. Busca-se descrever a formação cultural como resultado de um desenvolvimento dialético da civilização humana. Mostra-se que o período do pensamento mítico da humanidade já continha certa racionalidade, pois esse período, ao dar nomes ao desconhecido e formular histórias explicativas para os fenômenos naturais, já buscava controlar o curso da natureza. O período do pensamento lógico e racional surge, portanto, por um lado, como superação do pensamento mítico, porque a técnica, que é a essência desse saber, se vale da matemática, das fórmulas, da regra e da probabilidade para destituir todo e qualquer vestígio de mito. Esse momento racional e técnico também mantém, no entanto, em si algo de mitológico, porque passa a endeusar o número, as fórmulas e a regra, criações mentais que são os substitutos dos conceitos que regiam o período mítico. Os homens, ao expressarem sua subjetividade e no afã de dominar a natureza, criaram os deuses tanto do período mítico quanto do período racional e, em ambos os períodos, passaram a adorar a obra de suas próprias mãos. A razão, que é descrita como o agente da formação cultural, trabalha dialeticamente em dois níveis: *Verstand*/subjetiva e *Vernunft*/objetiva, no entanto, devido à instrumentalização da razão, essa dialética não se manteve, e esse foi um dos fatores que impediram a formação cultural e, conseqüentemente, a maioridade e a autonomia do sujeito. A manutenção do caráter mitológico em uma época que se considera plenamente esclarecida pode ser evidenciada pela indústria cultural. É através dela que tudo passa a ser submetido ao fetichismo do mercado e às suas exigências. Essa indústria é analisada como a união entre rádio, televisão, cinema e ideologia. Ela busca padronizar tudo à sua volta, a fim de transformar tudo em mercadorias, inclusive a vontade das pessoas e a educação. O lazer e a diversão também são instrumentalizados e se transformaram em meros entretenimentos que obliteram a imaginação e a razão. A redução da cultura e da educação a uma semicultura (*Halbbildung*) emprestou à indústria cultural uma aparência de formação cultural, mas que, na verdade, é apenas uma pseudoformação. A educação, dentro desse contexto conflituoso, no entanto, pode colaborar de modo significativo para a conscientização e a emancipação, isso na medida em que restabelece uma dialética adequada entre razão subjetiva e objetiva. Um desafio central é, pois, evidenciar as artimanhas, os véus, as teias e as “magias” que, em plena época das luzes, diariamente obstaculizam a formação de sujeitos autônomos e críticos. Assim, embora não requerendo a superação da sociedade atual para dentro de seus limites, a educação pode ser concebida como um espaço de resistência, um “refúgio da liberdade”, capaz de contribuir para a formação de sujeitos que possam de fato fazer escolhas, pensar e agir de forma livre.

Palavras-chave: Formação cultural. Razão. Indústria cultural. Semiformação. Educação e conscientização. Adorno e Horkheimer

SCHULZ, Paulo Ricardo. The Contradiction/conflict between Cultural Formation and Cultural Industry in Theodor W Adorno. Toledo. 2011. Thesis (Philosophy Master's Degree - Research Area: Ethics and Political Philosophy) – Universidade Estadual do Estado do Paraná.

ABSTRACT: The paper seeks to analyze the contradiction/conflict that emerges between the cultural formation and the cultural industry, considering as a start TW Adorno thoughts, and it points to education as the one which can contribute to the autonomy of the individual conscience who lives inside the capitalist society, land where flourishes the conflict between the cultural formation and the cultural industry. It's inquired to describe the cultural formation as result of dialectic development of human civilization. It's shown that the period of mythic human thought already had some rationality, since this period, when giving names to the unknown and formulating explanatory stories to natural phenomenons already sought to control the line of nature. The period of logical and rational thought arises, therefore, on one side, as mythical thought overcoming, because the technique, which is the essence of this knowledge, takes refuge with the Mathematics, formulas, rule and probability to destitute all and every evidence of myth. This rational and technical moment also preserves in itself, however, something of mythological, cause it starts to enrapture the number, the formulas and the rule, mental creations which are the substitutes of the concepts that guided the mythical period. Men when expressing their subjectivity and with the desire of dominating the nature, created the divinities as in mythical period as in rational period and, in both of them, the periods turned to adore the work of their own hands. The reason that is described as the agent of cultural formation, acts dialectically in two levels: Virstand/subjective and Vernunft/objective, however, due to the reason instrumentation, this dialectic hasn't maintained itself, and this was one of the factors that has hindered the cultural formation and consequently the subject majority and autonomy. The support of mythological character in a time considered completely enlightened can be evidenced by cultural industry. It's through it where everything gets to be submitted to market fetishism and its demands. This industry is analyzed like the union of radio, television, cinema and ideology. It pursues to standardize everything around itself, aiming to turn everything into merchant, even people's will and the education. The leisure and recreation are also manipulated and became mere entertainment which obliterated the imagination and reason. The cultural and education reduction to a semi culture (H albbi ldung) lent to the cultural industry a cultural formation appearance, but that, in fact, is only a so-called formation. The education, inside this quarrelsome context, however, can collaborate significantly to the awareness and emancipation insofar it reestablishes a proper dialectic between subjective and objective reason. A centric challenge is, therefore, to evince the artifices, veils, torches and "magics" that, in an absolute light age, daily obstruct the critical and autonomous individuals formation . This way, even when not requiring the overcoming of current society to inside its limits, the education can be designed as a space of resistance, a "refuge of freedom", able to contribute to subjects formation who can really make choices, think and act in a free way.

Key-words: Cultural formation, Reason. Cultural industry. Semi formation. Education and awareness. Adorno and Horkheimer

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FORMAÇÃO CULTURAL	16
1.1 ESCLARECIMENTO	20
1.1.1 Do Mito à Razão.....	23
1.1.2 Da Razão ao Mito	33
1.2 RAZÃO: O AGENTE DA FORMAÇÃO CULTURAL	39
1.2.1 Razão como <i>Verstand</i> /Subjetiva.....	40
1.2.2 Razão como <i>Vernunft</i> /Objetiva	46
1.3 SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE: O PROCESSO DIALÉTICO DA FORMAÇÃO CULTURAL	50
2 INDÚSTRIA CULTURAL	54
2.1 PADRONIZAÇÃO: O PRIMEIRO ESTÁGIO DA INDÚSTRIA CULTURAL	57
2.2 LAZER E DIVERSÃO (DEGRADADOS A ENTRETENIMENTO): MECANISMOS DE OBLITERAÇÃO DA IMAGINAÇÃO E DA RAZÃO	62
2.3 SEMICULTURA: O INSTRUMENTO DA INDÚSTRIA CULTURAL	70
3 EDUCAÇÃO NO CAPITAL: A CONTRADIÇÃO/CONFLITO ENTRE FORMAÇÃO CULTURAL E INDÚSTRIA CULTURAL	84
3.1 SITUANDO O CONFLITO.....	84
3.2 EDUCAÇÃO COMO DESENCANTAMENTO	89
3.3 EDUCAÇÃO COMO <i>BILDUNG</i> : REESTRUTURANDO O PROJETO ORIGINAL DA FORMAÇÃO CULTURAL.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

INTRODUÇÃO

O controle da natureza interna e externa tem ocupado profundamente a história da humanidade, pois tal fato pode ser observado em todas as culturas e épocas. A maneira pela qual esse controle foi realizado variou de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, de época para época, mas em todas as tentativas o homem se valeu de seu cérebro, que tem a capacidade de raciocinar, de pensar, de criticar, de interagir e de formular novas ideias e objetá-las em ferramentas e em interpretações do mundo à sua volta. Até mesmo no mito tal objetivo pode ser verificado, a medida em que ele também representa uma certa racionalização da realidade a fim de dominá-la. De certa forma, pode-se afirmar, portanto, que existe uma origem mítica do logos e que o logos também já estava presente nos mitos.

O período de consequências que surgia com cada nova ferramenta criada e com cada nova maneira de interpretar o mundo contribuía, de forma significativa, para o desenvolvimento da humanidade como um todo. As ferramentas e as interpretações de mundo interagiram com o homem, o qual viu, a partir destas novas maneiras de elaborar o mundo à sua volta, novas oportunidades e novas ferramentas. Desencadeou-se, no decorrer da história, um processo de desenvolvimento e de dominação quase que sem volta. O início deste processo pode ser diagnosticado já na cultura grega, mas encontra sua expressão máxima na sociedade moderna, marcada pelo modo capitalista de produção, onde a natureza humana e não humana foi, de certa forma, degradada à posição de um simples material à disposição dos interesses sociais dominantes.

Essas ferramentas e interpretações de mundo ajudaram o homem e a sociedade a desenvolver de tal maneira a sua capacidade de intervir na natureza que foi possível, por exemplo, controlar rios, aumentar a produção e proporcionar uma vida melhor para a humanidade. Ocorreu, no entanto, que esse potencial nem sempre foi utilizado para o benefício do homem e da própria natureza. Muitas vezes as ferramentas serviram para a dominação e exploração do homem pelo homem, sabendo-se que a dominação e a destruição da natureza geralmente é reduzida a um meio de aumentar a dominação de uns homens sobre os outros.

O filósofo T. W Adorno percebeu tal fato de maneira muito singular, pois, ao se valer de teorias como a de Karl Marx, a de Immanuel Kant, a de Hegel, a de Nietzsche e a de Freud, dentre outros, pôde fazer uma leitura ampla e crítica da sociedade de sua época, bem como dos pressupostos, fundamentos e origens dessa realidade. E partir de tal leitura compreendeu

que a humanidade, no afã de dominar a natureza, começou a denominar o mundo à sua volta com a intenção de controlar os fenômenos naturais e se beneficiar dessa natureza. Constatou que, de certa forma, a tentativa de controle coincidiu com o início da formação cultural por que o homem passou e se autoimpôs, pois passou a interagir com o mundo interno e externo que o cercava de uma nova maneira.

E nessa interação homem e natureza, que é uma relação de influência e de determinação mútua, e que, por isso mesmo, pode ser denominada dialética, que se tornou possível o esclarecimento no homem, enquanto um processo da autonomia humana. As primeiras leituras dialéticas que o homem fez da natureza à sua volta lhe forneceram uma interpretação mitológica do mundo. O próprio pensamento do homem se mitologizou. Essa interpretação mitológica, de acordo com Adorno, foi caracterizada por uma concepção animista do mundo, colocando deuses e demônios nos fenômenos da natureza; consequentemente, ao agradecer a esses deuses, através de oferendas, o que se buscava de fato era o mesmo que controlar a natureza e dela se tornar senhor. Essa primeira tentativa de subjugar a natureza já continha, portanto, o protoesclarecimento, porque os mitos sempre tentaram relatar e dar nomes ao desconhecido e, dessa forma, controlar o mundo.

O período de consequências advindo da tentativa de subjugação da natureza permitiu, entretanto, que o ser humano entendesse que era o próprio homem quem expressava sua subjetividade na natureza e assim criava os mitos. A questão não era controlar os deuses, mas controlar e conhecer a si mesmo, e então perceber que a natureza era algo que poderia ser manipulado com algo diferente da magia e dos ritos. Foi assim que a matemática ocupou rapidamente o lugar dos mitos. O ser humano percebeu que havia certa regularidade e lógica nos fenômenos naturais, regularidade e lógica que poderiam permitir seu “controle” de maneira mais eficaz. Essa nova dialética com a natureza permitiu um domínio maior e mais sistemático que o mito: surgia, assim, o pensamento propriamente racional. A interpretação racional, científica e matemática gerou avanços em todas as áreas em que o ser humano tentava se impor como senhor. Os resultados, a princípio, foram considerados muito bons, pois se percebeu que a natureza poderia fornecer uma vida melhor ao ser humano na medida em que era subjugada e colocada à disposição da humanidade.

Com todas as informações sendo catalogadas, arquivadas e desenvolvidas, inicia-se um novo período de consequências em que o entendimento humano se valeria dessas novas informações para gerar novos conhecimentos e mais dominação. A razão passa a ocupar o centro das atenções e é vista como aquela que é o agente da formação cultural da humanidade. Ocorreu, no entanto, que esse período racional caiu novamente no mito, porque passou a

endeusar as fórmulas matemáticas, a técnica e as novas ferramentas ,etc. Com o rápido desenvolvimento do pensamento racional, a dialética não foi mantida e a unilateralidade passou a reinar nas interpretações de mundo. Somente a correta relação entre o interior e exterior do homem, aqui também denominados de razão subjetiva (*Verstand*) e de razão objetiva (*Vernunft*), pode permitir o bom desenvolvimento dialético da humanidade e assim proporcionar uma vida melhor para todos.

Percebeu, no entanto, nosso filósofo que existiam algumas artimanhas que se levantavam contra tal dialética, isso porque, quando tudo indicava que a humanidade poderia entrar num verdadeiro período de esclarecimento e de benefícios para a humanidade, ela é travada por um novo instrumento que surge justamente com o desenvolvimento tecnológico e marcado pelo fetichismo da produção mercadológica: a indústria cultural. Esse fato é que nos leva a analisar a indústria cultural como aquela que é uma fusão de ideologia, rádio, televisão, cinema, internet e todos os demais meios de comunicação que trabalham justamente com o objetivo de manter toda a humanidade em um constante estágio de semiformação cultural.

Essa indústria passa a ser uma espécie de rei Midas, pois padroniza tudo aquilo que ela toca e, dessa maneira, padroniza também os gostos e elimina todas as particularidades, fazendo com que apenas o padrão se mantenha e o individual seja relegado ao exílio. A indústria cultural se constitui, assim, em uma forma de controlar as pessoas, pois cria o padrão e o impõe para toda a população, que o acaba aceitando como se fosse uma opção sua. Esse processo de manipulação a que a sociedade ficou sujeita cria o padrão e, assim, também age sobre a vontade da pessoa, tornado-a mais vulnerável à manipulação.

Essa manipulação da sociedade e das pessoas pode ser percebida de modo exemplar nas atividades de lazer e de diversão, que foram degradadas a meros entretenimentos que têm a capacidade de controlar, de maneira muito eficaz, as massas. Todo ser humano parece querer ter um momento de lazer e diversão, porém, na sociedade moderna, até mesmo no momento em que o trabalhador quer ter um período de descanso, acaba por se submeter ao poder dessa indústria, mesmo que no recôndito de seu lar. Ao assistir aos programas televisivos, cada um se submete à mesma lógica da indústria e do escritório, porque ,para ser diversão e lazer na perspectiva do entretenimento não pode haver esforço, por isso se submete a filmes e a programas que não exigem esforço, nem raciocínio e que estimulam apenas a submissão e adaptação ao sistema vigente.

A semicultura é o espírito dessa indústria, que sabe utilizá-la muito bem, pois entendeu que não precisa e nem pode trabalhar com a verdadeira formação cultural, porque isso geraria revolta. São oferecidas então cópias, simulacros dos bens culturais por ela

propagandeados, mas que não conseguem de fato operar uma mudança subjetiva e significativa em vista da autonomia do ser humano, apenas lhe permitindo uma falsa sensação de formação cultural, que, no fundo, segundo Adorno, é uma pseudoformação. Os objetivos da formação cultural são totalmente diferentes dos que a indústria cultural tem: uma preza o desenvolvimento integral e autônomo do ser humano (autonomia), outra estimula o desenvolvimento unilateral e a dependência (heteronomia).

Dentro desse contexto, nesta dissertação, buscamos analisar a contradição/conflito¹ que surge entre a formação cultural e a indústria cultural, bem como a educação como aquele empenho ou investimento que pode contribuir para a conscientização da humanidade, que se encontra envolvida diariamente nesse conflito/contradição. Dessa maneira, o ser humano, conscientizado, poderá fazer escolhas que contribuam para a sua autonomia. Esse conflito/contradição na sociedade analisada por Adorno, e que parece ser o caso da atual sociedade também, ocorre porque ela estava sendo dominada por uma razão tecnológica e matemática, ou seja, uma razão tecnificada que combatia o cultivo de si mesmo, a reflexão e a autonomia no pensar e agir.

Esse tema foi relevante para os dias do filósofo T. W Adorno, e o é também para os dias atuais. Tal relevância já foi descrita por Ilan Gur-Ze'ev, professor da Universidade de Haiva, Israel, o qual percebeu que a humanidade continua a ser envolvida, mas de forma mais agressiva, num processo alienador e desumano nesta era pós-moderna. Para compreendermos essa contradição/conflito e percebermos a contribuição da educação no processo conscientizador da humanidade, o tema desta dissertação se desdobrará em três momentos, que são indicados abaixo.

Em primeiro lugar analisaremos a formação cultural partindo do princípio de que ela se desenvolveu, de forma dialética, em conjunto com o desenvolvimento do próprio pensamento humano e da sociedade, pois, “no sentido mais amplo *do progresso do pensamento*, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (ADORNO, 1985a, p. 17, grifo nosso). Na tentativa de tornar o ser humano senhor da natureza e livre dos medos que esta lhe impingia, os homens desbancaram os mitos e, em seu lugar, colocaram a ciência, a matemática e a técnica, criações culturais que logo se mitificaram, porque foram endeusadas. Isso mostra que, em determinado momento, a dialética foi deixada de lado e a unilateralidade começou a reinar. A razão

¹ O tema contradição/conflito foi usado para enfatizar que as intenções da formação cultural são totalmente diferentes das intenções da indústria cultural, e que ao mesmo tempo essas intenções são a expressão contraditória de um mesmo processo dialético.

começou a ser valorizada apenas em seu sentido parcial: ou como razão *Verstand* subjetiva ou como razão *Vernunft* objetiva. Deixou-se de lado o processo dialético da formação cultural: a interação entre subjetividade e objetividade.

No segundo capítulo será analisada a indústria cultural, termo que designa o fenômeno estudado por Adorno e Horkheimer entre os anos de 1942 a 1944. Primeiramente se mostrará que o termo indústria não deve ser interpretado ao pé da letra, pois que não designa um ser ou uma indústria com linha de produção. A indústria cultural é um misto de ideologia, rádio, televisão e cinema, os quais são usados de forma racional e planejada, em seus diferentes setores, para padronizar e veicular produtos na sociedade, bem como para eliminar todas as particularidades das obras de arte e dos artistas. Ao serem eliminadas as particularidades, então também se elimina o diferente, aquilo que pode fazer a diferença, aquilo que pode despertar um pensamento próprio. Ao agir dessa forma, a indústria consegue atuar sobre a vontade do consumidor e, assim, de certa forma, exercer controle sobre a aspiração do consumidor, que não percebe que as suas escolhas já não são totalmente livres, mas predeterminadas nas linhas de produção. Inclusive nos momentos em que busca se distrair com lazer e diversão, setores da vida que também foram degradados, tem suas potencialidades de pensamento e de raciocínio obliterados. Essa indústria consegue assim agir porque se vale da semiformação cultural, que é o espírito e o grande agente da indústria cultural.

O terceiro capítulo abordará a questão da educação dentro do sistema capitalista, local onde se efetua a contradição/conflito que surge entre a formação cultural e a indústria cultural. Por um lado, é necessária uma educação que aja como desencantadora dos véus e das “magias” que são colocadas pela indústria cultural sobre toda a sociedade, pois somente assim será possível observar que o futuro tem uma ligação com o passado, e que é necessário permitir um tempo para que a memória possa assimilar os fatos do passado para então poder entender que alguns fatos já foram determinados pelos acontecimentos idos. Ao se conscientizar de tais realidades, então é possível construir um presente e futuro melhor, que não permita a volta das tragédias passadas. Em segundo lugar, é necessária uma educação que proporcione uma formação consciente, onde, de fato, as pessoas saibam o que estão falando porque assimilaram e entenderam os conceitos de suas profissões, e assim poderão realmente ter uma formação cultural subjetiva que poderá ser objetivada de forma sábia e transformadora da sociedade.

1 FORMAÇÃO CULTURAL

Pensar, conscientizar-se, ter um espírito crítico e tomar decisões de forma livre e autônoma são os principais objetivos perseguidos pela *Bildung*²; tal palavra foi traduzida do alemão para o português por Newton Ramos-de-Oliveira como *formação cultural*. Para Adorno (2006, p. 80), a formação consiste “[...] justamente em pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito”.

Os filósofos Adorno e Horkheimer entenderam que a *Bildung* era necessária para formar um ser humano que ultrapassasse a simples padronização, alienação e socialização imposta pelo sistema capitalista. Esse entendimento desses pensadores se deve ao fato de “[...] o próprio conceito de formação cultural é partidário da idéia de uma humanidade sem injustiças sociais, onde todos possuem as mesmas chances de lutar pela possibilidade de ascensão na hierarquia social” (ZUIN, 2001, p. 55). Ocorre, porém, que a sociedade capitalista não é regida pela lógica acima descrita, mas, sim, erigida e orientada pelo princípio da troca e não pelo valor de uso. Somente a formação cultural poderia colaborar para que o sujeito pudesse tomar consciência de si mesmo e entender as tramas sociais que o submetem ao poder do capital. Para que essa formação seja possível é necessário que haja um autocultivo de si mesmo, pois o termo *Bildung*:

[...] se relaciona com a expressão e elevação da interioridade do sujeito e com a sua autonomia [...] a *Bildung* tem o objetivo de realizar a meta da humanidade: o pleno desenvolvimento das forças de cada ser humano. Numa *Kultur* desse tipo, o resultado final será o desenvolvimento de muitas e diferentes pessoas [...] individualizadas no mais alto grau em busca de uma sociedade mais humana. A elevação do indivíduo, independente, criativo e autônomo está no coração do projeto. (GUR-ZE’EV, 2006, p. 6).

A partir do momento em que cada pessoa tem suas potencialidades e forças mais profundas desenvolvidas, então se ultrapassa o sentido da padronização e da socialização impostas por uma minoria para com a maioria com o simples objetivo de manipular e controlar as massas. O resultado de elevação de cada sujeito é a autonomia no pensar e no agir: pensar por conta própria e escolher aquilo que entende ser o melhor para si, a partir de

² “O termo *formação cultural* está intrinsecamente adjudicado com cultura (*Kultur*); são praticamente equivalentes. Só que, enquanto *Kultur* tende a se aproximar das realizações humanas objetivas, *Bildung* vincula-se mais às transformações decorrentes na esfera subjetiva.” (ZUIN, 2001, p. 56).

sua formação subjetiva. A aplicação da *Bildung* nada mais é que uma espécie de incentivo à revolução contra as forças dominantes

A Escola de Frankfurt³ teve dois momentos em sua Teoria Crítica, os quais revelaram visões diferentes para com o projeto da *Bildung*. No primeiro momento de sua teoria viam o desenvolvimento da *Bildung* dentro do social; esta fase é descrita por Gur-Ze'ev (2006, p. 08) como “utopia positiva”. É o momento em que a *Bildung* é vista como projeto político revolucionário:

Nesta primeira fase de desenvolvimento, os teóricos críticos tinham uma orientação marxista explícita. Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm, Loewenthal e seus colegas rejeitavam a tradição da *Bildung* de orientação idealista e negavam a legitimidade de qualquer reflexão sobre a sociedade ou de formação da filosofia que fosse separada de seu contexto social. Eram ambições científicas e revolucionárias. (GUR-ZE'EV, 2006, p.8).

Nessa fase, a Teoria Crítica concebe o sujeito como totalmente dependente das condições sociais em que vive e que essas, por sua vez, o influenciam, portanto, para que o indivíduo alcance a sua emancipação⁴, é necessária uma mudança na totalidade social. Entendia-se que essa nova sociedade levaria o sujeito a uma condição de vida mais humana, digna e, conseqüentemente, a emancipação.

No segundo momento, a visão da *Bildung*, da Teoria Crítica, revela uma posição bastante diversa da primeira. O otimismo utópico, no qual se via a possibilidade de revolucionar a totalidade social, cai para uma atitude pessimista, onde a ênfase é a “interioridade do indivíduo [...] e a essência do ser” (GUR-ZEV'EV, 2006, p. 8). A revolução é deixada de lado e a crítica se volta para as insuficiências do marxismo ortodoxo. Eles, porém,

³ Optou-se, no presente trabalho, por não descrever o que é a Escola de Frankfurt, pois se entende que existem livros, tais como *Imaginação Dialética*, de Martin Jay, que podem contribuir de forma significativa para a compreensão detalhada do assunto.

⁴ Nesse primeiro momento da Teoria Crítica, Adorno e Horkheimer baseavam suas interpretações sobre a sociedade a partir de uma orientação claramente marxista, que via a necessidade de emancipar o sujeito. O termo emancipação está intimamente ligado à teoria marxiana da superação da lógica do capital e da sociedade capitalista. A presente dissertação trabalhará, no entanto, com o segundo estágio da Teoria Crítica, que enfatiza a subjetividade do ser, sua essência e interioridade, portanto esse indivíduo deve alcançar autonomia e autodeterminação, ou seja, ele deve alcançar a maioridade, deixando a menoridade de lado. Kant, no texto *Beantwortung der Frage: was ist Aufklärung?* Usa os termos menoridade (*Unmündigkeit*) e esclarecimento (*Aufklärung*). Adorno fundamentou suas obras sobre educação de modo bem claro em Kant, no entanto usou dois termos diferentes: Barbárie (*Barberei*) e Maioridade (*Mündigkeit*). Apesar de Kant e Adorno não usarem o par de termos *maioridade e menoridade* em suas obras, a presente dissertação trabalhará com tal par, pois se entende que o par de conceitos em questão tem proximidade e o mesmo teor conceitual, pois o que está em jogo é a autonomia e a autodeterminação.

[...] não haviam rejeitado o ambicioso projeto de origem: a união final da teoria crítica com a prática revolucionária. Na década de 1940, entretanto, a Escola de Frankfurt começou a ter sérias dúvidas sobre a viabilidade dessas sínteses. Seus interesses continuaram interdisciplinares, mas as mediações entre sua teoria, as pesquisas empíricas e a práxis política tornaram-se cada vez mais problemáticas. (JAY, 2008, p. 317).

Ao perceberem que o projeto marxista original, de união de teoria e práxis, poderia não se efetivar na realidade dos anos de 1940, os filósofos frankfurtianos começaram a enfatizar a essência do ser e perceberam que seria necessário se voltar para educação dentro da visão tradicional da *Bildung*⁵. Essa mudança ocorreu, pois tanto Adorno como Horkheimer perceberam a impossibilidade da concretização do primeiro projeto, já que entenderam a situação histórica na qual estavam inseridos e que era dominada pela lógica capitalista, lógica que se tinha se infiltrado em todas as dimensões e níveis da vida, produzindo uma racionalidade instrumental. Sem dúvida nenhuma Adorno compreendia que:

[...] todo esforço da teoria, no entanto, torna-se vazio sem a práxis capaz de mudar a situação social que a atazana. Adorno estava consciente disso. Nunca viu na teoria, tampouco na maior crítica, um substituto da práxis. Mas nunca cedeu, apesar das pressões sofridas até os últimos ofegos da vida, à tentação de convertê-la em uma celebração apressada de supostas práxis revolucionárias. [...] Ele não fez senão exigir um grau de reflexão crítica sob as condições objetivas de tais ações, que percebia ausente em muitos atores da revolta. (ZAMORA, 2008, p. 15).

Adorno buscava conscientizar os autores das revoluções sobre as condições objetivas de suas ações, pois estas redundariam em imediata transformação da práxis social, para que só assim pudesse haver de fato a mudança social. Os filósofos Adorno e Horkheimer compreenderam, porém, que havia impedidores em sua época, e hoje também, para que os ideais do Esclarecimento e da *Bildung* se realizassem, pois “[...] a vida de cada indivíduo – o que inclui os mais íntimos impulsos e necessidades que na modernidade configuram a esfera privada ajusta-se aos imperativos de uma racionalização total da condição humana” (GUR-

⁵ Rosane Suarez escreve um artigo, baseado no artigo *Bildung et Bildungsroman*, na revista de Filosofia *Kriterion*, onde apresenta um breve estudo sobre a palavra alemã *Bildung* e ao mesmo tempo mostra o que significa, de maneira ampla, o projeto original da *Bildung*: “O conceito é desenvolvido em cinco etapas: *Bildung* como trabalho, como viagem, como tradução, como viagem à Antiguidade e como prática filológica.” O homem se forma pelo seu trabalho. Além disso, se percebe que o homem se forma num processo dinâmico, como numa viagem onde ele busca se reencontrar a si mesmo. A formação como tradução é a *Übersetzung*, forma de lançar-se-além-de-si. Onde por meio de traduções dos escritos dos estrangeiros foi possível uma espécie de encontro com o estranho. As traduções colaboraram em muito na formação cultural europeia. E por fim a formação como viagem à Antiguidade é um encontro com os escritores antigos que escreveram os clássicos da literatura e se tornaram *Vorbild*, modelo, para a Alemanha. Esse projeto original da *Bildung* é um formar-se em todas as áreas para poder proporcionar crescimento ao ser humano.

ZEV'EV, 2006, p. 9). O ser humano foi envolvido de tal forma que não consegue mais esquivar-se das manipulações e dos imperativos do sistema.

Esta constatação levou a um pessimismo que faz com que os filósofos abandonem a via da revolução e se voltem para a educação conscientizadora⁶, pois esta poderia formar sujeitos autônomos que não sucumbiriam “à fragmentação da consciência da alienação” (GUR-ZEV'EV, 2006, p. 10). A alienação⁷ permite a padronização dos seres humanos e então a (ir)racionalidade começa a grassar entre tal sociedade de tal forma que aqueles que resistem ao aumento de juros à custa da miséria alheia, dentro de tal visão, são considerados irracionais; também são considerados irracionais os que procuram diminuir os acidentes de trânsito fatais, caso tal fato viesse a afetar o transporte eficaz nas rodovias.

A alienação e a irracionalidade atingiram as ideias humanistas e as possibilidades de reflexão e autoconstrução. Esses ideais não apenas foram abalados pela artilharia capitalista, mas foram totalmente desacreditados ao ponto de se terem tornado irrelevantes. A reflexão passa a desempenhar um papel importantíssimo dentro de tal configuração social, pois ela passa a ser “[...] a primeira manifestação de resistência à reificação, ao *continuum*, ao insignificante, à hegemonia do *status quo*” (GUR-ZEV'EV, 2006, p. 10).

Entretanto a utopia positiva da *Bildung* tornou-se impraticável dentro de tal sistema, pois

[...] o sujeito enquanto Ser e a totalidade do sistema tornaram-se idênticos e, assim, impedem a *Bildung* ou a reflexão crítica, pois a reflexão como transcendência torna-se impossível na ausência de um sujeito autônomo que realize sua alteridade na ausência da alienação e em face da demolição dos significantes-chave da transcendência. Isto entra em contraste com a promessa do Esclarecimento e com o impulso da *Bildung* em possibilitar que homens e mulheres se tornem diferentes daquilo que são manipulados para ser. (GUR-ZEV'EV, 2006, p. 11).

A sociedade passou a ser um espaço racionalizado, lugar onde o ser humano perdeu sua humanidade, sendo cada vez mais padronizado e praticamente “engolido” pelo sistema, de forma que, por vezes, parece se ter tornado impossível recuperar o projeto da *Bildung*. Entretanto, os filósofos frankfurtianos não desistiram de lutar pelo “[...] compromisso

⁶ O assunto será abordado no terceiro capítulo.

⁷ Este conceito de alienação foi descrito por Marx em seus *Manuscritos Econômico-Filosófico*, em 1844. Em primeiro lugar, o indivíduo se aliena do seu trabalho e de sua produção, pois as riquezas que ele produz não são suas e também não participa das escolhas que trazem a existência às mesmas. Quando começa a se afundar na pobreza, o homem se aliena de seu semelhante, pois vive num sistema econômico de competição e então os seres humanos lutam um contra os outros. Por fim, o homem se aliena de si mesmo como ser humano, pois sua natureza foi pervertida pelo sistema econômico. (SCHÜTZ, 2008, disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/087/87schutz.htm>>).

emancipatório do Esclarecimento e a missão da *Bildung* [...] O exílio do *Eros* e o esquecimento do imperativo em tornar-se uma pessoa para transcender o processo de reificação como padronização tornaram-se o principal desafio ao projeto frankfurtiano” (GUR-ZEV’EV, 2006, p. 11).

É a partir de tal visão que se desenvolve o primeiro capítulo, buscando mostrar que a formação cultural passa por um processo⁸ de Esclarecimento do sujeito, fato que encontra amplo apoio na primeira frase do texto *O Conceito do Esclarecimento*, que nos diz sobre o “amplo progresso do pensamento” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, 17, grifo nosso). Sem dúvida, a sociedade progrediu e se desenvolveu em conjunto com o pensamento, pois saíram de um estado mítico para racional, mas que retornaram ao mito quando “endeusaram” o método, o número e o cálculo. Esse retorno ocorreu porque o ser humano, ao se valer de sua razão, ponto nefrálgico para os frankfurtianos, ora caminhava na razão objetiva ora na razão subjetiva, por isso é necessário a correta relação entre subjetividade e objetividade, para levar o sujeito à maioria, que é o objetivo central da *Bildung*.

1.1 ESCLARECIMENTO

O *esclarecimento*, tal como abordado por Adorno e Horkheimer, não se reduz à época das Luzes, ao Iluminismo, ou seja, a apenas um período restrito da história da humanidade, mas a uma tendência do mundo ocidental. O termo deu nomes ao desconhecido na natureza e formulou histórias explicativas para os fenômenos da natureza, na tentativa, consciente ou inconsciente, de controlar a natureza e de se livrar do medo que o mundo natural infligia ao homem.

Por isso é possível dizer que o esclarecimento é o primeiro estágio da formação cultural, pois ele marca a saída dos homens de um estágio mítico para um estágio racional; tal ideia já encontra lastro em Guido Antônio de Almeida (1985a, p. 7-8, grifo nosso), tradutor da *Dialética do Esclarecimento*, o qual percebeu na palavra alemã *Aufklärung*, traduzida para o português como “esclarecimento”, a ideia, tanto em alemão como em português, de um “[...] processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de

⁸ Ao se utilizar a palavra “processo” e “estágio” não se está eliminando a dialética e o seu papel fundamental na formação cultural, apenas mostra-se que “Horkheimer e Adorno tentaram reconstruir a história da cultura humana como uma história do esclarecimento, e, portanto, como uma história da razão. Para eles, a razão significa a habilidade de se libertar de um vínculo pré-reflexivo com a natureza e diferenciar-se dela” (PEUKERT, 1996, p. 416).

ordem prática”. Na própria palavra esclarecimento se percebe o “[...] *processo* pelo qual, ao longo da história, os homens se libertaram das potências míticas da natureza, ou seja, o *processo* de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência” (ADORNO, 1985a, p. 8, nota do tradutor, grifo nosso). Percebe-se a mesma ideia em Schütz, pois, para ele,

[...] o *processo* histórico da humanidade é marcado por diversos aspectos na mudança do comportamento dos pré-hominídeos. Em grande escala, o resultado de pesquisas e estudos antropológicos nos atestam que as mudanças ou transições (que certamente levaram milhares de anos) como do isolamento à vida em grupo, do nomadismo ao sedentarismo, da caça, pesca e coleta aleatórias à domesticação sistemática de plantas e animais, são fatores que (entre outros) desencadearam o *processo histórico cultural da formação da humanidade*, também chamado de “passagem à civilização” (SCHÜTZ, 2004, p. 128, grifo nosso).

Se houve um momento em que o ser humano se libertou das forças míticas e caminhou para um processo de esclarecimento, então se percebe que isso nada mais foi e é que um processo formador do sujeito.

Adorno e Horkheimer, em seu livro *Dialética do Esclarecimento*⁹, procuram descobrir/entender como a humanidade, após passar por longo período de *Aufklärung*¹⁰, ou seja, de esclarecimento, não passou a um verdadeiro estado de humanidade, e como ela, sob o signo do esclarecimento, pôde cair na mais terrível de todas as barbáries: Auschwitz. Esse fato levou Adorno (2006, p. 119) à seguinte declaração: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”.

Para os filósofos Adorno e Horkheimer, que procuraram investigar a autodestruição do esclarecimento, a liberdade em uma sociedade e o pensamento esclarecedor são coisas inseparáveis, por isso a importância de se velar para que esses valores não se contaminem com o germe destruidor da regressão que está contido no próprio conceito desse pensamento, pois “[...] a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 41). A razão totalmente esclarecida regrediu a um estágio inferior, pois não acolheu dentro de si a reflexão sobre o elemento/germe destrutivo do progresso.

⁹ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

¹⁰ “Em Adorno e Horkheimer, o termo é usado para designar o processo de 'desencantamento do mundo', pelo qual as pessoas se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela. Por isso mesmo, o esclarecimento de que falam não é, como o iluminismo, ou a ilustração, um movimento filosófico ou uma época histórica determinados, mas o *processo* pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia e na ciência.” (ADORNO, 1985a, p. 7-8, nota do tradutor, grifo nosso).

Dessa forma, por exemplo, a humanidade esclarecida sacrificou a cultura teórica no altar do cientificismo e começou a regular todas as relações a partir desse grande deus chamado ciência, pois a sociedade, da época dos filósofos frankfurtianos, estava caminhando a passos largos para um mundo cada vez mais administrado e tecnificado, o qual não conseguiu se aperceber que havia pontos regressivos no interior da racionalidade que abraçara.

No momento em que foi abandonada a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento se pragmatizou e, conseqüentemente, perdeu seu componente superador e logo sua relação com a verdade¹¹. Tal fato manietou a “compreensão do pensamento teórico atual” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 13) das pessoas. Isso levou a uma progressiva tecnificação do pensamento humano, o qual não consegue mais pensar de forma teórica e livre, pois os seres humanos, em sua grande maioria, foram educados a partir das tecnologias que surgiram com o desenvolvimento da ciência. A partir de então as massas passaram a ser manobradas ao bel-prazer dos grandes monopólios que eram detentores da técnica

O que aconteceu foi a regressão a um novo estágio mítico da humanidade, pois o esclarecimento ficou paralisado, e assim se instalou o medo à verdade. A partir de então, o que guia a humanidade são os fatos já pré-moldados e que atuam como clichês na ciência, nos negócios, na política, na arte, na filosofia e na literatura. Esses clichês não são questionados, pois muitos têm medo de serem rotulados como desviados socialmente ao contestarem as formas dominantes de pensamento; entretanto a atitude de consentimento leva a uma situação de submissão e, em seguida, se instala a cegueira de espírito.¹²

Tal fato levou os filósofos em questão a se valerem de uma linguagem não usual, pois estavam cientes de que não poderiam utilizar a linguagem desgastada para recomendar o novo, pois poderiam, com isso, apenas reforçar a ordem existente. A incompreensão de tais fatos tem levado muitos a taxarem os pensadores frankfurtianos de incompreensíveis ou de elitistas. Na verdade, porém, estavam apenas tentando romper com a ordem existente que se tinha mitificado. Essa ordem, por sua vez, apresentava uma falsa clareza e que permitia a

¹¹ Adorno e Horkheimer, em muitas passagens, falam sobre a verdade sem a definir, entretanto no prefácio da *Dialética do Esclarecimento* sinalizam sobre o que entendem por verdade: “Assim como o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto da encarnação de sua Idéia em pessoas e instituições, assim também a verdade não significa meramente a consciência racional, mas, do mesmo modo, a figura que esta assume na realidade efetiva” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 13).

¹² “Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 13).

continuação da dominação; assim, o existente mitificado apresentava um lado obscuro e iluminante ao mesmo tempo, permitindo certa familiaridade, pois o mito sempre carregou dentro de si tal verdade, e assim as pessoas sujeitas a ele ficam dispensadas de pensar, pois tudo passa a ser avaliado a partir do ponto de vista mítico ou matemático.

Busca-se, portanto, na presente seção, analisar como se deu essa passagem do mito à razão e como que a razão regrediu a um estado mitológico quando tudo indicava que a humanidade poderia desfrutar de uma vida melhor.

1.1.1 Do Mito à Razão

Os homens, ao se valerem do esclarecimento para se tornarem senhores de uma natureza que lhes infligia medo, procuraram eliminar todos os mitos. Com isso substituíram a imaginação pelo saber técnico e assim acabaram por desencantar o mundo e a instrumentá-lo; entretanto, “[...] a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 17). Tal calamidade pode ser observada na materialização desse saber, em invenções como o canhão, a bússola e a imprensa; isso porque não houve uma correta direção na junção do entendimento humano com a natureza das coisas; o que houve foi um acasalamento com “conceitos vãos e erráticos” (ADORNO & HORKHEIMER, apud BACON, 1985, p. 17), ou seja, o conhecimento se tornou em mera técnica.

As invenções citadas acima demonstram que elas operaram mudanças na ciência, na guerra, nas finanças, no comércio e na navegação. O canhão, em seu aperfeiçoamento, tornou-se avião de caça e em mísseis teleguiados, os quais ajudaram a destruir inúmeras vidas humanas; a bússola orientou os homens para novas conquistas e no aumento do capital, mas a consequência foi a destruição da natureza e o aumento das misérias humanas; a imprensa, que mais tarde se integrou ao sistema de indústria cultural, foi a responsável em transformar o esclarecimento em mera ideologia e ainda conseguiu ser a agência de manipulação das massas.

Para Adorno e Horkheimer (Apud BACON, 1985a, p. 17), “[...] a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida [...]” e é nesse homem que existem várias coisas guardadas que não podem ser compradas pela riqueza dos reis, nem mesmo pela força que os reis detêm. Esse ser humano, dotado de entendimento e se valendo do esclarecimento para

dominar a natureza, percebeu que é na força da matemática, do número, que reside a força da ciência. Ela age sobre a natureza como se fosse um simples objeto e então a manipula para a direção que quer. A ciência, dentro dessa concepção, é democrática, pois “[...] está a serviço de todos os fins da economia burguesa, na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa a sua origem” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 18).

Esse saber é guiado pela técnica e tem como fim último a questão do método e a utilização da mão de obra do outro, ou seja, o capital. O objetivo do homem, em relação à utilização dessa técnica, é a dominação cada vez maior da natureza e dos homens em seu próprio benefício. É esse o fato que levou o ser humano, guiado pela ciência, a não mais se interessar pelos mitos e por conceitos que guardavam ainda ideias como respeito, justiça, direito e dignidade (além de outros, é claro), mas seu interesse se voltou para um procedimento que seja eficaz para prover uma vida melhor. Agora o que importa para esse novo homem e sua nova concepção de mundo

[...] não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas a *operation*, o procedimento eficaz. Pois não é nos discursos plausíveis capazes de proporcionar deleite, de *inspirar respeito ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem em quaisquer argumentos verossímeis*, mas em obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhorar e auxiliar a vida, que reside o verdadeiro objetivo da ciência. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 18, grifo nosso).

Para que a vida pudesse ser melhorada com a nova ferramenta chamada ciência e com os procedimentos eficazes que ela desenvolvia, toda a ideia mítica e conceitos que ainda guardavam alguma ligação com o pensamento mítico deveriam ser destruídos, ou seja, o mundo teria que ser desencantado¹³, e isso implicava quebrar a ordem que reinava para poder sujeitar todas as coisas à uniformidade, e assim não havia mais nenhuma distinção “[...] entre o animal totêmico, os sonhos do visionário e a Idéia absoluta” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 18). Aos poucos as diferenciações eram eliminadas e o princípio do valor de troca começava a sobrepor-se ao princípio do valor de uso.

O homem, em seu caminho para a dominação da natureza interna e externa, desmistificou a natureza, e assim os antigos meios utilizados para a explicação dos fenômenos naturais foram substituídos por novos. Não mais valem explicações que têm por base a força dos deuses ou dos demônios e dos rituais que tinham por objetivo influenciar e controlar a

¹³ “Os conceitos de racionalização e de desencantamento do mundo foram introduzidos de maneira sistemática na teoria social por Max Weber” (NOBRE, 2008, p. 286).

natureza. Assim, tudo aquilo “[...] que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 19).

Pode-se dizer que, a partir do momento em que o esclarecimento não mais sofreu nenhuma interferência e intimidação externa, nada mais o pôde segurar. As resistências espirituais que ainda encontrou pela frente foram na verdade meios de se tornar cada vez mais forte, pois o esclarecimento conseguia se identificar em cada mito que destruía. Assim ele se tornou totalitário, ou seja, tende a eliminar tudo o que não seja idêntico aos parâmetros previamente definidos por ele.

Ao se tornar cada vez mais forte, o esclarecimento percebeu que as questões mitológicas na verdade tratavam da subjetividade humana projetada na natureza. Tudo aquilo que os homens denominaram como demônios, espíritos, sobrenatural, etc., na verdade, de acordo com o esclarecimento, não passava de projeção da subjetividade humana na natureza que os amedrontava. Pelo fato de o homem ser o articulador dos seus próprios medos, ele precisa se dar conta da necessidade de subjugar seu próprio ser e a natureza à questão da unidade, pois “[...] o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 20).

Os mitos que foram solapados pelo poder do esclarecimento já tinham dentro de si o mesmo poder que o esclarecimento auferia a si mesmo, pois já “[...] o mito queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 20). Com o passar do tempo, os mitos, que eram uma espécie de conhecimento precário e duvidoso, dogmatizaram-se, ou seja, aquilo que era apenas uma opinião, um relato, passa a fixar-se e torna-se autoridade. Por um lado, tal fato trouxe alívio para os seres humanos, pois eles não suportam a dúvida, precisam de certezas para viver e, quando se “[...] elimina[-se] a tensão [...] de um ponto de vista psicológico, é gratificante. O preço? A solidificação do real, a solidificação da experiência, o dogmatismo e o autoritarismo” (ALVES, 1982, p. 92). Os mitos deixaram de ser relatos e petrificaram-se, ou seja, passaram a ser uma doutrina, isto é, houve uma dogmatização dos mitos.

Esses novos dogmas, fundados no impulso da dominação, passaram a orientar as sociedades em suas ações cotidianas. Isso era uma forma de se proteger diante do poder da natureza, pois esta trazia sofrimentos aos seres humanos, que reconheciam suas limitações diante de tal potência e se viam fragilizados. É justamente por isso que tinham construído um

sistema explicativo baseado no sobrenatural, pensando que, dessa forma, poderiam dominar a natureza por meio de rituais e de oferendas.

Para que o ser humano pudesse prevalecer diante dos deuses relatados pelos mitos deveria então a eles se submeter sem restrição. Assim, percebe-se que o sujeito somente conseguia se livrar do jugo dos mitos no momento em que reconheceria que é o poder que rege todas as relações humanas. O homem se torna soberano sobre a natureza no momento em que se reconhece como senhor e dominador, no momento em que se vê na posição de senhor, na posição de comando.

Foi assim que o mito se transmutou em esclarecimento e a natureza passou a ser um mero objeto de estudo, um objeto morto à disposição do “eu”, e “[...] o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 21). O que esses homens querem descobrir é como dominar cada vez mais a natureza. No processo de desmitologização houve uma submissão irrefletida aos mitos, pois, assim como os feiticeiros, em seus rituais repetitivos e em seus encantamentos, buscavam dominar a natureza ou afugentar algum espírito de enfermidade ou algo semelhante, assim homens esclarecidos acabaram por imitar o processo de explicar, relatar, expor e denominar para subjugar a natureza da mesma forma que o mito tinha intenção de fazer.

Mais semelhanças podem ser vistas entre o mito e o esclarecimento. Os feiticeiros tinham a certeza de estarem fazendo um mal a seu inimigo na medida em que manipulavam algum objeto pertencente a ele. Pensavam que aquilo que acontecia ao fio de cabelo afetava todo o corpo, ou seja, pensavam que, ao manipular alguma parte da vítima, eles a atingiriam por inteiro. Ainda havia os rituais de sacrifícios substitutivos, ou seja, no lugar da filha do chefe, a escrava era sacrificada ao deus. Tais semelhanças podem ser vistas nos laboratórios modernos, onde os cientistas, apesar de supostamente terem descartado a Deus, fazem suas cobaias passarem pelo altar da ciência em prol de um aparente bem maior, isto é, não permitir que alguma doença atinja toda a humanidade. Dessa forma, a indústria farmacêutica garante seus lucros e agrada o deus capital.

Assim os homens continuam no mesmo caminho do mito e da magia, atuando por meio das repetições e da fungibilidade universal¹⁴; desejam dominar a natureza, entretanto agora com um instrumento mais eficaz que a magia, isto é, a ciência. Para que tal empreitada

¹⁴ “Isto é, a representação de uma porção de matéria, de uma molécula de oxigênio, por exemplo, seria a mesma em qualquer canto do universo (e não mais estabelecida por uma relação *ad hoc*, como na magia” (DUARTE, 2002, p. 30).

tivesse êxito, “[...] foi preciso, primeiro, que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos, como ocorre no ego ajustado à realidade” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 23), pois, a partir do momento em que os pensamentos se distanciam dos objetos, é possível observá-los de modo científico e exercer “poder” sobre eles e então utilizá-los do modo correto. E assim houve a substituição das práticas do curandeiro pela técnica da indústria universal.

O homem, em sua ânsia de submeter o mundo ao seu domínio, parece ter destruído todos os mitos, mas não se apercebeu que acabou por seguir os mesmos passos que a mitologia seguiu para alcançar o mesmo propósito. A partir de tal semelhança, o esclarecimento pode se medir com o próprio mito, mas numa relação de linguagem, e então a

[...] própria mitologia desfecha o processo sem fim do esclarecimento, no qual toda concepção teórica determinada acaba fatalmente por sucumbir a uma crítica arrasadora, à crítica de ser apenas uma crença, até que os próprios conceitos de espírito, de verdade, e até mesmo de esclarecimento tenham-se convertido em magia animista. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 23).

Na medida em que o esclarecimento tenta desbancar o mito, nessa mesma medida acaba por cair nas redes que tanto criticou, ou seja, as explicações mitológicas para os fenômenos da natureza que infligem medo ao homem. Assim, o que o esclarecimento tentou negar, destruir e elucidar acabou por engolfá-lo novamente e, desta maneira, o esclarecimento acabou ficando enredado com o mito, isto porque os conceitos, e até o conceito de esclarecimento, passaram a ser vistos com entidades mitológicas e logo passaram a ser endeusados

Segundo Adorno & Horkheimer (1985a, p. 23), “[...] do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia”. Ou seja, na medida em que ele tenta desmitologizar acaba por imitar a estrutura explicativa do mito, pois “[...] o princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 23).

Os autores fazem uma citação indireta de um texto bíblico¹⁵, e o criticam, para demonstrarem que existe um perigo ao se querer igualar tudo com tudo, pois o diferente acaba sendo igualado. Dessa forma se acaba eliminando o incomensurável e assim as qualidades são

¹⁵ O que foi, isso é o que há de ser, e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há novo debaixo do sol. Eclesiastes 1: 9 (BÍBLIA, 1996, p. 598).

dissolvidas no altar da quantificação, dissolução tão apropriada aos valores de troca da economia de mercado; e os homens são forçados à real conformação. Em decorrência, os homens acabam pagando um alto preço, pois o mercado não se interessa pela origem das pessoas sob o pretexto de uma pretensa igualdade que, na verdade, lhes rouba as capacidades inatas e as força a se moldarem para a “[...] produção das mercadorias que se podem comprar no mercado” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 24).

Os indivíduos precisam negar-se a si mesmos para poderem se inserir na unidade da coletividade, que, por sua vez, é expressão de uma igualdade repressiva. Toda repressão sobre a sociedade e o indivíduo é uma busca pelo controle da natureza interna e externa, que os homens buscam fazer por meio de imposições a ela, mas quanto mais a tentam controlar e romper, mas caem submissos ela.

Nessa tentativa de manipular e controlar a natureza, os homens se valeram da abstração para agirem sobre a natureza desencantada como um simples objeto, mas o

[...] domínio nivelador do abstrato, que transforma todas as coisas na natureza em algo de reproduzível, e da indústria, para a qual esse domínio do abstrato prepara o reproduzível, os próprios liberados acabaram por se transformar naquele “destacamento” que Hegel designou como o resultado do esclarecimento. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 24).

Assim como um senhor conquista algo por meio do dominado, assim a abstração exerce um poder sobre a nova maneira de viver, *modus vivendi* novo que se inaugurou com o fim do nomadismo, pois nesse período os homens se organizaram e passaram a dirigir os outros e os subjugar a distância. Isso só foi possível devido à organização social e à divisão do trabalho. Tal fato influenciou o “eu” do indivíduo, o qual assimilou a ordem e a subordinação a partir do mundo real e assim acabou por tornar tabu todo o conhecimento que atingia o objeto, pois a abstração, que é o “[...] instrumento do esclarecimento, comporta-se com seus objetos do mesmo modo que o destino, cujo conceito é por ele eliminado, ou seja, ela se comporta como um processo de liquidação” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 24).

A partir do momento em que sujeito e objeto são distanciados, a abstração nivela todas as coisas e as torna algo reproduzível, e as diferenciações e os opostos não ficam mais nitidamente separados. Isso pode ser observado nas relações de cumplicidade que os deuses olímpicos e os subterrâneos mantinham, bem como as potências do bem e do mal. Esta divisão obscura entre tais deuses era vista como um vir-a-ser de vida e morte, inverno e verão.

Isso apenas demonstra que houve uma duplicação na natureza entre a essência e a aparência. Essa duplicação permitiu o surgimento tanto do mito como da ciência, que são

ambas as expressões do medo do homem convertidas em explicações. A partir desse momento tudo precisa passar pelo crivo da explicação, pois o homem não suporta o desconhecido: aquilo que não se submete à dominação. Assim é que se inicia o caminho da desmitologização em favor do esclarecimento, pois “[...] nada mais pode ficar de fora, porque a simples idéia do 'fora' é a verdadeira fonte da angústia” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 26).

Essa nova fase na humanidade, onde os homens procuram explicar tudo para não caírem sob o jugo do medo, é um período onde as referências quantitativas passam a reinar, pois o que é a explicação se não a redução do diverso, do incompreendido e do desconhecido ao igual, ao simples, ao unitário. Assim a humanidade passou de um estágio de caos para a civilização, onde não mais os poderes da natureza exercem sua força de maneira direta sobre os homens, mas através da consciência destes, ou seja, por meio de explicações lógicas. A passagem do caos para a civilização foi paga com a adoração daquilo a que os homens já estavam submetidos, ou seja, o fetiche da igualdade/equivalência, pois agora a própria igualdade torna-se um fetiche a ser adorado

Essa igualdade/equivalência já era observada na questão da doutrina dos sacerdotes na qual coincidiam signo e imagem. Tal fato é passível de observação nos hieróglifos, pois, no princípio, a palavra também exerceu a função de imagem, e esta, por sua vez, passou aos mitos, que, assim como a magia, têm em vista a natureza que se repete na efetuação do símbolo. O conteúdo do símbolo, por sua vez, é a questão da permanência do significado e da renovação infinita. Os deuses que ainda exerciam alguma função simbólica foram desbancados com a chegada do esclarecimento, o qual os transformou em simples fantasias.

O esclarecimento consegue separar a ciência e a poesia e essa separação se estende à linguagem. Nessa nova fase, o que chega à ciência é apenas o signo e não mais a palavra como imagem. Assim,

[...] enquanto som, enquanto imagem, enquanto palavra propriamente dita, ela se vê dividida entre as diferentes artes, sem jamais deixar-se reconstruir através de sua adição, através de sinestesia ou da arte total. Enquanto signo, a linguagem deve resignar-se ao cálculo; para conhecer a natureza, deve renunciar à pretensão de ser semelhante a ela. Enquanto imagem, deve resignar-se à cópia; para ser totalmente natureza, deve renunciar à pretensão de conhecê-la. Com o progresso do esclarecimento, só as obras de arte autênticas conseguiram escapar à mera imitação daquilo que, de modo qualquer, já é. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 27).

Essa separação entre arte e ciência, como domínios culturais, faz com que tanto uma como a outra possam ser administráveis e passam a ser vistas como domínios opostos devido às suas próprias tendências. Essa separação entre signo e imagem que acabou por afetar a

ciência e a arte é inevitável, mas, se ela for hipostasiada, percepção falsa, numa atitude que foi inconsistente e autocomplacente, então esses princípios isolados, signo e imagem, poderão destruir a verdade.

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985a, p. 28), a filosofia “percebeu o abismo que se abriu” entre a separação do signo e da imagem, numa relação entre intuição e conceito, e tentou em vão fechá-lo. Os filósofos destacam que essa separação já pôde ser observada no momento em que Platão banuiu a poesia e os positivistas baniram a doutrina das Ideias e destacam ainda que Homero não fez nada no âmbito material. Tais fatos apontam para a necessidade de a arte demonstrar sua utilidade.

A arte, em muitas ocasiões, foi ligada à magia, pois tanto uma como a outra eram tidas como imitações e “[...] a imitação está proscrita tanto em Homero como entre os judeus. A razão e a religião declaram anátema o princípio da magia” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 28). Tais fatos nos mostram que a arte tem algumas ligações com a magia no que se refere ao seu princípio, isto é, o princípio da imitação. Todos aqueles que praticam a arte ou a magia são vistos pela sociedade como vagabundos que não encontram pátria. A partir do novo paradigma, o esclarecimento, a natureza não deve mais ser influenciada pela assimilação, mas deve ser dominada pelo trabalho.

A relação entre arte e magia ainda continua no âmbito da delimitação que ambas fazem. O feiticeiro primeiramente delimita a área onde as forças sagradas devem agir. O artista também delimita a sua área de atuação. Assim, quando a obra de arte está concluída, ela apresenta

[...] aquilo em que se converteu, na magia do primitivo, o novo e terrível: a manifestação do todo no particular. Na obra de arte volta sempre a se realizar a duplicação pela qual a coisa se manifestava como algo de espiritual, como exteriorização do mana. É isto que constitui sua aura. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 28).

Pelo fato de a arte querer expressar a totalidade ela acabou por reclamar a pretensão do absoluto. Para se contrapor a essa concepção, os filósofos Adorno e Horkheimer citam Shelling e destacam que a arte entra em ação toda vez que o conhecimento desampara os homens, pois, para Shelling, a ciência deve chegar onde a arte já está. Os burgueses poucas vezes deram confiança à arte, e, quando o permitiram, foi para abrir um espaço para a fé e não para a arte.

A religiosidade militante dos novos tempos se valeu da fé para tentar reconciliar o espírito e a vida, mas a fé é algo particular e assim ela pode acabar por se anular se não

destaca sua oposição ou sua concordância em relação ao saber. A fé, de acordo com os autores, foi utilizada para devolver à palavra sua força simbólica. O preço dessa tentativa foi a obediência à palavra, mas não à Palavra das Sagradas Escrituras, mas a uma palavra que não era sagrada.

Isso prendeu a fé ao saber como amiga ou inimiga. Ela acabou por perpetuar “[...] a separação na luta para superá-la: seu fanatismo é a marca de sua inverdade, a confissão objetiva de que quem apenas crê por isso mesmo não mais crê. A má consciência é a sua segunda natureza” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 29). Ciente de que existe alguma deficiência em seu interior, ela busca, por todos os meios, fazer da reconciliação sua vocação. Isso, segundo os autores, leva as pessoas a cometerem as grandes barbárie em nome da fé.

A questão que se desenvolve a partir deste momento é a do poder que surgiu com a questão do domínio do *mana*, que nada mais é que o grito de desespero do selvagem diante do medo que a natureza lhe inflige. Os feiticeiros percebem o mana e o dominaram por meio de ritos sagrados e os correlacionaram com os domínios do sagrado. A partir de então surge a dominação da natureza, dos espíritos e suas particularidades, mas isso revela que os feiticeiros aumentaram também seu poder diante da tribo, pois eles, pretensamente, dominavam o desconhecido. O sagrado foi transferido para os feiticeiros que lidam com ele.

Essa transferência foi o início da divisão da esfera do poder e do profano, pois “[...] nela o curso da natureza enquanto eflúvio do mana já está erigido em norma, que exige a submissão” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 30). Assim o poder ficou de um lado e a submissão do outro; e pouco a pouco se assimilou essa verdade por meio da repetição dos processos naturais recorrentes e sempre iguais que são inculcados nos homens como ritmo do trabalho tanto por tribos, governos e pela força.

Os símbolos passam a exercer a função de fetiche. A natureza que se repete é demonstrada nos símbolos, os quais acabam por confirmar a permanência da coerção social. Dessa forma, os filósofos Adorno e Horkheimer procuram estabelecer uma relação entre a dominação da natureza e a dominação do homem, por um lado por meio dos ritos e símbolos que davam a impressão de domínio, mas, por outro lado, a dominação do homem por meio da realidade social e da divisão do trabalho, que já encontrava seu correspondente na organização da tribo.

O processo social de dominação tem sua culminância na divisão do trabalho, divisão a qual acaba por contribuir para a continuação da dominação. Mesmo que todos os membros da sociedade tenham um grande poder, esse poder acaba sempre sendo dirimido “[...] pela divisão do trabalho que a eles é imposta, por se agregar no sentido justamente da realização

do todo, cuja racionalidade é assim mais uma vez multiplicada” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 30-31). Todos são afetados por aquilo que alguns poucos acabam fazendo e assim o indivíduo acaba sendo subjugado pelo todo. Tal fato, dominação e unidade de coletividade, sedimenta-se nas formas de pensamento das pessoas.

As pessoas pensam por meio dos conceitos¹⁶ e foi por meio de conceitos que filósofos como Platão e Aristóteles explicaram o seu mundo. Esses conceitos foram cunhados na praça e expressavam tanto a igualdade como a desigualdade dos homens, das mulheres, das crianças e dos escravos. Os conceitos foram utilizados para uma dominação cada vez maior da sociedade, mas, quanto mais crescia a dominação, tanto mais os conceitos perdiam força e acabaram por sucumbir diante da ciência. Assim, o esclarecimento acabou não só destruindo os símbolos, mas seus substitutos, ou seja, os conceitos universais. Ninguém pode se sentir seguro diante do esclarecimento.

Na medida em que se percebe que o objetivo do esclarecimento foi o de destruir todo e qualquer mito e deus, para poder, na verdade, exercer o domínio sobre aquilo que trazia medo aos homens, ou seja, uma natureza desconhecida que, com seus influídos, era interpretada pelos homens como mana, mas que, na verdade, era a diversidade dela frente ao homem. Assim o pensar passou a ser visto a partir daquilo que foi utilizado como cânon para a interpretação e a dominação da natureza, ou seja, a matematização.

Toda a desmitologização foi um processo de interpretação e de dominação a partir da matemática. Assim tudo passou a ser medido por meio dessa vara sagrada, ou seja,

[...] o procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Apesar da autolimitação axiomática, ele se instaura como necessário e objetivo: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio denomina. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 33).

Com a matematização do pensamento houve a coisificação desse mesmo pensamento, que se igualou ao mundo e o fato se torna a única referência. Os homens passaram a perceber somente o imediatamente dado, aquilo que está dentro de uma esfera, a esfera matemática. Dessa forma, “[...] o esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar e o pensamento” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 33). Tudo o que o homem conseguiu com tal forma de pensamento foi confundir pensamento e matemática. Isso tem seu correlato na mitologia, pois, assim como, para o feiticeiro, era proibido ultrapassar o círculo mágico

¹⁶ Martin Jay afirma que os seres humanos pensam por meio de conceitos: “Uma das grandes distinções entre os homens e os animais era a capacidade de os primeiros pensarem conceitualmente, ao passo que os últimos não podiam ir além das percepções sensoriais imediatas” (JAY, 2008, p. 352).

traçado por ele, assim o cientista não busca ultrapassar a esfera daquilo que é definido por realidade a partir dos parâmetros definidos por ele mesmo, pois, para ele, isso é loucura, algo sem sentido, mas se, em ambos os casos tal fato chegar a acontecer, existe punição, pois houve um sacrilégio.

O pensamento matematizado agarrou-se fortemente à imediatidade e, assim,

[...] quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletia a essência da ordem existente – o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo – como a verdade e abdicara da esperança. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 34).

O homem, em sua tentativa de triunfar sobre a natureza que lhe infligia medo, se valeu do pensamento esclarecido e matematizado para superar explicações mitológicas sobre os fenômenos naturais. Tudo aquilo que não se encaixava em tal estrutura de pensamento era relegado ao exílio, entretanto ele não se apercebeu de que, em sua tentativa de desmitologização, acabou vitimado por aquilo que tanto queria destruir, ou seja, a estrutura do pensamento mitológico. Assim, o pensamento esclarecido acabou por se igualar ao mito e, no momento em que pensou que tinha superado o mito, acabou por se tornar um mito.

1.1.2 Da Razão ao Mito

Na seção anterior foi possível observar o movimento do pensamento esclarecido, que se voltou contra os mitos com o objetivo de destruí-los, para então inaugurar uma nova fase, em que houvesse o predomínio das ciências exatas, que atribuíam a si mesmas o poder de dominar a natureza por meio de métodos, técnicas e fórmulas. Ocorreu, porém, que, na busca de tal empreitada, o pensamento esclarecido, movido pelo impulso de dominação, acabou imitando os mesmos processos que o mito, que se constituía em uma espécie de esclarecimento/conhecimento, e acabou por mitificar-se. Tal fato nos leva a analisar, na presente seção, o processo de mitificação do pensamento esclarecido e suas consequências para os homens, para a sociedade e para a natureza.

Tanto as imagens míticas, bem como as fórmulas da ciência utilizadas para explicar o mundo e tentar dominá-lo, acabaram por reproduzir a eternidade do factual; com isso ambas as estruturas explicativas têm sua igualdade confirmada, pois tanto a ciência como o mito

acabam por fixar a realidade em ciclos. O mito explicava a mudança das estações como um rapto de Perséfone. Esse rapto era, no princípio, identificado com a morte da natureza. Tal fato se repetia a cada outono; com o passar do tempo, essas explicações se cristalizaram na mente e passaram a expressar o fato como ocorrido apenas uma vez no passado. A cada nova estação, ciclo da natureza, havia uma tentativa de aplacar, por meio de ritos, o medo da morte da natureza. Assim como o evento foi fixado no passado como que ocorrido apenas uma vez, assim o ciclo acaba expressando o inevitável, conseqüentemente o medo gerado desse acontecimento único do passado passa para os demais como uma mera repetição, e

[...] a subsunção do factual, seja sob a pré-história lendária, mítica, seja sob o formalismo matemático, o relacionamento simbólico do presente ao evento mítico no rito ou à categoria abstrata na ciência, faz com que o novo apareça como algo predeterminado, que é assim na verdade o antigo. Quem fica privado da esperança não é a existência, mas o saber que no símbolo figurativo ou matemático se apropria da existência enquanto esquema e a perpetua como tal.. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 35).

Pelo fato de o factual ter sido subordinado a explicações mitológicas ou científicas, o saber acabou sendo prejudicado, pois este se apropriou da existência enquanto esquema e assim o acabou por reproduzir. Isso apenas demonstra que as explicações, sejam matemáticas ou mitológicas, acabam por virar esquemas de explicações que limitam o saber, pois não conseguem olhar para fora do ciclo que parece ser inevitável. Em verdade, os homens não se apercebem de que são eles mesmos que limitam o saber por meio de fórmulas, de lendas e de mitos, e, assim, o novo aparece simplesmente como algo já predeterminado, sendo na verdade uma repetição do velho. E esse velho se repete a cada ano, a cada fenômeno.

O novo mundo esclarecido e subjogado por esquemas é dominado pela exatidão dos números. Os mitos, os deuses e os demônios foram expulsos e a existência passou a ser vista como um caráter numinoso, que antes era atribuído aos demônios. Tal fato levou à sacralização da injustiça social, assim como o feiticeiro era sacralizado alegando proteção dos deuses, ou seja, algo de inatingível. A dominação foi pouco a pouco fazendo parte do cotidiano dos homens, que acabaram não somente se alienando em relação aos objetos dominados, mas acabaram tendo seus espíritos coisificados resultando em um enfeitiçamento das relações de uns para com os outros, bem como para consigo mesmo. Operando quase da mesma forma, embora em sentido inverso ao animismo que dotava as coisas de alma, o mundo esclarecido acaba por coisificar a alma.

Sob a égide do esclarecimento, as coisas e os homens acabaram por assumir uma figura demoníaca. Tal figura remete à dominação que já predominava no passado sob a figura

do mana, e isso acaba por “[...] fascinar o olhar nas fantasmagorias dos feiticeiros e curandeiros” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 34). Assim como os homens sentiam pânico diante da natureza como totalidade, continuam a sentir pânico neste mundo “sem saída” e esperam que ele seja infestado por uma totalidade que eles mesmos constituem e sobre a qual nada podem fazer.

O esclarecimento não buscava simplesmente “aclarar” conceitos, mas voltava-se para todas as manifestações humanas que não visavam a autoconservação. E essa é a busca de toda a civilização ocidental, que construiu um eu lógico que passou a ser a instância legisladora da ação. Com a tentativa de eliminar tudo aquilo que não visa a autoconservação houve o reforço no processo de autoconservação e, conseqüentemente, maior alienação, e isso se deu devido à divisão burguesa do trabalho, e essa divisão, por sua vez, acabou por adestrar tanto o corpo como a alma do indivíduo em conformidade com todo o aparelho técnico.

A consequência lógica do processo técnico é a coisificação desse indivíduo adestrado em conformidade com toda a estrutura tecnificada, pois houve uma gradual eliminação da consciência. A partir desse momento, o processo técnico age livremente do pensamento mítico, pois a própria razão foi englobada pelo aparelho econômico, que vê nela apenas um meio para a construção de outros instrumentos, ou seja, ela é apenas um meio para se construir os mais diversos fins. Ela é reduzida à razão instrumental, isto é, sendo razão instrumental, então o próprio meio se torna um fim em si mesmo.

Esse processo gerou desumanização, pois não se deu mais lugar para o pensar livre e autônomo, e tudo passou a ser regulado pela técnica e pela lógica, e dirigido para os mais diversos fins. Tal processo levou a uma crescente coisificação do homem, que, na verdade, sempre tentou, por meio da técnica e de fórmulas, elevar-se acima das forças da natureza para dominá-la para seu próprio benefício.

Esse ser humano sempre visou dominar não somente a natureza externa, mas a interna também, e o fez sempre que se encontrava diante de uma natureza que lhe era desconhecida e que lhe infundia medo. Tal fato fez com que os mitos surgissem. Percebe-se que a essência do esclarecimento sempre foi a dominação, seja ela da natureza interna ou externa, de si mesmo ou dos outros. Não restando alternativa, o homem teve que escolher entre sujeitar-se a natureza ou submeter a natureza ao eu. A partir do momento em que a economia mercantil burguesa começou a espalhar-se, os mitos começaram a ser aclarados a partir da razão calculadora,

[...] sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do

mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 38).

Para Horkheimer e Adorno, existe uma relação entre mito, trabalho e dominação que já pode ser observada no duodécimo canto da *Odisséia*: esse texto relata o encontro com as sereias e se refere às formas do mito, do trabalho e da dominação. Ulisses, ao se aproximar das sereias, se previne para não cair na sedução do canto das sereias, que consistia em se deixar perder no que já passou, por meio do apelo aos sentidos e à corporeidade. Para não cair na sedução e conseguir chegar ao seu destino, toma as devidas providências: instrui seus servos a colocarem cera nos ouvidos e ordena que estes o amarem ao mastro com fortes cordas. As providências tomadas por Ulisses permitiram que ele apreciasse o canto das sereias ao custo do trabalho forçado dos seus companheiros, que não conseguiam ouvir o canto nem mesmo os apelos desesperados de seu senhor para que fosse liberto das amaras. A nau atravessou a perigosa região das sereias e novos desafios os esperavam.

Tal narrativa já é um prelúdio sobre a relação entre dominação, mito e trabalho. Os remadores com os ouvidos tampados representam os trabalhadores que são forçados a conduzirem a nau por lugares perigosos e ao mesmo tempo perto dos prazeres, mas, sem nada poderem ouvir, devem simplesmente olhar para frente para atingirem o fim proposto pelo senhor. Por outro lado, Ulisses representa os empregadores, que ordenam seus servos a preencherem seus ouvidos de cera e a remarem fortemente. Percebe-se que muitos trabalham e são poucos os que desfrutam do canto das sereias, e, além disso, o desfrute é limitado; mesmo que o senhor grite para que possa ser desamarrado, os servos nada ouvem, pois seus ouvidos estão tampados. Os gritos de Odisseu prefiguram os aplausos nas óperas onde muitos estão sentados a desfrutar do canto das “sereias”. Quanto maior é a sedução, mais forte o senhor se deixa amarrar, prefigurando assim os burgueses que não se permitiam a felicidade:

[...] quanto mais acessível ela se tornava com o aumento do seu poderio. O que ele escuta não tem consequência para ele, única coisa que consegue fazer é acenar com a cabeça para que o desatem; mas é tarde demais, os companheiros – que nada escutam – só sabem dos perigos da canção, não de sua beleza – e o deixam no mastro para salvar a ele e a si mesmos. Eles reproduzem a vida do opressor juntamente com a própria vida, e aquele não consegue mais escapar a seu papel social. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 40).

A partir do momento em que não existe mais comunicação entre Ulisses e seus companheiros há uma perpetuação do modo de viver tanto do senhor como do servo e, ao mesmo tempo, aponta-se para a separação do desfrute do trabalho artístico, bem como do

trabalho manual. Tal mito ainda aponta para a correlação do patrimônio cultural com o trabalho comandado e ambos em correlação com a dominação que a sociedade quer exercer sobre a natureza.

No mito acima descrito, estar fora do âmbito do trabalho significa mutilação, tanto para os remadores como para o senhor. Do mesmo modo, os chefes não mais tomam contato direto com a vida, – pois outros trabalham para eles – e a experienciam somente como um substrato; isso os leva a um endurecimento do eu que comanda. Os primitivos desfrutavam de algo como um objeto de desejo. O senhor, por outro lado, coloca os servos entre os objetos de desejo e os desfruta em sua integralidade.

Ulisses não mais trabalha, outros trabalham para ele e, assim, os que estão próximos ao objeto de desejo não conseguem desfrutar do trabalho, pois este se efetua sob a força da coação e seus sentidos estão fechados à força. O servo permanece subjugado ao compasso do trabalho e o senhor regride, pois não tem mais contato com o trabalho e a vida. Toda dominação teve que pagar tal preço e a humanidade, com todas as suas habilidades e conhecimentos, atingiu tal auge com a divisão do trabalho. Dessa maneira, ela foi forçada a regredir a estágios antropologicamente cada vez mais primitivos e o fez com o auxílio da técnica. Um dos resultados foi a atrofia da imaginação, pois no momento em que se fecham os sentidos à força nada mais resta para que possam agir livremente.

Todo desenvolvimento da maquinaria leva ao desenvolvimento da maquinaria da dominação. Isso, juntamente com entrelaçamento das tendências técnicas e sociais, conduz à subjugação dos homens. O progresso bem sucedido leva a uma regressão cada vez maior; quanto mais progresso, mais os homens precisam ser dominados, subjugados e manietados para que alguns possam desfrutar do canto das sereias, e assim “[...] a maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 41).

A regressão não se encontra limitada simplesmente às experiências do mundo sensível, pois ela também afeta o intelecto autocrático, que se separa da experiência sensível para então submetê-la, e isso leva a um empobrecimento do pensamento e da experiência. A partir do momento em que o pensamento foi limitado à organização e à administração, há também uma limitação que acomete os dominadores. Com a divisão do trabalho e com o refinamento da aparelhagem social, econômica e científica, ao qual o corpo teve que se ajustar, houve um empobrecimento das experiências.

As massas regrediram, pois passaram a ser dominadas, conseqüentemente perderam a capacidade de pensar de forma autônoma e de realizar experiências: essas gentes não conseguem mais ouvir o imediato com os seus próprios ouvidos, e também não conseguem

tocar com os próprios dedos o intocado, ou seja, existe uma nova forma de ofuscar as massas e que substitui o mito. É nessa medida que se pode dizer que o esclarecimento regride ao mito.

Os homens se tornam meros seres genéricos, iguais uns aos outros por terem sido isolados numa coletividade que é governada à força. Os trabalhadores estão como os remadores, que não podem se falar e, ao mesmo tempo, estão subjugados a um compasso. Tal fato os força ao conformismo e à impotência, pois estão inseridos na sociedade industrial, “[...] na qual o fado antigo acabou por se transformar no esforço de a ele escapar” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 42).

A dominação que a sociedade industrial exerce sobre o indivíduo castra pouco a pouco a capacidade de o pensamento refletir sobre si mesmo. Desse modo, os indivíduos não conseguem pensar e agir por conta própria, pois suas mentes foram instrumentalizadas da mesma maneira que a sociedade se instrumentalizou por meio da técnica; o mundo foi transformado em indústria e as consequências disso podem ser observadas tanto nos dominadores como nos dominados: para aqueles, o pensamento é negado como mera ideologia; para estes existe uma aceitação de sua impotência diante dos decretos que os dominadores fazem para elevar o nível de vida.

Para os que foram rebaixados, por meio do poder econômico, a simples objetos, resta-lhes aceitar passivamente sua impotência diante desse mundo administrado que perscruta todas as áreas da vida, “[...] inclusive a linguagem e a percepção, sua degradação reflete para eles a necessidade objetiva contra a qual se crêem impotentes” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 43). Sentem-se como simples objetos, pois passam a ser tratados pelos dominadores como tais, pois estão à disposição do mercado de trabalho como um exército de reservistas para a guerra.

Com a crescente possibilidade de eliminar, de uma vez por todas, a miséria absoluta do mundo, diante do elevado desenvolvimento econômico, percebe-se que a miséria cresce cada vez mais como uma antítese da dominação e da impotência. O sistema está fechado de tal forma que ninguém consegue penetrá-lo, pois todos, desde os mais altos níveis de comando até as gangues, zelam para que o *status quo* permaneça.

O absurdo da situação acima descrita denuncia que a razão da sociedade racional é obsoleta, pois o poder do sistema cresce na mesma proporção em que o retira do poder da natureza. Quanto mais se quer dominar a natureza mais os homens precisam ser dominados. Para que tal empreitada pudesse ter bom êxito, o pensamento precisou emancipar-se da própria natureza e assim conseguiu perceber sua própria natureza que está irreconciliada e

alienada de si mesma. A função do pensamento é separar e se distanciar do objeto, para poder dominá-lo, por isso toda união mística, incluindo-se o mito da matematização, é um logro, pois nega a função primordial do pensamento.

1.2 RAZÃO: O AGENTE DA FORMAÇÃO CULTURAL

No tópico anterior foi possível observar a existência de duas espécies de pensamento: o pensamento mítico e o pensamento lógico. Do ponto de vista do esclarecimento, o primeiro foi considerado como uma espécie inferior de pensamento e de estágio da humanidade; o pensamento lógico, por sua vez, apresentou-se como um estágio superior da civilização e do próprio pensamento. Entretanto, percebeu-se que ambos os tipos de pensamento tiveram as mesmas intenções: explicar, denominar e dominar a natureza com o objetivo de livrar o homem de seus medos, e, assim, torná-lo senhor da mesma natureza. Em ambos os estágios, os seres humanos se valeram de formas diferentes da razão para expressarem suas interpretações e intenções. Isso nos leva a analisar a razão, a qual pode ser vista como agente da formação cultural, em ambos os períodos do pensamento humano.

A razão foi decisiva no processo de esclarecimento pelo qual o homem passou, conforme analisado anteriormente. Esse processo de esclarecimento, que também se confunde com o processo civilizatório, levou a humanidade a analisar a natureza desconhecida que lhe infligia medo. Toda vez que o homem se vale da razão para entender e explicar o desconhecido, está na verdade se autoformando, pois está agindo de forma dialética para com o mundo à sua volta: distancia-se dos objetos, faz abstrações, busca conhecer e entender, interioriza e exterioriza esse conhecimento, para, enfim, fazer com que o processo dialético se cumpra e a autoformação se realize. Isso faz com que o ser humano não mais aceite as verdades míticas, nem as verdades santificadas nos laboratórios, como explicações finais. É o momento em que sai do estado de menoridade e ingressa numa fase de maioridade.

Os membros da Escola de Frankfurt deram grande ênfase à razão. Tal fato pode ser observado não somente nos títulos dos seus trabalhos, mas também nos autores que influenciaram grandemente seus pensamentos: Hegel e Kant. Entender o que queriam dizer por razão é de fundamental importância para a compreensão do papel da razão na formação cultural. Herdeiros de Kant, os frankfurtianos Adorno e Horkheimer entenderam que havia dois níveis de razão; o primeiro, considerado como *Verstand*, era uma espécie de faculdade

inferior da mente; o segundo, considerado como *Vernunft*, é uma faculdade que vai além das aparências, o qual será analisado num segundo momento.

Essa seção será baseada nos escritos do filósofo Horkheimer, pois tanto este como Adorno admitiram que suas filosofias eram semelhantes. Horkheimer, em *Eclipse da Razão*, admite que o conteúdo de seu livro foi projetado

[...] para apresentar alguns aspectos de uma ampla teoria filosófica desenvolvida pelo autor nos últimos anos, em associação com Theodor W Adorno. Seria difícil dizer quais idéias se originaram na mente de Adorno e quais na minha propriamente: a nossa filosofia é uma só. (HORKHEIMER. 2008, p. 7).

Adorno, em uma carta escrita em 1934 para Löwenthal, na qual comenta sobre sua reação ao *Dämmerung*¹⁷, diz: “No que concerne à minha posição, creio que posso me identificar quase completamente com ele – tão completamente, que é difícil apontar as diferenças” (JAY, 2008, p. 110).

Ambos os filósofos admitem que suas filosofias são muito semelhantes nessa época, portanto, a ênfase na presente seção terá como base o livro *Eclipse da Razão*, escrito por Max Horkheimer, onde se buscará a identificação da razão *Verstand* com razão subjetiva, e a razão *Vernunft* com razão objetiva. Para Horkheimer (2002, p. 12), “[...] ambos os aspectos subjetivo e objetivo da razão estiveram presentes desde o princípio, e a predominância do primeiro sobre o último se realizou no decorrer de um longo processo”.

1.2.1 Razão como *Verstand*/Subjetiva

Horkheimer, no texto *Meios e fins*, procura definir a concepção atual de razão através da comparação de respostas dadas por dois homens: o homem comum e o homem médio. O primeiro teve certa dificuldade em explicar o significado de razão, mas isso não pode ser interpretado como um assunto de difícil explicação; o segundo homem descreveu que as coisas racionais são as coisas úteis e que cada homem sabe o que é útil para ele. O destaque, nessas respostas, recai sobre as forças que tornam possíveis as ações racionais, ou seja, a faculdade de inferência, classificação e dedução. Isso nada mais é que

¹⁷ “Coleção de aforismos e pequenos ensaios. *Dämmerung* é uma palavra alemã que significa tanto aurora como crepúsculo” (JAY, 2008, p. 51).

[...] o funcionamento abstrato do mecanismo de pensamento. Este tipo de razão pode ser chamado de razão subjetiva. Relaciona-se essencialmente com meios e fins, com a adequação de procedimentos a propósitos mais ou menos tidos como certos e que se presumem auto-explicativos. (HORKHEIMER, 2002, p. 9).

A questão abordada aponta para uma mudança no pensamento ocidental em relação à definição de razão, pois Horkheimer (2002, p. 11) deixa claro que a definição dada por ele se refere à razão subjetiva, que é a “[...] a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado”. Além disso, ainda identifica tal razão com aquela que “[...] foi o agente crítico que dissolveu a superstição” (HORKHEIMER, 2002, p. 13). Essa razão suplantou a visão tradicional, que era conhecida como razão objetiva, a qual será abordada no próximo tópico. A razão subjetiva não apareceu ou se definiu do nada nesse processo, pois ela já era reconhecida e considerada, desde os primórdios, como um mecanismo inerente ao ser humano, entretanto era apenas uma parte limitada da razão universal. Essa compreensão da razão subjetiva como limitada e parcial também pode ser entendida como *Verstand*, a qual era entendida, tanto por Kant como por Hegel, como

[...] uma faculdade inferior da mente, que estruturava o mundo dos fenômenos de acordo com o senso comum; nesse caso, o mundo consistia em unidades finitas, idênticas apenas a si mesmas e opostas a todas as outras coisas. Assim, a *Verstand* não penetrava no imediato de modo a apreender as relações dialéticas abaixo da superfície. (JAY, 2008, p. 104).

A razão subjetiva¹⁸ foi a responsável pela destruição dos mitos, que eram vistos como criação do próprio sujeito e, logo, como falsa objetividade, mas para tal teve que se valer de conceitos que eram reconhecidos como adequados. Esse processo de reconhecimento de conceitos levou a uma objetividade própria a qual desencadeou a atual crise da razão, na qual “[...] nenhuma realidade particular pode ser vista como racional *per se*; todos os conceitos básicos, esvaziados de seu conteúdo, vêm a ser apenas invólucros formais. Na medida em que é subjetivada, a razão se torna também formalizada” (HORKHEIMER, 2002, p. 13).

A partir do momento em que a razão passa a ser formalizada surgem as consequências de tal ato, tanto teóricas como práticas. Essa nova concepção de razão subjetivada e formalizada mostrou que o pensamento não pode ajudar a estabelecer se um objetivo é, em si mesmo, desejável ou não. A coerência dos princípios que orientam a ética e a política e os critérios que orientam as decisões não mais podem depender da razão, mas de outros fatores. Esses outros fatores passam a ser orientados a partir da escolha e da predileção de cada

¹⁸ Estabelecida a relação entre razão subjetiva e *Verstand*, os dois termos passam a ser usados como sinônimos.

indivíduo e, assim, torna-se sem sentido falar de verdade quando se tomam decisões práticas, morais e estéticas.

O pensamento passou a ser servo de qualquer propósito, e a sociedade o usa como uma ferramenta de suas ações, entretanto ele não pode agir como princípio fundante de padrão da vida e da própria sociedade, pois esse princípio, por sua vez, deve ser estabelecido por outras forças. A razão passou a ser vista apenas como aquela faculdade intelectual de coordenação, e o seu aprimoramento pode ser aumentado na medida em que se exclui tudo aquilo que não sejam fatores intelectuais, como as emoções.

Com o desenvolvimento e o aprimoramento de visão subjetivada da razão, ela foi

[...] expurgada de quaisquer tendências ou preferências específicas que renunciou, por fim, até mesmo à tarefa de julgar as ações e o modo de vida do homem. Entregou-se à sanção suprema dos interesses em conflito aos quais nosso mundo parece estar realmente abandonado. (HORKHEIMER, 2002, p. 15).

Essa visão de razão entra em choque com a visão dos pioneiros da civilização burguesa, os quais viam na razão um papel de destaque na regulamentação do comportamento humano. As políticas nacional e internacional, bem como as preferências e as relações entre os seres humanos e a natureza eram estabelecidas de acordo com a razão, pois se pensava nela como uma entidade que estava no interior de cada ser humano e, conseqüentemente, como supremo arbítrio.

Entretanto, a visão atual de razão é de adequação de comportamento com os padrões que são geralmente reconhecidos. Assim, ser racional significa conformar-se com a realidade tal como ela é, ou seja, é necessário ajustar-se à realidade. A razão passa a ser um simples instrumento para a regulamentação entre meios e fins. Assim, portanto, todo aquele que se colocar contra tal concepção pode ser obrigado a tomar cicuta, pois coloca as ideias mais sagradas e caras da sociedade à luz do pensamento dialético, que revelará as verdadeiras intenções e os verdadeiros motivos para ser mantida certa estrutura.

No momento em que se questiona tal realidade social, a partir de uma razão não subjetivada, os interessados em manter tal realidade promoverão sistemática perseguição a tal forma de pensamento, pois percebem que a sua configuração de vida, de sociedade e de progresso está sendo ameaçada.

A ênfase em uma razão formalizada tem levado, nos tempos modernos, a uma dissolução do próprio conteúdo objetivo da razão, mesmo que “[...] na França do século XVI o conceito de uma vida dominada pela razão como suprema força obteve novos avanços”

(HORKHEIMER, 2002, p. 18). Autores como Montaigne, Bodin e De L'Hôpital adaptaram esse conceito às suas áreas, ajudaram a promover o enfraquecimento da religião em favor da razão como sendo a suprema autoridade intelectual. A partir desse momento, a razão adquire uma conotação conciliatória. Por isso que as diferenças em matéria de religião já não eram mais levadas a sério, pois não valia a pena se defender até a morte qualquer credo ou ideologia.

Este novo conceito de razão parecia ser mais humano, mas, ao mesmo tempo, mais frágil que o conceito religioso de verdade; conseqüentemente mais adaptável aos interesses predominantes e à realidade como ela é, mas, por isso mesmo, mais arriscado de entregar-se ao "irracional".

A partir do momento em que razão e religião são separadas em campos opostos, a primeira começa a se enfraquecer em seu aspecto subjetivo e passa a se formalizar cada vez mais. No século XVII ainda predominava o aspecto objetivo da razão, pois esta tinha como objetivo principal idear uma doutrina que preenchesse a função intelectual que era anteriormente preenchida pela religião.

Com o fortalecimento da filosofia e o declínio da religião houve um abalo na verdade objetiva, ainda que este não tenha sido o objetivo primordial. O que se discutia "[...] era se a revelação ou a razão, a teologia ou a filosofia, seria a agência principal para determinar e expressar a verdade suprema" (HORKHEIMER, 2002, p. 22). Se a igreja atribuía a si o direito de dizer como o mundo foi criado e qual devia ser a forma correta de os seres humanos viverem; a filosofia defendia o direito "[...] da mente descobrir a natureza das coisas e derivar desta compreensão os modos corretos da atividade humana" (HORKHEIMER, 2002, p. 22).

A controvérsia entre religião e filosofia acabou empatada e as pessoas envolvidas e afetadas por tal debate voltaram a viver seu cotidiano novamente. Compreenderam que deveriam viver suas próprias vidas tolerando-se mutuamente, pois tanto a religião como a filosofia foram consideradas ramos diferentes da cultura.

Esse apaziguamento afetou profundamente os conteúdos de ambos os ramos culturais, pois os

[...] filósofos do Iluminismo atacaram a religião em nome da razão; e afinal o que eles mataram não foi a Igreja mas a metafísica e o próprio conceito de razão objetiva, a fonte de poder de todos os seus esforços. A razão como órgão destinado a perceber a verdadeira natureza da realidade e determinar os princípios que guiam a nossa vida começou a ser considerada como obsoleta. Especulação é sinônimo de metafísica, e metafísica é sinônimo de mitologia e superstição. Podemos dizer que a história da razão ou do Iluminismo, desde os seus primórdios na Grécia até os dias atuais, conduziu

a um estado de coisas em que até mesmo a palavra razão é suspeita de conotar alguma entidade mitológica. A razão se liquidou a si mesma como agente de compreensão ética, moral e religiosa. (HORKHEIMER, 2002, p. 23).

Com a morte da razão objetiva passa a imperar a razão subjetiva e esta esvaziou/eliminou todos os conceitos gerais. Essas consequências já podiam ser vistas na ideia de tolerância pregada pela burguesia, pois assim cada domínio cultural, religião e filosofia, mantém sua “soberania” em relação à verdade universal. Assim o paradigma de divisão social de trabalho se transfere, de forma automática, para a vida do espírito. Essa divisão do reino da cultura passa a ser “[...] um corolário da substituição da verdade objetiva pela razão formalizada, essencialmente relativista” (HORKHEIMER, 2002, p. 24).

A razão passa a ser um simples instrumento que pode ser aproveitado pela realidade social, e quanto mais domina homens e natureza maior valor tem. Os conceitos foram reduzidos a sínteses e passaram a ser vistos como abreviações dos itens a que se referem; tudo o que ultrapassa a questão técnica na utilização dos conceitos foi eliminado como último vestígio de superstição. Para Horkheimer (2002, p. 26), os conceitos “[...] foram 'aerodinamizados', racionalizados, tornaram-se instrumentos de economia de mão-de-obra”.

O pensamento segue praticamente o mesmo processo industrial, ou seja, ele faz parte de uma parcela da produção. As ideais se tornam como que automáticas e instrumentalizadas, conseqüentemente menos se vê nelas pensamentos que tenham significado próprio, passam a ser vistas como máquinas e coisas. Os pensamentos são vistos como instrumentos e os homens não se aplicam mais a “pensar” realmente, ou seja, não examinam mais de forma detida os atos, as frases e os textos. O que passa a existir é a instrumentalização da razão, pois “[...] tudo isso conduz a uma espécie de materialidade e cegueira, torna-se fetiche, uma entidade mágica que é aceita ao invés de ser intelectualmente aprendida” (HORKHEIMER, 2002, p. 28).

As consequências da formalização da razão são as perdas das raízes intelectuais de conceitos como igualdade, felicidade e tolerância, que eram vistos como inerentes ou sancionados pela razão. Esses conceitos não podem ser avaliados pela atual autoridade, a saber, a ciência, e assim “[...] a afirmação de que a justiça e a liberdade são em si mesmas melhores do que a injustiça e a opressão é, cientificamente, inverificável e inútil” (HORKHEIMER, 2002, p. 29).

Quanto mais se esvazia e se castra o conceito de razão mais ele se presta a quaisquer objetivos ideológicos e à propagação de mentiras. A partir do momento em que os conceitos

básicos da sociedade foram desvitalizados se percebe que os interesses comerciais sobrepujaram os interesses humanos; Horkheimer (2008, p. 29-30) cita O’Conor para demonstrar tal realidade, pois, para este, ‘a escravidão do negro não é injusta; é justa, sábia e benéfica...é ordenada pela natureza.’

A razão subjetiva serve para qualquer interesse. Ela não consegue perceber o sofrimento nem a morte sistematizada nos campos de concentração, pois entende que a morte de milhões de judeus é algo bom, benéfico, justo e ordenado pela natureza. Não consegue pensar os valores humanos de felicidade, justiça e igualdade. Isso apenas demonstra que “[...] a razão subjetiva se conforma a qualquer coisa. Pode se prestar ao uso tanto dos adversários quanto dos defensores dos tradicionais valores humanitários. Fundamenta [...] tanto a ideologia do lucro e da reação quanto à ideologia do progresso e da revolução” (HORKHEIMER, 2002, p. 30). O progresso da razão subjetiva solapou as bases teóricas das ideias religiosas, mitológicas e racionalistas. A ênfase unilateral na razão subjetiva/*Verstand* tem gerado consequências funestas para a sociedade, que nem sempre tem conseguido perceber tal fato, pois os interesses econômicos têm calado a voz dos que se opõem a tal forma de razão.

Na atualidade, as atividades só são reconhecidas como racionais se servem a um outro propósito. O exemplo de tal fato é o cuidado com a saúde e descanso que poderão ajudar a recuperar a energia produtiva, ou seja, “[...] cada vez menos algo é feito por si mesmo, independente de outras razões [...] a atividade é simplesmente um instrumento, pois retira o seu significado apenas através de sua ligação com outros fins” (HORKHEIMER, 2002, p. 41).

A partir do momento em que a vida é dedicada a uma série de meios para alcançar fins que são novamente meios para outros fins, o sujeito não consegue mais penetrar de forma intelectual no fenômeno da experiência. Ele passa a ouvir uma sinfonia sem saber o objetivo para o qual ela foi escrita e a entende apenas como um fundo musical usado para ilustrar os comentários de algum programa. As obras de arte passam a ser vistas apenas como mercadorias culturais que podem ser consumidas de modo casual e sem se aperceber das verdadeiras intenções e aspirações por de trás de tal obra. Isso mostra que a verdade foi separada da arte, pois a obra de arte não mais é vista como o fim para que foi feita – perdeu-se, dessa forma, a relação com a verdade.

Essa reificação tem sua origem nos primórdios da sociedade organizada, entretanto se mostrou mais claramente com o desenvolvimento da sociedade industrial, que transforma tudo, inclusive os bens culturais, em mercadorias e a produção destas tem a mola motriz no preço pago no mercado. E é dessa forma que “[...] as funções outrora preenchidas pela razão

objetiva, pela religião autoritária, ou pela metafísica, têm sido ocupadas pelos mecanismos reificantes do anônimo sistema econômico” (HORKHEIMER, 2002, p. 45).

Com a coisificação do pensamento, o que passa a valer são as probabilidades, a verificação e o cálculo; não se permite mais um pensamento autônomo, pois se passou a pensar da mesma forma que se pensa no laboratório. Tal pensamento liga a verdade às teorias que funcionam e não mais se avaliam as ideias por si só; conseqüentemente,

[...] a fim de provar seu direito a ser concebido, todo pensamento deve ter um álibi, deve apresentar um registro da sua utilidade. Mesmo que o seu uso direto seja “teórico”, deve ser finalmente verificado pela aplicação prática da doutrina em que funciona. O pensamento deve ser aferido por algo que não é pensamento, por seu efeito na produção ou seu impacto na conduta social, como a arte hoje é avaliada por algo que não é arte, seja a bilheteria, seja o valor de propaganda. (HORKHEIMER, 2002, p. 55).

A análise da razão subjetiva nos mostrou que a ênfase unilateral que ela recebeu com o passar dos anos desencadeou uma série de conseqüências para a sociedade, que passou a avaliar e a analisar o mundo ao seu redor pelo pensamento tecnificado, onde o pensamento em si foi substituído pelas ideias estereotipadas e assim passaram a ser tratadas como meros instrumentos convenientes, que podem ser aproveitadas ou abandonadas ou ainda podem se tornar objetos de adoração. Liquidou-se o espírito filosófico, crítico e autônomo que poderia ajudar a humanidade a pensar por si só, e não aceitar o condicionamento dos meios de comunicação de massas que moldam os desejos e manipulam as vontades de uma sociedade que perdeu gradativamente o poder de raciocinar.

1.2.2. Razão como *Vernunft*/Objetiva

Na seção anterior foi possível observar as semelhanças entre razão subjetiva e razão *Verstand* e, além disso, percebeu-se que a ênfase unilateral na razão *Verstand* roubou a capacidade do pensamento autônomo. No presente tópico segue-se o mesmo caminho, entretanto se estabelecerão as semelhanças entre a razão objetiva e a razão *Vernunft*, além de se analisar as conseqüências de tal configuração de pensamento.

A análise da razão objetiva e da razão *Vernunft* nos revelará, conforme exposto, que ambas podem ser vistas como sinônimas, pois a concepção de razão objetiva não só era vista “[...] como uma força da mente individual, mas também do mundo objetivo: nas relações

entre os seres humanos e entre classes sociais, nas instituições sociais, e na natureza e suas manifestações” (HORKHEIMER, 2002, p. 10); e a concepção da razão *Vernunft* é oposta a da razão *Verstand*, pois esta “[...] não penetrava no imediato de modo a apreender as relações dialéticas abaixo da superfície. A *Vernunft* era vista como uma faculdade que ia além das meras aparências, chegando a essa realidade mais profunda” (JAY, 2008, p. 110).

Sistemas filosóficos como o de Aristóteles, o de Platão, o idealismo Alemão e o escolasticismo se fundamentaram sobre uma visão de razão objetiva, visão na qual se tinha por meta construir um sistema hierárquico de todos os seres, incluindo os humanos e os seus fins. A racionalidade de cada uma das vidas era determinada com a harmonização desse todo: “Esse conceito de razão jamais excluiu a razão subjetiva, mas simplesmente considerou-a como a expressão parcial e limitada de uma racionalidade universal, da qual se derivavam os critérios de medida de todos os seres e coisas” (HORKHEIMER, 2002, p. 10-11).

A tônica da razão objetiva não visa a coordenação do comportamento e objetivos, mas repousa sobre conceitos como o problema do destino do ser humano, a ideia do bem supremo, que são atualmente vistos como conceitos mitológicos. Estes, de acordo com Horkheimer (2002, p. 11) já foram idealizados por Platão, na *República*, “[...] a fim de provar que aquele que vive à luz da razão objetiva vive uma vida feliz e bem sucedida”.

A partir do momento em que a razão foi subjetivada, as crenças e todo conteúdo moral e ético passaram a depender da preferência de cada um e não mais da razão que desempenhava um papel preponderante no comportamento humano. Por fim, a razão abriu mão até mesmo de analisar as ações e os modos de vida do ser humano; ela não é mais vista como a ferramenta utilizada para compreender os fins e determiná-los.

Horkheimer (2002, p. 16) analisa a crítica de Sócrates à sociedade grega e percebe que a crítica dele se voltou contra uma razão subjetiva e formalizada advogada pelos sofistas. Sócrates “[...] falou da razão e de seus veredictos não como simples nomes e convenções, mas como reflexos da verdadeira natureza das coisas”. Assim, portanto, todas as vezes que se fala de razão objetiva se percebem dois lados importantes. O primeiro aponta para uma

[...] estrutura inerente à realidade que por si mesma exige um modo específico de comportamento em cada caso, seja uma atitude prática ou seja teórica. Por outro lado, o termo razão objetiva pode também designar o próprio esforço e capacidade de refletir tal ordem objetiva. (HORKHEIMER, 2002, p. 17).

Assim, podem existir situações que, pela própria natureza, determinam certa linha de ação para o sujeito. Quando ocorre uma criança se afogando ou uma população atacada pela fome, etc., essas são situações que falam por si mesmas uma linguagem e que podem exigir linhas de ações definidas. Os sistemas filosóficos que foram construídos a partir de uma razão objetiva tinham a certeza de que era possível descobrir uma estrutura fundamental e abrangente do ser e que, a partir de tal descoberta, era possível derivar uma concepção do destino humano.

Com tal compreensão sobre a razão objetiva houve a separação entre razão e religião, e então a filosofia racionalista buscou um substituto para preencher a função intelectual ocupada pela religião, pois não queriam mais que a teologia os guiasse, mas uma teoria tão ampla que valesse por si só. A partir do momento em que o homem consegue compreender a estrutura harmoniosa do universo, ele passa a amar esse universo e sua conduta ética se derivaria dessa compreensão.

O que os autores dos sistemas racionalistas do passado enfatizavam era que a razão se reconheceria na natureza das coisas e que a atitude correta do ser humano deriva dessa compreensão. Pensavam que a luz da razão fosse suficiente para penetrar no interior da criação a tal ponto que nos pudesse ser fornecida a chave para “[...] harmonizar a vida humana com a natureza, tanto no mundo externo quanto dentro do próprio ser do homem.” (HORKHEIMER, 2002, p. 21). Pensavam que o ser humano poderia alcançar todos os propósitos, quer de conhecimento ou de decisões práticas, sem precisar recorrer a uma luz sobrenatural.

A separação entre razão e religião não tinha como propósito destruir a verdade objetiva, visto que simplesmente se buscava um novo fundamento para ela. A questão principal nas discussões entre religião e razão se baseava na questão de saber qual delas seria a agência que determinaria a verdade suprema – seria a revelação ou a razão, a teologia ou a filosofia. A igreja católica atribuía a si o direito de ensinar ao homem como o mundo foi criado, qual era a sua finalidade e como os homens deveriam se comportar. Por outro lado, a filosofia lutava pelos mesmos direitos, entretanto se baseava no direito e no dever de a mente descobrir a natureza das coisas e, a partir de tal descoberta, derivar o modo correto da atividade humana.

Essa controvérsia acabou empatada, pois as duas, religião e filosofia, foram consideradas como ramos diferentes da cultura. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a aceitar a ideia de que é possível viver as próprias vidas dentro das próprias compreensões culturais tolerando o outro. Essa tolerância mútua afetou tanto a religião como

a filosofia. A razão, utilizada pelos filósofos do Iluminismo para atacar a religião, não matou a igreja, “[...] mas a metafísica e o próprio conceito de razão objetiva, a fonte de poder de todos os seus esforços” (HORKHEIMER, 2002, p. 23).

A razão, que era vista como órgão destinado a perceber a verdadeira natureza da realidade e aquela que poderia determinar princípios que guiam a vida dos homens, passou a ser vista como antiquada. Assim,

A história da razão ou do Iluminismo, desde os seus primórdios na Grécia até os dias atuais, conduziu a um estado de coisas em que até mesmo a palavra razão é suspeita de conotar alguma entidade mitológica. A razão se liquidou a si mesma como agente de compreensão ética, moral e religiosa. (HORKHEIMER, 2002, p. 23).

Essa autoaniquilação da razão dissolve todos os conceitos e a própria razão objetiva e o que passa a existir é uma razão neutralizada que está à disposição de qualquer objetivo.

Do mesmo modo como a razão subjetiva foi enfatizada de modo unilateral, a razão objetiva sofreu processo semelhante no momento em que razão e religião foram separadas. Tal cisão levou a um arrefecimento de ambos os conteúdos objetivos, tanto o da religião como o da razão, e, por fim, a um enfraquecimento de ambos os domínios culturais, os quais contribuíram para o enfraquecimento da razão objetiva, deixando-a sem força, sem vitalidade e à disposição de qualquer interesse.

Percebe-se que, desde os primórdios, o ser humano andou nos extremos ao enfatizar apenas a forma de pensamento mítico, ou apenas a forma racional de pensamento; ou ainda a razão subjetiva ou a razão objetiva. As duas concepções serviram para explicações e dominação, mas, na verdade, eram expressões parciais da própria constituição humana, mítica e racional; subjetiva e objetiva. Os filósofos Adorno e Horkheimer ainda perceberam que o ser humano viu na razão uma espécie de pensamento *Verstand* e *Vernunft*, os quais imitaram a estrutura do pensamento mítico e racional, pois entendiam que a *Verstand* era uma forma de ajudar a *Vernunft* a se expressar, mas novamente o homem cai nos extremos e enfatiza apenas uma forma de pensamento. As consequências podem ser vistas em todas as áreas: moral, social, etc., em ambos os períodos, mítico/racional e *Verstand/Vernunft* ou subjetivo/objetivo. O homem apenas conseguiu expressar um contorno de sua constituição, mas, ao mesmo tempo, sempre permitia que a outra forma de racionalidade fluísse, por isso se percebe no mito um tanto de razão e na razão um tanto de mito.

Adorno, em *Dialética Negativa*, enfatiza, de forma contundente, a necessidade da dialética, pois só assim haverá uma verdadeira *Bildung*. A *Bildung* é o ideal que o homem

deve atingir, momento no qual não se deixará influenciar pelas forças da natureza, pelo pensamento alheio, embora os leve a sério, pois terá capacidade de pensar por si só; poderá formular juízos e escolher de forma livre seu modo de vida e de própria formação. Percebe-se, entretanto, que tal fato não se concretizou, pois os frankfurtianos sempre criticaram a incapacidade do homem de se servir do seu próprio pensamento sem a ajuda de outrem. Tal fato poderá ser entendido no segundo capítulo.

1.3 SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE: O PROCESSO DIALÉTICO DA FORMAÇÃO CULTURAL

A formação cultural da humanidade se deu por meio de processos dialéticos, e o primeiro desses processos foi o da saída do mito para o esclarecimento, momento em que a humanidade não mais seria guiada pelos medos em relação à natureza ou pela vontade de outros, mas se valeria da própria razão para pensar de maneira autônoma. Esse processo foi a pretensa saída dos homens de um estágio mítico de pensamento e de civilização para um estágio racionalista e civilizador que tinha por objetivo tornar o homem senhor da natureza.

Nesse processo, o homem teve que se valer de sua razão para poder desencantar o mundo e dominá-lo; processo conhecido como desmitologização. Entretanto, nesse longo caminho a razão foi afetada, pois a própria concepção de razão mudou durante o processo. Houve uma inversão de prioridades: a razão subjetiva tornou-se senhora deste mundo, reduzindo todas as coisas ao cálculo e à probabilidade. Essa razão subjetivada acabou por formalizar-se e esvaziar-se a tal ponto que não conseguiu mais pensar os conceitos formulados pela razão objetiva, fundamentais para a humanidade, tais como igualdade, amor, fraternidade e justiça, entre outros, pois tais conceitos passaram a servir apenas como instrumentos no aparelho do pensar ou simplesmente foram desqualificados.

Esse processo de desmitologização e racionalização conseguiu trazer benefícios para uma pequena parcela da humanidade, mas à custa do suor de muitos trabalhadores que remam com os ouvidos tapados para que uns poucos desfrutem da bela canção das sereias. Ao que tudo indica, esse processo de formação cultural não vingou de maneira integral, pois não passou pelo processo dialético da formação cultural, ou seja, não permitiu uma relação entre a subjetividade e a objetividade, entre a razão subjetiva/*Verstand* e a razão objetiva/*Vernunft*.

Para que haja uma efetiva formação cultural é necessário que se entenda a relação entre subjetividade e objetividade, ponto que recebeu notável destaque na filosofia de Adorno,

pois somente quando existe a correta relação entre o subjetivo e objetivo é que é possível haver dialética e, conseqüentemente, *Bildung*. O processo dialético não permite que o pensamento se coisifique ou que seja proeminente sobre a realidade, entretanto, quando o pensamento tem a primazia para com a realidade, acontece a estagnação no pensar e o mundo começa a ser interpretado a partir de mitos, cálculos, técnica e fórmulas. Essa unilateralidade no pensar transforma o mundo em um simples objeto à disposição; pensando que pode ser manipulado de acordo com os interesses particulares, dos que visam o aumento do capital.

Entretanto a dialética¹⁹ se dá pelo processo de rompimento do conceito pela realidade do objeto, ou seja, na relação entre objeto e sujeito; porém no processo de conhecimento existe a primazia do objeto sobre o sujeito, pois

[...] o nome dialética começa dizendo que os objetos são mais que seus conceitos, que contradizem a norma tradicional de *adequatio rei et intellectus* [...] O conceito, porém não esgota a plenitude da realidade. Esta é plurívoca, sempre desafia o intelecto a penetrá-la mais. Resguarda a imagem e se desnuda como um outro diferente da imagem que a quis esgotar. (ZUIN, 2001, p. 78).

Percebe-se que o processo dialético não permite a estagnação ou a coisificação do pensamento nem da realidade, nem mesmo a encapsulação do mundo em sistemas filosóficos, em teorias, em cálculos ou em mitos.

O que se percebeu até o presente momento, neste primeiro capítulo, é exatamente a estagnação do pensamento e a sua coisificação quando não consegue realizar o processo dialético. Então esse pensamento surge como mitológico, tecnificado, objetivado ou subjetivado unilateralmente. Tal pensamento não permite a independência intelectual, pois se dá somente a partir de conceitos cristalizados, clichês e sistemas que têm a pretensão de interpretar um mundo plural.

Isso aponta para a correta relação entre o pensamento e o pensado, pois é nessa via que ocorre o processo dialético e a rejeição do “[...] projeto burguês – o projeto idealista de estabelecer a identidade entre o pensamento e a realidade” (ZUIN, 2001, p. 81). Perceber o fato de que é necessário se manter o estranhamento entre pensamento e realidade leva o pensador a ir além do que já foi colocado, pois “[...] o pensar filosófico só começa quando não se contenta com conhecimentos que se deixam abstrair e dos quais nada mais se retira além do que se colocou neles” (ADORNO, 1995b, p. 16).

¹⁹ “A verdadeira dialética, afirmou Adorno, era a ‘tentativa de enxergar o novo no velho, em vez de simplesmente o velho no novo’” (JAY, 2008, p. 114).

Esse pensamento filosófico que busca extrair mais do que se vê num primeiro momento faz frente a uma totalidade coisificada e interpretada a partir dos sistemas, mitos, etc. Desta maneira, o pensamento é crítico e não somente este, mas “[...] toda a filosofia é crítica, e não pode senão sê-lo. *Todo o pensamento filosófico é, em sua origem, a expressão de uma estrutura de negatividade*” (SOUZA, 2004, p. 110, grifo do autor). O cuidado em não se transformar a filosofia em mais um sistema fechado de interpretação ou ser transformada em serva do mundo capitalista já foi destacado por Adorno e Horkheimer (1985a, p. 199-200) no texto *Filosofia e divisão do trabalho*. Nesse texto apontam para a necessidade de a filosofia não ser guiada pelas necessidades da indústria. Pelo contrário, ela deve ser a voz do objeto, “[...] mas sem que este a queira: ela é a voz da contradição que, sem ela, não se faria ouvir, mas triunfaria em silêncio”. Por ser a voz das contradições que a sociedade cria, ela sempre corre o risco de ser silenciada, mas não se deve esquecer que ela não se intimida, pois

[...] a filosofia representa, entre outras coisas, o pensamento, na medida em que este não capitula diante da divisão de trabalho dominante e não aceita que esta lhe prescreva suas tarefas [...] a filosofia é [...] o esforço de resistir à sugestão, a decisão resoluta pela liberdade intelectual real. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 200).

A filosofia faz com que o pensamento possa interagir com o mundo à sua volta, e assim o pensamento dialético faz com que se vá além das aparências e que se saia de um estado de letargia para um pensamento que é resistente diante daquilo que se impõe, pois o “[...] pensar é um reagir: uma resistência à indiferença externa como aos impulsos internos de totalização imanente” (SOUZA, 2004, p. 110). No momento em que o pensamento começa a reagir diante daquilo que lhe é colocado como correta interpretação de fatos, ele precisa se concentrar, não querendo, ingenuamente, abarcar tudo o que vê, mas permitir que haja certa tensão entre o “Eu [...] por algo que se lhe contrapõe. [...] A concentração do pensamento confere ao pensar produtivo uma propriedade que o clichê lhe nega” (ADORNO, 1995b, p. 19).

Esse pensamento produtivo nasce da paciência do pensamento quando se lança de modo demorado sobre o objeto, não querendo forçá-lo, mas apenas aplicando-se para entender a coisa, ao contrário

[...] da disciplina em voga (que) requer do sujeito que se apague a si mesmo em prol da primazia da coisa ingenuamente presumida. A isto se opõe a filosofia. O pensador não deve reduzir-se ao método, a verdade não é o resto que permanece após a eliminação do sujeito. Pelo contrário, este deve levar consigo toda sua inervação e experiência na observação da coisa para, segundo o ideal, perder-se nela. (ADORNO, 1995b, p. 19).

No momento em que o pensador consegue se relacionar com o real, com o objeto, ele está, na verdade, pensando de maneira ativa, realizando a sua própria experiência, não se reduzindo aos métodos e clichês para o orientarem em sua maneira de pensar²⁰. Isso, na verdade, é um pensamento autônomo que tem gerado desconfiança e ojeriza por parte daqueles que têm suas mentes instrumentalizadas e mitificadas, e que se deixam guiar com prazer por outros que também se comprazem na tarefa de condutores de cegos, pensando que enxergam. Ambos acabam por cair nas valas abertas pela indústria cultural, assunto que será abordado no segundo capítulo.

O pensamento filosófico, fundado na dialética, na forma como ela é aqui concebida por Adorno e Horkheimer, consegue desvendar as estruturas de dominação, pois, com calma e paciência, se lança sobre os objetos postos e então começa a desvendar os segredos que amarram os homens a situações de “animais de carga” e, por isso, o pensamento filosófico causa tanto medo, que, conforme Souza (2004, p. 116-117), é o “[...] medo de estruturas onipresentes de serem desvestidas de sua falsa legitimidade. Tentáculos mentais envolvem o essencial para que ele se torne uma inofensiva 'essência’”.

Esse tipo de pensamento exige coragem e “este é o núcleo da experiência da doutrina da autonomia” (ADORNO, 1995b, p. 21) para romper com aquilo que está dado como certo, verdadeiro, fixo. Para Adorno (1995b, p. 21), “[...] verdade é constelação em devir, não algo que se percorre automaticamente, onde o sujeito seria talvez aliviado, mas dispensável”. Isso implica constante renovação pela experiência da coisa, não permitindo que os vários meios de controle subjuguem o sujeito e lhe ditem o que fazer e pensar.

A partir do momento em que se consegue estabelecer, de maneira correta e coerente, a relação entre a subjetividade e objetividade, ou seja, entre o pensamento e o pensado, é que se rompe com as estruturas interpretativas do mundo, que servem para dar continuidade a determinado sistema. Essas estruturas para manter o sistema são um atentado ao próprio sujeito, pois ele não consegue olhar para fora de tal construção. Por isso é importante analisar os fatos que contribuem para a perpetuação de tal sistema.

²⁰ O fato de a pessoa ousar pensar de forma diferente não quer dizer que não deva usar os métodos já testados, avaliados, pois “[...] não sou contrário a que se ensinem receitas já testadas. Se existe um jeito fácil e rápido de amarrar os cordões dos sapatos, não vejo razão alguma para submeter o aluno às dores de inventar um jeito diferente. Se existe um jeito já testado e gostado de fazer moqueca, não vejo razões por que cada cozinheiro se sinta na obrigação de estar sempre inventando receitas novas. O saber já testado tem uma função econômica: a de poupar trabalho, a de evitar erros, a de tornar desnecessário o pensamento. Assim, aprende-se para não precisar pensar. Sabendo-se a receita, basta aplicá-la quando surge a ocasião” (ALVES, 1994, p. 18).

2 INDÚSTRIA CULTURAL

No capítulo anterior foi possível analisar a formação cultural e seu desenvolvimento; percebeu-se que a humanidade saiu de um período guiado pelo mito, para um período racional onde tudo indicava que a humanidade iria realmente entrar num verdadeiro estado humano, entretanto essa perspectiva não se efetivou. Algumas causas podem ser apontadas como inibidoras da formação cultural e uma delas seria a “fê” na razão como aquela que poderia proporcionar a maioria, mas essa razão degringolou em uma razão técnica e matematizada, o que resultou numa instrumentalização e numa configuração irracional de usar tal razão. Além disso, Adorno e Horkheimer reconheceram que o capitalismo se desenvolvia freneticamente e, juntamente com ele, surgia um poderoso sistema de dominação que impedia uma emancipação social²¹ do sujeito.

Perceberam os dois pensadores que esse sistema capitalista de dominação era “insuperável” e que tinha passado por transformações que precisavam ser identificadas, porque elas, por sua vez, haviam liquidado a própria superação do sistema capitalista em desenvolvimento nos anos de 1940. Uma das modificações pelas quais o capitalismo passou, observada pelos autores, foi “[...] o desenvolvimento recente de um poderoso mecanismo de controle da consciência das pessoas, exercido conjuntamente pela imprensa, rádio e pelo cinema, e denominado por Adorno e Horkheimer de indústria cultural” (GATTI, 2008, p. 73).

No presente capítulo busca-se analisar apenas o impedimento que a indústria cultural impõe para a maioria do sujeito, portanto não se analisam as causas que impedem a emancipação social, pois se entende que essa emancipação depende de uma revolução em toda estrutura social, fato que Adorno e Horkheimer, como analisado na introdução do primeiro capítulo, compreenderam ser impossível de se realizar dentro do contexto dos anos de 1940.

O termo *indústria cultural* foi empregado pela primeira vez no livro *Dialética do Esclarecimento*, livro publicado em 1947. Os esboços elaborados por Horkheimer e Adorno tratavam do problema da cultura de massas, mas, ao se valerem dessa expressão, observaram o perigo de serem mal interpretados, designando ao termo uma cultura que surge das próprias massas como arte popular. Devido a isso passaram a usar o termo *indústria cultural*.

²¹ Não se tratará sobre a emancipação social do sujeito no presente trabalho, pois se entende que tal abordagem desviaria o tema da dissertação, qual seja, analisar a maioria e a minoridade do sujeito baseados na Formação Cultural e na Indústria Cultural.

É importante lembrar que o termo indústria cultural designa uma cultura imposta de cima para baixo com o objetivo de adaptar e integrar a população como um todo na ordem social vigente, além de proporcionar a racionalização do seu modo de produção e a adequação ao novo período do capitalismo, isto é, o capitalismo monopolista.

Uma outra face do termo indústria cultural refere-se à sua produção e, de modo bem especial, “[...] à racionalização dos procedimentos de planejamento e à conseqüente padronização do produto” (GATTI, 2008, p. 77). Esse planejamento nos mostra que existe uma maneira de antecipar as regras que servirão como orientadores para a fabricação de obras/produtos. O artista não é mais inserido na construção da obra, mas cede lugar aos técnicos, que avaliam se a obra/produto passa pelas possibilidades de venda e lucro no mercado. Com a entrada dos técnicos e dos meios de produção e difusão em grande escala das obras/produtos, elimina-se a singularidade e a autonomia da obra de arte.

A consequência de tal atitude é a padronização em escala industrial de tudo aquilo que a indústria integra a si e passa a difundir. Todos aqueles que são atingidos por tais produtos conseguem identificar os padrões e se submetem cegamente a eles, mas, ao mesmo tempo, existe a excomunhão de tudo aquilo que é diferente, quer seja produto quer seja pensamento.

A televisão, o cinema, o rádio, a imprensa e, mais recentemente, a internet racionalizaram suas técnicas de divulgação de tal modo que conseguiram lograr êxito sem igual na divulgação e venda das “obras de arte” padronizadas. Isso nos mostra a outra face da indústria cultural.

Além disso, é importante analisar a descrição feita por Bárbara Freitag sobre a indústria cultural. O fato de ela se valer da etimologia das palavras alemãs cultura e civilização, faz com que se compreenda com mais facilidade o fenômeno aqui estudado. A primeira palavra, cultura, pode ser entendida como “[...] mundo das idéias e dos sentimentos, a segunda, o mundo da reprodução material” (FREITAG, p. 68). Essa separação sedimentou-se no período da burguesia na Europa e proporcionou uma explicação para o sistema daquela sociedade. Trabalho pesado e fatigante por um lado, mas, por outro lado, a promessa de felicidade e realização, se não possíveis neste mundo, mas pelo menos prometidas para o outro mundo. A promessa de felicidade num mundo espiritual, no porvir, é um formato de seduzir a sociedade e manter o sistema, sem que a população as reivindicasse para o momento presente. Diante da tal separação, pode-se observar que apenas uma pequena minoria tinha acesso aos bens materiais e de bem-estar.

Essa separação da sociedade em dois mundos – civilização e cultura – permitiu que a sociedade continuasse a explorar e a alienar a grande maioria da população nas fábricas e na

burocratização. Por outro lado, a sociedade acena com os bens culturais para as massas. Esses bens encontram eco nas obras de arte que simbolizam a promessa de felicidade, mas são poucos os que têm acesso a esses bens. Essa restrição poderia gerar revoltas e descontroles, mas é nesse instante que a indústria cultural assume a importante função para a manutenção do sistema.

As massas tiveram acesso a esses bens por meio da indústria cultural, que se valeu da revolução tecnológica-cultural para a reprodução em série dos ditos bens culturais. Aparentemente esses bens culturais despencaram dos seus pedestais e caíram nas mãos das massas, mas, na verdade, o que houve foi a falsa democratização dos bens culturais, pois estes se transformaram em mercadoria, e essa

[...] aparente reconciliação da cultura com a civilização foi uma falsa reconciliação, que traiu o ideal de felicidade, humanidade e justiça contido na esfera da cultura. O produto cultural integrado à lógica do mercado e das relações de troca deixa de ser “cultura” para tornar-se valor de troca. A falsa reconciliação entre produção cultural e ideal de bens recebe o nome de “indústria cultural”. (FREITAG, 1983, p. 71).

Ao entregar os bens culturais, produzidos em séries, para as massas, a indústria cultural não permitiu que as reais condições de apropriação dos conteúdos das obras de arte, das obras filosóficas, da música, etc., se concretizassem efetivamente. Ou seja, ela apenas permite um semicontato com tais obras, pois ao entregar obras filosóficas em edições resumidas, obras de arte reproduzidas em série e outras obras editadas simplesmente para vender, e não para formar, a indústria cultural está infundindo, não uma formação cultural para a maioria, mas uma semiformação²² que conduz a um permanente estado de minoridade, pois ela conseguiu fragmentar a formação cultural e com isso tirar a visão do todo.

A questão da minoridade já tinha sido abordada por Kant no texto *Resposta à pergunta: O que é Iluminismo*²³. Ele demonstra que “[...] a minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 1974, p. 100). Entende-se que a indústria cultural é esse processo que sempre direciona os sujeitos para uma

²² Nas palavras de Adorno: “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Desse modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização” (ADORNO, 1996, p. 389). O termo *semicultura* é a tradução da palavra alemã *Halbbildung*. O texto sobre a *Teoria da Semicultura* será analisado na parte final do presente capítulo.

²³ KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: que é Iluminismo?* In: Kant Immanuel. *Textos seletos*. Tradução: Raimundo Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. p. 100-117.

menoridade cada vez mais profunda, mas ela faz isso de forma aberta e descarada, operando a falsa democratização dos bens culturais e permitindo um semicontato com eles. Desta maneira, ela consegue dirigir os indivíduos conforme o interesse dos grandes monopólios industriais, que são uma nova configuração do capitalismo analisado pelos autores, que apenas visa o lucro. Sabendo-se que, para que esse sistema se mantenha, é necessária a concordância da sociedade como um todo.

A indústria cultural consegue gerar tal concordância de modo tácito ou explícito nas pessoas. Ela se impõe através das mercadorias padronizadas que produz e consegue, assim, transmitir a falsa sensação de desfrute de felicidade, de bem-estar e de formação cultural. Isso, no entanto, nada mais significa do que oferecer lazer, diversão e entretenimento para as pessoas, pois rindo e se divertindo – o velho pão e circo – ficam “ocupados” e não conseguem pensar na terrível dominação a que as pessoas estão submetidas. Isso só pode acontecer porque a semicultura foi difundida a tal ponto que ela chega a passar por formação cultural e o objetivo da ideologia que se utiliza do mecanismo da indústria cultural – deixar o sujeito num estado de plena concordância com tudo que lhe é imposto – foi atingido. No presente capítulo buscamos demonstrar/analisar tais fatos.

2.1 PADRONIZAÇÃO: O PRIMEIRO ESTÁGIO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Os filósofos Adorno e Horkheimer iniciam o texto *Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, contestando a opinião do caos cultural, difundida pelos sociólogos a partir da análise sobre o enfraquecimento da religião e a dissolução dos últimos resíduos pré-capitalistas. Para os autores, o caos é aparente, havendo, na verdade, uma grande organização e coerência em todo sistema, que imprime uma padronização em todas as áreas da sociedade: o cinema, o rádio, as revistas e “[...] até mesmo as manifestações estéticas de tendências políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo do aço” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 99).

Tal padronização também pode ser diagnosticada nas construções de edifícios de vários países, até mesmo dos países autoritários. As luxuosas construções apenas externalizam as ambições das grandes empresas e, ao mesmo tempo, proclamam o desenvolvimento técnico. Tais construções devem ser usadas como latas descartáveis, valendo-se delas por um curto período para logo substituí-las por novas “latas”. Como latas de conservas são os

apartamentos: pequenos, higiênicos, que têm o objetivo de dar uma aparência de independência e autonomia ao morador, mas, na verdade, apenas submetem esse trabalhador ao poder do capital. Tais fatos apenas apontam para a

[...] unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-los, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente eles se confessam. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 100).

O monopólio tem o poder de se instalar em todos os lugares e igualar todas as coisas; consegue fazer com que a cultura de massas seja idêntica tanto nos países democráticos como nos autoritários. Aquilo que o monopólio domina perde sua essência, assim o cinema não é mais apresentado como arte, mas, sim, como um meio que gera lucro. Os monopólios padronizam e divulgam tudo aquilo que pode gerar lucro, não importando que seja lixo, luxo, supérfluo, perigoso, desde que gere aumento de capital.

Os interessados no desenvolvimento da indústria cultural procuram apresentar uma explicação tecnológica para a indústria cultural, argumentando que milhões de pessoas participam de tal indústria e por isso é necessário se valer de métodos de reprodução de bens de consumo, levando à padronização de bens, pois as necessidades das pessoas são todas iguais, sendo assim aceitos sem resistência. Tais fatos apenas demonstram que existe manipulação de necessidades de reforma retroativa, visto que é criando bens padronizados que se padronizam as necessidades; isso nada mais é que um círculo vicioso.

A verdade dessa indústria é que os que possuem o dinheiro, o monopólio e a técnica nas mãos, esses dominam sobre os desfavorecidos. Assim,

[...] a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Essa padronização acabou com a diferenciação e toda necessidade individual foi castrada com a criação retroativa de produtos e de necessidades iguais. Aos poucos, o homem acaba por se submeter à padronização. Assim como os ouvintes de rádio acabam se submetendo aos programas, que são todos iguais em todas as estações, assim o sujeito acaba se submetendo ao poder da padronização de toda a sociedade. Sua individualidade acaba

sendo captada pelo sistema, que é todo coeso em si. Os programas de rádio, e atualmente os *reality shows*, que buscam algum talento, eliminam a espontaneidade do público, pois buscam apenas um padrão de voz, de estilo musical, de corpo atlético, de rosto que se parece muito com algum artista famosos, etc.

Isso apenas demonstra que “[...] os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 101). O que acontece é a integração do talento nessa indústria antes de ser por ela cooptado, por isso mesmo que os talentos, as vozes e os artistas conseguem se adaptar com maior facilidade, pois já fazem parte dessa indústria. Os altos executivos, conhecendo tal realidade, produzem programas de acordo com as suas tabelas, pois elas indicam se determinado produto será “comprado” ou não pelo público. Agindo pela padronização, elimina-se a possibilidade de realização individual: tais fatos garantem a manutenção do sistema, pois se manipulam com mais facilidade as massas.

A indústria cultural age de maneira coesa com todos os setores da sociedade, pois ela está intrinsecamente ligada uma a outra, pois a

[...] dependência em que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face da indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 101).

Os grandes monopólios e os interesses políticos, que mantêm todo sistema muito bem ajustado e controlado, têm óbvios interesses. Aquilo que é vendido pela indústria em categorias A, B e C, etc., como filmes, revistas e histórias publicadas, jornais e os atuais programas de entretenimento não tem muito a ver ou, para ser bem claro, não tem nada a ver com o conteúdo publicado, mas, sim, com a maneira organizada de classificar e computar os consumidores, os quais deixam de ser pessoas com personalidade e passam a ser vistos como números a serem manipulados. O que ocorre é que, a partir do enquadramento das pessoas nas tabelas previamente organizadas, os poderosos setores da indústria conseguem atingir com facilidade seus objetivos, pois sabem o que os consumidores de cada categoria querem consumir.

Cada uma das qualificações e categorias é bem acentuada para que as distinções sejam nítidas: roupas de determinada grife para um grupo social, programas televisivos que mostram o luxo dos carros esportivos e dos hotéis e as delícias gastronômicas são apresentadas como custando apenas alguns milhares de reais, valores que o trabalhador comum nem com uma

vida inteira de trabalho conseguira juntar. Como existe, porém, um nicho interessado em tais produtos, a indústria cultural se encarrega de veicular tais mercadorias, estimulando assim o desejo mimético que mantém toda engrenagem andando.

Há roupas, carros e hotéis, etc., feitos sob medida para atender às classes menos favorecidas. O acesso a esses produtos populares também se torna possível diante do pagamento de infindáveis parcelas – o que acaba custando o dobro –, para desfrutar das réplicas/cópias dos caríssimos produtos, sem proporcionar a real satisfação anunciada por tal mercadoria. Não percebem os consumidores das classes populares que, à custa do fatigante suor de cada dia, apenas estão enriquecendo ainda mais os grandes monopólios.

O enquadramento, a classificação e a computação de certos produtos, para atingirem todas as camadas sociais, fazem com que

[...] cada qual deve se comportar como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricados para seu tipo. Reduzindo a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 102).

As pessoas acabam por se comportar conforme a prévia estipulação dos mapas, das tabelas e dos organogramas feitos pelos executivos das grandes empresas com o fito de atingir a todos. Assim, o comportamento, o gosto e o pensamento são padronizados de acordo com as “latas de conserva” vendidas amplamente nas prateleiras do capitalismo.

Mesmo que haja produtos que são mecanicamente diferentes, eles acabam por demonstrar sempre a mesma coisa; como no caso das marcas de carros, onde, no fundo, a distinção acaba por ser ilusória, pois as diferenças se reduzem a pequenos acessórios que dão a impressão de existirem algumas vantagens e desvantagens, mas que apenas servem para reforçar a ilusão da concorrência e dar uma impressão de que, de fato, o consumidor pode escolher algo. O mesmo fato se repete com os filmes, que acabam por ser todos iguais, mesmo que os orçamentos possam ser diferentes, o número de artistas famosos possa a ser maior em determinado filme, mas, por fim, todos acabam sendo iguais, pois sempre repetem a mesma história de uma maneira levemente alterada.

Adorno e Horkheimer perceberam o poder que a indústria televisa começava a desfrutar desde o início de sua criação, pois divulgava ideologia e produtos com uma facilidade ímpar, pois entra passivamente nos lares e nas consciências das pessoas; isso

porque a televisão conseguiu realizar a síntese entre rádio e teatro formidavelmente e sem precedente, pois

[...] a harmonização da palavra, da imagem e da música logra um êxito ainda mais perfeito que no *Tristão*, porque os elementos sensíveis – que registram sem protestos, todos eles, a superfície da realidade social - são em princípio produzidos pelo mesmo processo técnico e exprimem sua unidade como seu verdadeiro conteúdo (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 102).

A televisão, ao se valer da técnica, que se uniformiza cada vez mais, unindo os três elementos por ela usados (palavra, som e imagem), conseguiu atingir os sentidos dos indivíduos e fez com que se apaixonassem mais fervorosamente que *Tristão*²⁴ e *Isolda*. Isso tem levado ao empobrecimento das experiências, pois a uniformização dos meios técnicos no processo de produção acabou por uniformizar o sujeito da mesma maneira como se uniformiza um produto na indústria.

Diferentemente da formação cultural, que tem por objetivo a maioria do sujeito de toda e qualquer tutela que o conduza à minoridade, a ideologia da indústria cultural visa a permanência do estágio mítico e primitivo. A indústria cultural, sabendo que o medo leva o sujeito a afugentar-se ou a querer dominar o desconhecido, não trabalha com o medo para perpetuar a dominação, mas com a felicidade, pois sabe que os seres humanos

[...] esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. (FREUD, 1978, p. 141).

Isso nada mais é do que duas formas de buscar o prazer e evitar o mal-estar: a primeira é pela busca do prazer de fato e a segunda é evitar o desprazer. Segundo nossos autores, a indústria cultural promove este último como meio de dominação e manipulação, pois sabe que, se evitar o desprazer aos homens, eles poderão “imaginar” que estão desfrutando de bem-estar, felicidade e completude, no entanto ela apenas oferece simulacros disso em contornos de lazer e diversão.

²⁴ Tristão era um excelente cavaleiro a serviço de seu tio, o rei Marc da Cornualha. Na obra, Tristão foi encarregado de buscar Isolda, princesa Irlandesa, para se casar com o rei, mas, na viagem, ambos beberam acidentalmente uma poção de amor mágica, a qual fez que ambos se apaixonassem loucamente. Tristão não pôde se casar com Isolda, mas manteve um caso secreto com ela, pois estava prometida ao rei. Casou-se com Isolda das mãos brancas, mas sempre ficou apaixonada por Isolda.

2.2 LAZER E DIVERSÃO (DEGRADADOS A ENTRETENIMENTO): MECANISMOS DE OBLITERAÇÃO DA IMAGINAÇÃO E DA RAZÃO

O lazer e a diversão são utilizados pela indústria cultural como formas de controle social e servem como obstáculos para a superação do capitalismo. O que passa a ser alvo da indústria cultural é a consciência das pessoas, que precisa ser manipulada como um produto de uma fábrica, submetendo-se ao planejamento e à dominação que são necessárias para que o sistema capitalista continue vicejando, pois

[...] a convivência de capitalismo monopolista e instituições democráticas exige que o controle social assuma formas do controle de consciência que pretende neutralizar o potencial crítico do indivíduo, assimilando-o ao funcionamento do sistema. O resultado é a homogeneização crescente da consciência das pessoas, análoga àquela dos produtos da indústria cultural. (GATTI, 2008, p. 83).

Tais fatos apenas demonstram que a indústria cultural se infiltrou em todas as áreas, inclusive na consciência das pessoas, por meio do lazer e da diversão; demonstrando assim que o controle da consciência afetou toda experiência que o indivíduo pode realizar. O trabalhador não está submetido somente às regras do capitalismo em suas horas de trabalho, mas inclusive em seus momentos de tempo livre e de diversão, pois a “[...] diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 113).

Quando o trabalhador sai da fábrica, ele precisa continuar a ser orientado fora dela, para que possa voltar no dia seguinte para o relógio ponto e iniciar mais uma jornada fatigante. O lazer e a diversão são esses elementos que orientam os homens em seu descanso para que seus sentidos fiquem bem ocupados e não pensem na miséria a que são submetidos. O lazer e a diversão os distraem, mas não permitem um encontro com a felicidade e com o bem-estar.

Nesta seção se analisa, em primeiro lugar, a questão do lazer como elemento que oblitera a imaginação e a capacidade de raciocínio, na medida em que é reduzido a entretenimento. Adorno e Horkheimer mencionam o esquematismo²⁵ kantiano para ilustrarem

²⁵ “A verdadeira natureza do esquematismo, que consiste em harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por se revelar na ciência atual como o interesse da sociedade industrial [...] o conflito entre a ciência que serve para administrar e reificar, entre o espírito público e a experiência do

a ação da indústria cultural nessa empreitada. O esquematismo deveria atuar como “[...] um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 103). Ou seja, de acordo com Bandeira (2008, p. 46), o esquematismo “é capacidade de interpretar os dados empíricos segundo categorias” e foi usado como modelo pela indústria cultural e tudo deve se encaixar em seus padrões.

No momento em que a capacidade de interpretar os dados empíricos é roubada do indivíduo, este se sujeita, em seu lazer, a uma produção, meticulosamente construída pela indústria cultural, de músicas, de novelas e de filmes. Essa produção sempre apresenta as mesmas histórias de sucesso, de fracasso, de heroísmo, etc., fazendo com que o telespectador consiga, por meio da música de fundo – quer seja música ligeira, de suspense, música triste ou lenta – descobrir a próxima cena e, quando ela acontece, se sente feliz e inteligente por ter desvendado algo “tão complicado”.

Todos os detalhes são calculados, inclusive o número de piadas e de palavras a serem ditas na cena; assim, não é necessário esforço para entender, pois se sabe o fim do filme desde o seu início; tudo já está previsto. Esse esquematismo fez com que a realidade fosse reproduzida de maneira fidedigna na televisão, dando uma ideia de que as ruas, os prédios, as casas, etc., são apenas um prolongamento do filme que acabara de passar. As técnicas dessa “indústria” são aperfeiçoadas a cada dia a tal ponto de conseguirem duplicar os objetos empíricos de tal maneira que permitem a ilusão de que a vida cotidiana nada mais é do que a vista no filme

Ocorreu que o aperfeiçoamento da técnica dos filmes e o rapto do esquematismo, pela indústria cultural, atingiu as pessoas em seu lazer, e isso faz com que o

[...] filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim que precisamente o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos [...] paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 104).

indivíduo, é evitado pelas circunstâncias. Os sentidos já estão condicionados pelo aparelho conceitual antes que a percepção ocorra, o cidadão vê *a priori* o mundo como a matéria com a qual ele o produz para si próprio. Kant antecipou intuitivamente o que só Hollywood realizou conscientemente? As imagens já são pré-censuradas por ocasião de sua própria produção segundo os padrões do entendimento que decidirá depois como devem ser vistas” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 73),

As pessoas não precisam mais pensar, pois existe alguém que faz isso por elas, apenas precisam descobrir as próximas cenas, até porque a rapidez do filme não permite o pensamento, a imaginação e o raciocínio: ao se querer pensar sobre a cena se perde o fio do filme, e então não resta nada mais do que acompanhar, sem raciocínio, o filme. Dessa fora, a razão e a imaginação acabam por se atrofiar e foi assim “[...] que a violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 105).

A indústria cultural conseguiu cooptar todas as áreas da sociedade e, assim, ela enquadra as pessoas em esquemas previamente calculados com uma exatidão milimétrica, proibindo e liberando cada sujeito conforme os interesses dos grandes monopólios, pois proibindo e liberando, essa indústria se impõe em seu linguajar.

Tudo aquilo que virá ao público precisa estar marcado de antemão com tal linguajar, fazendo com que os jargões e os clichês sejam usados como que espontaneamente pelos grandes astros, dando a impressão de que tal configuração de falar é sua. A eliminação da tensão entre os polos é o ideal a ser alcançado, igualando um estilo próprio de fala com um estilo artificial, assim “[...] os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 107).

O objetivo de tudo isso é imitar a realidade para que as pessoas possam estar ocupadas em todos os momentos de suas vidas. Quer estejam trabalhando ou em seu momento de lazer, acabam por ser engolfadas e não conseguem resistir, pois tudo parece ser tão igual; no nivelamento da realidade e do filme, não há mais espaço para a individualidade, para o pensamento próprio, para a maioria. Caminha-se para uma total dominação, a qual tem o lazer e a diversão como grandes agentes “formadores” de minoridade.

O segundo mecanismo utilizado, para o controle de consciências, pela indústria cultural, é a diversão. Segundo os autores,

[...] a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 112).

Muito parecida com o lazer, a diversão também sofreu um ataque da indústria cultural, pois foi despida de sua ingenuidade e transformada em mercadoria. Assim como a arte

também o foi, pois, após perder sua essência, ela passou a estar a serviço do grande monopólio e torna-se, dessa maneira, “[...] o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo do trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 113).

Aquele que procura um momento de lazer, de descanso do fatigante trabalho, acaba encontrando, nesses momentos, a cópia do seu próprio trabalho estampado na diversão e no lazer, pois tudo acaba por ser igualado. Só é possível escapar “[...] ao processo de trabalho na fábrica e no escritório [...] adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 113). As pessoas estão submetidas, em todos os momentos de sua vida, ao ritual mecanizado, desgastante e fatigante da fábrica e só conseguem escapar dele quando se adaptam a esse sistema desumano fora dele. Elas precisam se colocar novamente debaixo do jugo no momento da diversão, pois, para ser diversão, não pode haver um novo tipo de esforço, apenas continuam se esforçando²⁶ à maneira da fábrica. Por isso que se enquadram novamente no ritmo de produção na hora do lazer e da diversão, que são vividos nos mesmos moldes dos trilhos das fábricas, apenas deslizam sobre eles, e isso não exige força, basta “deslizar”; desse modo acabam por colocar o pescoço novamente no canzil na hora do lazer. E se adaptam à vida da fábrica com facilidade.

Os filmes que são rodados nas horas de folga são feitos de tal maneira que não exigem muito esforço intelectual²⁷, pois isso seria trabalho. Por isso as cenas devem ser tão simples que apenas reproduzem o momento anterior no posterior; até a reação do ouvinte já é prescrita: momentos para todos rirem, chorarem, cantarem. Todos acabam sendo rebanho guiado no grande pasto capitalista, onde os filmes

[...] de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o Pato Donald nos *cartoons*; assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 114).

²⁶ O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitam como estímulo. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 114).

²⁷ Adorno dizia que “[...] não por acaso pode-se ouvir na América o cínico produtor cinematográfico dizer que os seus filmes devem ser acessíveis a uma criança de onze anos. Desse modo o seu ideal seria o de rebaixar o nível mental dos adultos àquele de uma criança de onze anos”.

A crueldade à qual é submetida a sociedade é tamanha que os produtores de filme e de todo o lixo dessa indústria não se preocupam em serem descobertos, pois sabem que as pessoas vão voltar a assisti-los, mesmo sabendo que recebem uma sova diária, eles ainda riem disso.

O lazer e a diversão propagados tão largamente roubaram os verdadeiros momentos de distração²⁸, de descanso, os momentos para se estar verdadeiramente consigo mesmo, compenetrado. O que se percebe é uma falsa sensação de desfrute nos atuais momentos de lazer/diversão, pois os momentos gastos no escuro do cinema são apenas uma cópia barata dos momentos em que as pessoas podiam ficar sem fazer nada olhando a vida passar. Com isso não se deve concluir que Adorno era contra o cinema e os filmes. Ele mesmo afirmou que “[...] seria a última pessoa a duvidar do enorme potencial da televisão justamente no referente à educação, no sentido da divulgação de informações de esclarecimento” (ADORNO, 2006, p. 77). O que o autor destaca é que, apesar de toda a tecnologia desenvolvida e empregada na indústria do cinema, da televisão e em outros setores, não foi empregada para eliminar a fome e, dessa maneira, proporcionar uma vida melhor para os seres humanos.

O que a indústria cultural faz é lograr diariamente os consumidores em relação àquilo que ela lhes promete. Ela oferece um amplo cardápio de prazeres, mas nunca permite que seja servido, apenas trabalha com a lisonja; ela mostra as mais diversas alegrias e desejos por meio de palavras e imagens, entretanto aqueles que procuram desfrutar do prometido e escapar do cotidiano precisam se contentar com o trivial, pois não conseguem alcançar o objeto do desejo.

Assim, a indústria cultural acaba reprimindo e não sublimando os indivíduos. Os autores se valem do conceito de sublimação, empregado por Freud, no texto *O Mal-Estar na Civilização*, para explicar a situação em questão. Na sublimação, os indivíduos passam de um estado psíquico para o outro através de uma transformação de certa pulsação. A sublimação colaborou no desenvolvimento cultural e proporcionou à civilização atividades superiores. Assim, os indivíduos canalizam seus desejos libidinais para atividades socialmente aceitas; entretanto, na indústria cultural, esses desejos foram falsamente reconciliados. A transformação das pulsações não é mais sublimada, mas apenas excitada, pois agora o sujeito vê “[...] o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado [...] confirma o ritual que a indústria cultural de qualquer modo já instaurou: o de Tântalo” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 115).

²⁸ “Pode-se questionar se a indústria cultural ainda preenche a função de distrair, de que ela se gaba tão estentoramente” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 114).

O consumidor, ao ver o busto e o torso, objetos do desejo sexual anteriormente sublimados, mas agora reprimidos, não consegue desfrutá-los na integralidade. Assim ele acaba por se sentir como Tântalo, que, por ter querido enganar os deuses ao lhes dar a carne do próprio filho, teve por castigo de ser acorrentado em um lago até a altura do pescoço. Toda vez que tinha sede e queria beber da água, estas abaixavam; por detrás de Tântalo havia árvores com deliciosos frutos que estavam à mão, entretanto não as conseguia colher, pois o vento soprava os galhos para longe todas as vezes que este queria comê-las.

A indústria cultural conseguiu aprisionar os consumidores no “lago do capitalismo”, cuja água e frutos podem dessedentar e alimentar a muitos, entretanto ela não permite tal desfrute para não perder o controle sobre todos aqueles que se submeteram à ideologia da indústria cultural. Os sujeitos até que sentem o frescor da água em todo corpo, vêem os deliciosos frutos, cheiram, mas não conseguem alcançá-los, porque “[...] esta prisão é mais sutil, pois sob o monopólio privado da cultura, a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 110). Os corpos dos homens não estão mais nas senzalas, mas suas almas, ou seja, as psiques, ficaram como que acorrentadas às ideologias propagadas pelo grande indústria cultural.

Ela tem a capacidade de ser puritana e pornográfica ao mesmo tempo, pois ela permite a censura. Os palavrões são cortados, mas aquilo que eles significam é mostrado. Ela reduziu o amor ao romance, a felicidade ao riso; conseguindo com isso introduzir a “[...] libertinagem como uma especialidade vendável em pequenas doses e com a marca comercial “*daring*”.²⁹ A produção em série do objeto sexual produz automaticamente seu recalçamento: “O riso torna-se nela o meio fraudulento de ludibriar a felicidade” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 115-116). Ela apenas oferece romance e riso, nunca amor e felicidade, assim, rindo, nunca se satisfazem; romaneando nunca amam, apenas flerteiam com aquilo que pode trazer satisfação.

Percebe-se com isso a falsidade desta sociedade e a renúncia que cada indivíduo deve fazer diariamente para continuar a viver tal realidade. O custo é muito alto, mas, de sorriso estampado no rosto, pago pelos que estão amarrados não só no lago, mas na caverna³⁰. Estes se contentam com as sombras e se revoltam contra todos os que procuram libertá-los, mostrando a falsidade das sombras e o peso das correntes. Assim, a

²⁹ Ousado, audacioso.

³⁰ O mito da caverna foi descrito por Platão e encontra-se na obra "A República", livro VII.

[...] fuga do cotidiano, que a indústria cultural promete em todos os seus ramos, se passa de mesmo modo que o rapto da moça numa folha humorística norte-americana: é o próprio pai que está segurando a escada no escuro. A indústria cultural volta a oferecer como paraíso o mesmo cotidiano. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 117).

Toda e qualquer tentativa de fuga desse cruel sistema apenas permite a volta ao mesmo lugar sem graça e cinza, o qual se repete no ambiente da fábrica e do escritório, no lazer, na diversão, etc. Essa indústria acabou com a diversão e o lazer, pois misturou o comércio com esses elementos e agora oferece um simulacro deles que proporcionam momentos de refrigério, de descanso e de refúgio, para, logo após, poderem retornar ao dia a dia. Assim procedendo, ela apenas permite que o lazer e a diversão sejam fontes de renovação para o trabalho, e não passam de elementos paliativos na sociedade: “Neste sentido, a diversão realiza a purificação das paixões que Aristóteles já atribuía à tragédia e agora Mortimer Adler ao filme. Assim como ocorreu com o estilo, a indústria cultural desvenda a verdade sobre a catarse” (ADORNO HORKHEIMER, 1985, p. 119).

A indústria cultural procede de maneira tão firme com os espectadores que consegue manipular, produzir e dirigir as necessidades dos consumidores. Essa mistura entre negócio e diversão permite a perpetuação do sistema, pois, agindo desta maneira, ela não permite que as pessoas contestem o aparelho ideológico, pois “[...] divertir-se significa estar de acordo [...] Divertir-se significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado” (ADORNO HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Atuando desse modo sobre a consciência dos sujeitos, a indústria cultural consegue sempre dar pão e circo para as massas, que se alegram com tais elementos e acabam por não pensar em sua própria situação de extremo sofrimento; elas sucumbem às explicações e, mais uma vez, concordam com o sistema.

Mesmo que a abordagem feita às pessoas pela “indústria” dê a entender que ela está disposta a satisfazê-las e permitindo aparentemente que elas pensem, escolham e tomem decisões por conta própria, ela apenas está sendo retórica. Essa falsa liberdade de pensamento e ação pode vir a gerar certas “revoltas” contra a própria indústria, que educou os sujeitos para colaborarem com o sistema. Por isso é necessário que um mecanismo de controle adicional seja utilizado para que os “distúrbios sociais” não vicejem.

E é nesse momento que um novo fator entra em ação: a estatística. As pessoas percebem que estão muito distantes de serem grandes milionários e de desfrutarem das benesses dos poderosos, mas entendem facilmente a questão do número e do cálculo da probabilidade. É assim que “[...] a ideologia se esconde no cálculo de probabilidade”

(ADORNO HORKHEIMER, 1985, p. 120). A ideologia disfarçada de cálculo de probabilidade é utilizada pela indústria cultural que não permite que a felicidade chegue a todos, “[...] mas para quem tira a sorte grande, ou melhor, para quem é designado por uma potência superior” (ADORNO HORKHEIMER, 1985, p. 120).

Aquilo que parece ser probabilidade nada mais é que ideologia usada para controlar e manipular mais uma vez as massas. Essas conseguem se enxergar, por meio de mecanismos de identificação que são desencadeados pela ideologia da indústria cultural, nos artistas e personagens e assim se submetem à “probabilidade” e pensam que também poderão ser descobertos e transformados de anônimos em grandes estrelas do cinema, da música e da televisão.

Os que alcançaram a fama têm o papel de proporcionar no grande público o entendimento de que as pessoas em geral também podem vir a participar do sucesso, entretanto as “probabilidades” são tão ínfimas, que a melhor coisa a se fazer é identificar-se com o “escolhido”, alegrar-se com a felicidade do outro, e riscar todas as chances de alcançar a celebridade. O que se percebe são mecanismos de identificação e substituição sendo utilizados pela “indústria”, com o grande objetivo de padronizar e idiotizar as massas, que apenas devem consentir mais uma vez.

A fase do homem como ser genérico³¹ foi inaugurada nesse momento, pois

[...] a semelhança perfeita é a diferença absoluta. A identidade do gênero proíbe a dos casos. A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão-somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 120).

Ao se valerem do conceito de *ser genérico* empregado por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, os autores demonstram que essa indústria transformou indivíduos em seres fungíveis, que facilmente podem ser substituídos, pois aquilo que os diferenciava acabou por diluir-se no gênero, em que o sujeito não passa de um puro nada. Assim, ela conseguiu eliminar o sujeito pensante; nada mais resta a este que contentar-se com a “probabilidade” de ser contemplado pelo acaso, que pode vir para qualquer um. A indústria cultural consegue agir dessa maneira porque “de-formou” as mentes dos indivíduos na

³¹ “O homem é uma criatura genérica, não só na acepção de que faz objeto seu, prática e teoricamente, a espécie (tanto a sua própria como a das outras coisas), mas também [...] no sentido de que ele se comporta diante de si mesmo como a espécie presente, viva, como um ser universal, e portanto livre” (MARX, 2004, p. 115).

sociedade capitalista. O resultado de tal fato é uma meia formação, uma pseudocultura que luta por passar por formação cultural, mas que, na verdade, não passa de semicultura.

Foi possível observar, até o presente momento, que a humanidade saiu de um estado de pensamento mítico para um estado de pensamento racional, no entanto esse período racional acabou por se degenerar em mito novamente, porque endeusou os meios que a ciência havia descoberto para proporcionar uma vida melhor para a humanidade. Esses meios, também conhecidos como matematização do pensamento e redução do pensamento ao âmbito técnico, levaram os seres humanos a ver na razão apenas um meio para os mais diversos fins, ou seja, a razão passou a ser vista como um instrumento.

Essa instrumentalização da razão obliterou as capacidades de raciocínio e de autonomia, bem como ofuscou a capacidade de elaborar pensamentos próprios, que são a manifestação de um estado de maioridade. Com a redução do pensamento ao nível da técnica, os sujeitos ficaram mais vulneráveis aos princípios de troca que grassam por toda a sociedade capitalista, além de não conseguirem perceber as artimanhas construídas com o objetivo de enganar. Isso só foi alcançado porque a formação cultural foi transformada em semicultura.

2.3 SEMICULTURA: O INSTRUMENTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

A semicultura é o agente e o espírito³² da indústria cultural, e esta, por sua vez, é o agente do capitalismo que tem como meta transformar todos os conteúdos objetivos e subjetivos em mercadorias vendáveis. Este trio – semicultura, indústria cultural e capitalismo – arma suas redes para a sociedade, que facilmente fica aprisionada a elas, pois aquela, em muitos casos, não percebe as malhas da socialização que tocam todas as áreas da vida.

Ao transformar formação cultural em mercadoria, fragmenta-se o conhecimento, a cultura, a arte, a filosofia, etc., que passam a ser meros objetos de consumo despidos de seus conteúdos de verdade, mas vendidos como se fossem autênticos “objetos” formadores, os quais não passam de produtos falsificados – mas é assim que a indústria cultural age, pois “[...] ela não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes oferecer” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985a, p. 115). Foi dessa maneira que a indústria

³² “A indústria cultural, em sua dimensão mais ampla, [...] perpetua essa situação, explorando-a e se assumindo como cultura em consonância com a integração, o que, se for mesmo uma, não será a outra. Seu espírito é a semicultura, a identificação” (ADORNO, 1996, p. 396).

cultural transformou a formação cultural em mera semicultura, pois percebeu que, agindo dessa maneira, poderia não só garantir lucros, mas também conseguiria manipular as massas e mantê-las em um constante estado de menoridade, ponto que será abordado no terceiro capítulo.

Adorno inicia o texto *Teoria da Semicultura*, elaborado em 1959, demonstrando que a semicultura difundida pela indústria cultural gerou uma crise, um colapso na formação cultural de todas as classes, inclusive nas pessoas cultas. Tal colapso tem proporções gigantescas e que não podem ser resolvidas apenas com reformas no sistema educativo, pois essas reformas, apesar de necessárias, não teriam a capacidade de resolver o problema da semicultura, e poderiam até reforçá-la, pois tocariam apenas algumas partes da totalidade social. Em realidade não é mais a pedagogia, a escola e a formação cultural que influenciam a sociedade, mas, sim, o contrário, pois é a sociedade capitalista que tem o poder de influenciar a educação, que não mais forma para a vida, e sim para o mercado.

A conversão da formação cultural em semiformação só foi possível devido à alienação dos sujeitos, que pouco a pouco renunciaram à autodeterminação e passaram a submeter-se cegamente aos padrões culturais aprovados, sem ao mesmo questioná-los, pois não conseguem entendê-los nem explicá-los, e caminham a passos largos para a barbárie. Mesmo que haja difusão de informações, “[...] a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente” (ADORNO, 1996, p. 389).

Pelo fato de a semiformação ter dominado a consciência, é necessário um cuidado especial com a ideia de cultura. Primeiramente não se pode sacramentar tal ideia, pois isso seria um reforço para a semiformação. Por isso se faz necessária uma teoria que seja abrangente e que veja na cultura algo dinâmico, onde o princípio dialético deve agir, porque “[...] a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedeia esta e a semiformação” (ADORNO, 1996, p. 389).

A cultura do espírito que, segundo Adorno, é a primeira face da cultura, tem um afastamento cada vez maior da *práxis*, demonstrando que ainda existe certa submissão às ideias da burguesia. Os movimentos sociais que intentaram se livrar de tais imposições não conseguiram difundir a ideia de cultura como liberdade. Tal fato gerou certa retração nas ideias e nos movimentos revolucionários e acabou por encobertá-los e revesti-los. Essa cultura difundida pela burguesia e combatida pelos movimentos revolucionários acabou por se transformar em um *valor*, ou seja, uma espécie de tabu que não pode ser quebrado.

Com a ajuda da metafísica, da música e dos fatos acima descritos houve uma espiritualização da cultura, que não mais consegue fazer diferença na vida real dos homens e

de suas relações de uns para com os outros. Isso aponta para um descolamento, uma dissociação entre consciência e realidade, por isso pessoas que tinham tal cultura na época da Segunda Guerra Mundial “[...] se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo” (ADORNO, 1996, p. 389).

Esses bens culturais que deveriam agir sobre a consciência dos assassinos não tiveram “poder” de transformá-los, pois eram vistos apenas como bens, como mercadorias que não tinham nenhuma relação com a vida real, com as coisas humanas. Por isso que a verdadeira formação cultural deve estabelecer a relação entre cultura do espírito e realidade, entre a obra de arte e a realidade, deve permitir a dialética que elevará o sujeito a uma posição mais humana. Quando, porém, isso não acontece, é porque a semiformação transformou as obras de arte em mercadorias e instalou a dissociação e a fragmentação da obra, bem como da consciência. A cultura do espírito não pode ser um fim em si mesmo, pois, se o for, permitirá que assassinos contemplem obras de arte e se enternecem diante delas, e, ao mesmo tempo, sejam cruéis com o próximo.

A cultura como adaptação é a segunda face da cultura. Tal ideia de cultura destacou a necessidade de reforçar a unidade em uma sociedade que estava cada vez mais enfraquecida e, ao mesmo, tempo extinguir os conflitos que explodiam em locais em que já se havia estabelecido a cultura espiritual autônoma. O objetivo de cultura como adaptação destacou dois lados, ou seja, “[...] obter a domesticação do animal homem mediante sua adaptação interpares e resguardar o que lhe vinha da natureza, que se submete à pressão da decrepita ordem criada pelo homem” (ADORNO, 1996, p. 390). Quando essa tensão se desfaz nasce a unilateralidade, a qual proíbe que o ser humano se eleve acima dos dados, daquilo que lhe é posto, e assim acaba por impingir uma enorme pressão que perpetua a deformidade da agressão que se pensava já estar dominada.

Adorno se vale do Texto de Freud, *O Mal-Estar na Civilização*, para demonstrar que existe um mal-estar na civilização, mal-estar que, na verdade, é uma pressão cada vez maior sobre o ser humano, o qual deve se adaptar à realidade da sociedade decrepita, a qual avança a passos largos em direção a um mundo cada vez mais tecnológico; mas, para isso, a humanidade deve submeter-se mais ainda aos ditames da sociedade, para que as tecnologias possam dominar cada vez mais o meio em que se vive. Tal fato faz nascer um círculo vicioso de pressão, submissão e tecnologia dissociada das necessidades do espírito.

A cultura apresentada com dois lados mostra que existe um antagonismo social que não foi conciliado apesar de a própria cultura buscar tal fato. Tal separação sempre exalta a

separação entre o trabalho do corpo, exercido pelos que não têm o poder, e o trabalho do espírito, exercido pelos que possuem os meios tecnológicos e de produção. A separação glorificou o lado espiritual e relegou ao ostracismo o lado corporal, que facilmente se sujeitou aos ditames dos que possuíam o poder do seu lado. Essa submissão culminou com a eliminação do sujeito, que precisava se adaptar às novas “magias” e “tecnologias”, que surgiam a cada momento, para se autoconservar.

Entretanto, tal autoconservação empobreceu o espírito, que facilmente cai nas artimanhas da magia e das tecnologias, as quais estão sempre do lado dos poderosos. Estes procuram regular as relações sociais dos que não detêm os meios de produção, e os submetem a condições sub-humanas nas fábricas e na própria vida social, empurrando-os para as favelas e subúrbios onde vivem à margem da sociedade. Por isso são chamados de marginais. Esses operários, indefesos e com o espírito empobrecido, precisam se submeter mais uma vez aos ditames dos poderosos; isso porque entenderam que é o poder quem ditará tais regras e novamente a adaptação se reinstala

[...] e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo o fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito. (ADORNO, 1996, p. 391).

O enfeitiçamento do espírito demonstra que não houve o processo dialético entre subjetividade e objetividade, pois tais relações se congelaram na categoria do espírito, que, agora, apenas reproduz uma racionalidade vazia que não mais tem conexão com a realidade, no entanto tal estagnação se apresenta como liberdade, entretanto não passa de falsa consciência e mais uma vez glorifica a atividade do espírito em detrimento da atividade corporal.

A formação cultural assemelha-se muito a essa dinâmica acima descrita, pois, na intenção de formar uma sociedade burguesa de pessoas livres e iguais, também se percebeu o “princípio” do poder sendo exercido unilateralmente pelos burgueses. Estes, a princípio, purificaram a formação cultural que estava materializada em *fidalgos*, *gentlemans* e na antiga erudição teológica e a devolveram aos homens, porém tal sociedade de livres e iguais perdeu o seu foco e não mais entendeu seus fins. A promessa não corresponde à realidade, revelando aí sua função ideológica.

A formação cultural era vista como aquela que poderia formar um sujeito livre em sua consciência e que este, ao mesmo tempo, pudesse agir na sociedade autônoma, processo

dialético, no entanto ela perdeu-se na prática e degradou-se “[...] como percepção de vantagem de uma irresolvida *bellum omnium contra omnes*” (ADORNO, 1996, p. 392).

O fato de se perceber que existem momentos de finalidade na formação cultural deveria levar os homens a se tornarem indivíduos racionais e livres numa sociedade que prega a racionalidade e a liberdade, entretanto o que se percebe é que, na busca de uma sociedade e de pessoas mais esclarecidas, se perde o ideal da formação, pois se impõe uma padronização, uma finalidade à formação. Essa finalidade pode ser direcionada para a formação, para a fábrica, para o mundo capitalista, etc., e não mais para a vida. O resultado é a exclusão da singularidade do sujeito, bem como a eliminação do ideal de cada um formar-se por si só. Assim o

[...] sonho da formação – a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade – é falsificado em apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição. No ideal de formação, que a cultura defende de maneira absoluta, destila-se sua problemática. (ADORNO, 1996, p. 392).

A formação, quando vista apenas como meios para alcançar fins que sejam úteis de maneira prática, perda seu real ideal, que é o de formar pessoas e uma sociedade que sejam lúcidas, radicadas em sua própria consciência e que não mais haja exploração do homem pelo homem, pois quanto mais esclarecida é a parte mais esclarecido é o todo.

Ocorreu, no entanto, que a esperança da formação cultural não seguiu os ideais propostos pela jovem burguesia contra o feudalismo. Quando aquela começou a assumir o poder político na Inglaterra do século XVII e na França no século XVIII, já estava mais avançada que o feudalismo tanto economicamente como conscientemente. Tal formação cultural ajudou que a burguesia desenvolvesse suas atividades econômicas, administrativas, intelectuais; não foi apenas um privilégio, e sim a pedra de esquina que proporcionou ao burguês o seu desenvolvimento como empresário, gerente e funcionário.

Quando essa nova sociedade, a burguesa, se estabelece, “[...] as coisas já se transformam em termos de classes sociais” (ADORNO, 1996, p. 392). Quando se começa a pensar nas novas camadas desfavorecidas, que começavam a surgir nesse novo contexto, que deveriam ser despertadas para a consciência de si mesmas, percebe-se um déficit intelectual nessa camada. Os que agora tinham se tornado os donos do poder começam a manipular a formação cultural nessa nova sociedade que é vazia e implantam um processo desumano de trabalho aos proletários, que não têm mais os pressupostos básicos para a formação cultural, pois lhes foram roubados, principalmente lhes foi subtraído o ócio. Assim, todas as tentativas

de implantar uma educação popular que pudesse remediar tal situação não passaram de piada de mau gosto, “[...] pois nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletário, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída” (ADORNO, 1996, p. 393).

Essa contradição entre a sociedade e a formação cultural não desemboca numa incultura, e sim na semicultura. As populações do campo não tiveram o mesmo tempo de passarem pelo processo formador por que a burguesia passou, pois esta se foi desvencilhando de certas amarras e assim progrediu, via formação cultural, a um nível maior de formação. O resultado foi um súbito rompimento, no campo, com o mundo das ideias, de modo especial, com o mundo das ideias ligadas à religião. Tal fato foi possível devido ao avanço tecnológico sobre o campo, via meios de comunicação, como a televisão e o rádio.

A autonomia, que é o princípio básico da formação burguesa, não teve tempo de formar-se em tais pessoas e localidades do campo, gerando assim as condições de possibilidade do exercício de uma nova autoridade sobre tal população: “No lugar da autoridade da bíblia, instaurou-se o domínio dos esportes, da televisão e das 'histórias reais', que se apóiam na pretensão de literalidade e de facticidade aquém da imaginação produtiva” (ADORNO, 1996, p. 393). Ao serem excluídos da real formação cultural, passaram a ter uma semiformação onde o predomínio de saberes como a matemática e as ciências naturais imperou, levando os semicultos a serem bons técnicos, que sabem fazer concertos pontuais, mas não mais conseguem ver as tramas do mundo social.

Assim surge um antagonismo entre o poder da burguesia e a impotência econômica do proletariado, que pouco a pouco foi colocado à margem da nova situação social. O abismo, que surgiu entre as duas classes, foi fechado com ideologia e com mercadorias, dando a impressão ao proletário de que ele é um sujeito, mas o é apenas como produtor. Os bens por ele produzidos prometiam trazer satisfação e formação cultural, entretanto ele não se encontrava preparado, nem mesmo psicologicamente, para o desfrute dos bens culturais e para a assimilação dos valores que os bens culturais prometiam. A indústria cultural sempre conseguiu determinar

[...] a relação entre a ideologia contida no produto simbólico e a esperança de que enfim encontramos um produto que nos possibilita ser identificados como indivíduos de personalidades marcantes. A promessa de felicidade está vinculada a um eterno presente que tira suas forças justamente de que somos seres emancipados. (ZUIN, 2001, p. 117-118).

Esse poderoso mecanismo da indústria cultural, de passar a impressão de formação cultural sem que isso de fato ocorra, é o fator que revela as contradições entre a formação

cultural e a indústria cultural. Se, de um lado, existe o objetivo de formar um sujeito que possa ser livre, autônomo, que tenha capacidade de tomar decisões próprias e que consegue participar de sua própria formação, temos o outro lado da indústria cultural que visa a criação de um sujeito mediano, que se acomode e se adapte à ordem social sem questioná-la, para isso lhe oferecendo uma semiformação por meio de mercadorias que lhe permitam a impressão de realmente fazer parte de um extrato social que tem atingido a maioria. O resultado é a integração, via consumo, e, ao mesmo tempo, o antagonismo que surge dos interesses estabelecidos na sociedade capitalista.

Essa difusão da semicultura é uma tendência que se faz cada vez mais presente. Mesmo que as estatísticas possam dizer o contrário ou que haja grupos sociais que ainda tenham suas consciências de classe vivas, percebe-se a difusão da pseudocultura na atualidade. O remédio para tal situação é a formação cultural tradicional³³. Mesmo que ela possa ser questionável, ela é a única que pode fazer frente à semicultura, pois “[...] potencialmente foram cortados os petrificados recursos com que o espírito podia escapar da formação cultural tradicional e sobrepassá-la” (ADORNO, 1996, p. 395).

A indústria cultural difunde sua ideologia e assim mantém a situação de semiformação, pois assim ela poderá imperar na sociedade e sobre a maioria dos sujeitos via produtos que ela fabrica e assim ela excluiu e marginaliza grande parte da sociedade e pode então guiar essas maiorias de acordo com os interesses da burguesia; entretanto, da formação cultural participam apenas pessoas singulares e aquelas que não caíram nesse imenso crisol capitalista. Esse conflito de interesses³⁴ demonstra a existência de contradições de objetivos entre a formação cultural e a indústria cultural. Esse fato é observado por Adorno quando demonstra que os novos ricos nos países capitalistas aderiram ao fenômeno da identificação em relação à formação cultural e, assim,

[...] a ilustração, provinda de outra época, passou, de maneira natural, aos indivíduos dos países permeados pelo capitalismo, a idéia de que eram livres e autodeterminados, o que lhes permitia e obrigava a não se descuidarem de nada deixarem sem ser ensinando, ou, de, pelo menos, mostrarem comportamento que transmitisse tal impressão. (ADORNO, 1996, p. 396).

³³ Formação cultural, para Adorno, “[...] consistiria justamente em pensar problemáticamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito” (ADORNO, 2006, p. 80).

³⁴ “Trata-se de se ter consciência de que a mercantilização dos produtos simbólicos, ou seja, a indústria cultural, não permite, por antemão, a verdadeira democracia e nem a validação da racionalidade livre, objeto de desejo da própria formação cultural” (ZUIN, 2001, p. 120).

Às maiorias, que não conseguiram participar do ideal (de autonomia) da formação da sociedade burguesa, o que lhes restou foi uma pobre identificação com alguns produtos, mas essa identificação tem a tendência de geralmente fracassar, porque o indivíduo nada recebe que contribua para formar sua razão. O resultado é uma vida que não consegue se articular com o real, pois lhe falta o substancial. Isso apenas mostra “[...] o pesar pela ausência de uma totalidade justa e reconciliada com o singular” (ADORNO, 1996, p. 397).

No afã de construir tal substancialidade, alguns se propuseram realizar tal tarefa, mas isso pode, de fato, ser uma espécie de pedra de tropeço, pois, no momento em que se quer colocar “substancialidade”, se está, na verdade, impedindo a real formação cultural, pois esta sempre foi antinômica e precisa vicejar entre a autonomia e liberdade. Quem quer formar-se precisa sempre submeter-se a uma heteronomia e, então, “[...] no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir” (ADORNO, 1996, p. 397).

Para Adorno existem algumas condições sociais que são essenciais para a formação cultural, dentre elas se destaca a tradição pré-burguesa, que era carregada de imagens e de formas, mas que foram perdidas quando se “desencantou o mundo” com a tecnologia e o saber matematizado. O espírito ficou devastado e tornou-se apenas um meio para um fim, perdeu-se o momento da mediação para a formação que ocorria da mesma maneira que, “[...] segundo Freud, a autonomia, o princípio do *ego*, brota da identificação com a figura paterna, enquanto as categorias a que se chega por intermédio destas se voltam contra a irracionalidade das relações familiares” (ADORNO, 1996, p. 397).

Segundo nosso autor, descartou-se a autoridade quando as reformas escolares foram realizadas, e não se colocou nada em seu lugar. Assim, o processo formador sofreu avarias, entretanto, para que haja a construção de um *ego* sadio e uma sociedade mais justa, é necessário o “[...] estranhamento da subjetividade em relação ao mundo fenomênico e da sua conseqüente objetivação e reapropriação, fornecendo as bases estruturais da cultura” (ZUIN, 2001, p. 58).

Além disso, ainda é destacada a importância do “aprender de cor” e a temporalidade. O “aprender de cor”, que é uma maneira de nutrir o intelecto e o espírito, faz com que esse possa realizar o contato com o mundo da maneira como ele aparece e o faz via os signos. Esse “aprender de cor” serve para alimentar o intelecto, não simplesmente para se decorar de forma mecânica, mais conhecida como “decoreba”, mas para fornecer subsídio à mente para que essa possa trabalhar de maneira autônoma ao analisar os conteúdos decorados. A temporalidade permite que o indivíduo estabeleça e considere “[...] os vínculos temporais entre os objetos de estudo” (ZUIN, 2001, p. 117). Observa-se novamente, porém, que a

indústria cultural não permite tais formas de formação cultural que poderiam trazer real formação, pois o que ela faz é exigir alguns conteúdos (como datas, fórmulas matemáticas, etc.), mas que não terão o tempo de serem realmente aprendidas. Ela, simplesmente, rompe com o processo formador porque repõe rapidamente novas mercadorias, fórmulas, datas e assim não se tem mais ligação entre o sujeito e o objeto, entre o passado, o presente e o futuro, apenas se exige o consumo.

Com a desmitologização do mundo, acabou-se com a metafísica, bem como com o tesouro de imagens religiosas que permitiam que o existente se revestisse de cores. Perdeu-se a dialética entre a subjetividade e a objetividade, e passou a imperar um modo matemático e técnico de interpretar o mundo. Por isso que tudo aquilo que remetia ao folclore foi relegado ao ostracismo. Assim, as relações sociais começaram a ser modeladas pelo princípio da equivalência e a alma, que agora não mais tem as formas e as imagens religiosas, precisou de um substituto para continuar a viver neste mundo desencantado: a semiformação. Isso é uma maneira de permitir que a mitologização retorne.

Os meios de comunicação, percebendo essa vacuidade, esse vazio da alma, construíram novos mitos – as estrelas de cinema, as canções de sucesso que atuam sobre a vacuidade “[...] explicam-se por si mesmos como pictografia da semiformação” (ADORNO, 1996, p. 400). É assim que pessoas que não conseguem formular frases originais e apenas repetem clichês e chavões se firmam numa sociedade vazia, pois esta foi corrompida não somente no nível do espírito, mas teve sua vida sensorial também afetada pela semiformação.

Vive-se então em uma sociedade do *status* onde o que restou de uma formação é absorvido e transformado em símbolo de *status*, que é algo próprio da classe burguesa. Cria-se uma barreira entre os que têm os símbolos, os privilégios, e os que não os possuem; entre os que sabem latim e os que não sabem. Romper tal barreira se torna quase que impossível, pois a integração social que oferece produtos que transmitem a sensação de formação nada mais é que a semiformação, que “[...] é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 1996, p. 400). Os símbolos passam a ser fetichizados e se tornam marcas de formação, mas que, na verdade, não passam de pseudoformação cultural.

O que passa a imperar são as novas mercadorias colocadas à venda no capitalismo. São elas que enfeitiçam o consumidor e o mantêm sob a tutela da indústria cultural. Toda vez que alguém adquire um produto cultural pensa que está participando de um privilégio, no entanto suas capacidades críticas há muito já foram eliminadas. Esse sujeito acaba por se excluir a si mesmo do prestígio no ato da compra, “[...] não somente estão desregrados os

bens de formação cultural para aqueles que não são cultos, mas também em si mesmos, por seu conteúdo de verdade” (ADORNO, 1996, p. 401).

Sem dúvida, a técnica ,em conjunto com as forças produtivas, proporcionou uma vida melhor para alguns seres humanos, mas elas por si só não são a base para a formação cultural, inclusive elas se têm geralmente manifestado de modo negativo nas coisas do espírito. Entretanto, a indústria cultural tem incutido a ideologia na sociedade, a ideologia de que a técnica e o padrão de vida mais elevado ajudam na formação cultural. O exemplo utilizado e sugerido por Adorno, dos dois grupos que ouviam música erudita, demonstra tal fato.

Vejam: Adorno descreve apenas a reação do primeiro grupo, aquele que ouvia a música erudita pelo rádio. O segundo grupo ouvia a mesmas músicas em audições ao vivo. Os ouvintes do rádio reagiram com superficialidade à música, pois ela era “vista” apenas como música de “fundo” e de diversão; esse fato demonstra que as formas espirituais acabam por se congelar em bens culturais e, com isso, perdem a intencionalidade do autor da obra de arte. Assim, o rádio e demais meios de comunicação, têm transformado, em muitos casos, as obras de arte em simples passatempos.

A elevação do nível de vida das pessoas fez com que elas buscassem uma formação melhor para si mesmas, mas apenas com o objetivo de se inserirem na nova elite burguesa. Com isso houve o incentivo coletivo à formação e aquilo a que apenas alguns tinham acesso “[...] converte-se em espírito popular” (ADORNO, 1996, p. 401). Tal fato tem levado muitos a taxarem Adorno de pensador elitista, pois pode parecer que ele era contrário à formação para a população. Pelo contrário, Adorno reconhecia o valor da formação individual, pois, para ele, “[...] a democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular” (ADORNO, 2006, p. 169). O destaque do autor demonstra que a formação cultural passou a ser apenas semiformação socializada.

A indústria cultural, percebendo que poderia auferir lucros com tal realidade, incentiva a necessidade de formação por semicultura. Esse é o momento em que as obras de arte começam a ser vendidas em grande escala e adaptadas ao mercado. Os textos filosóficos foram resumidos, as músicas eruditas passaram a ser apenas música para diversão e para fundo musical, as obras de arte viraram quadros para enfeitar parede e a formação foi transformada em semiformação. Isso nada mais é que transformar os objetos de formação em mercadoria. Num jargão teológico, dir-se-ia que a graça foi barateada.

Adorno não é contra a popularização da formação cultural. Ele sabia e reconhecia que era impossível e insensato querer proibir a publicação de textos filosóficos em edições de bolso. Sua preocupação é que “[...] uma concepção linear e inquebrantável do progresso

espiritual planeja com negligência sobre o conteúdo qualitativo da formação que se socializa como semiformação” (ADORNO, 1996, p. 402). O autor destaca que o semientendimento, a semiexperimentação não é o primeiro passo para a formação, mas, sim, seu inimigo mortal, pois podem reforçar a reificação da consciência, reificação que deveria, na verdade, ser eliminada pela formação cultural. Por isso que “[...] nada do que, de fato, se chame formação cultural poderá ser apreendido sem pressupostos” (ADORNO, 1996, p. 402).

Os pressupostos nada mais são que uma preparação básica do leitor, do ouvinte, etc., para que não assimile de maneira errada os elementos formativos. Adorno ilustra tal fato com um leitor novato que, no afã de aumentar seu cabedal de conhecimento e sua formação cultural, se dedica a ética de Spinoza

[...] sem conhecê-la em conexão com a doutrina cartesiana de substância e com as dificuldades da mediação entre a *res extensa* e a *res cogitans*, as definições com que começa esta obra assumem certa opacidade dogmática e um caráter de arbitrariedade confusa, que se desfazem somente quando se entende a concepção e a dinâmica do racionalismo juntamente com o papel que as definições desempenham nele. O iniciante ingênuo não saberá o que intentam tais definições, nem quais títulos legais lhes são inerentes, e as abandonará como um discurso confuso – e com tal juízo, índice de orgulho subalterno, talvez passe a se defender contra toda a classe de filosofia. (ADORNO, 1996, p. 403).

Ao serem ignorados os pressupostos para a formação cultural, corre-se o perigo de a mente tornar-se mais reificada. A população, como um todo, fica prejudicada e acaba não se tornando realmente esclarecida quando adquire um livro, ouve uma música erudita ou aprecia um quadro. A radical posição do autor levanta questionamentos sobre ler ou não uma obra de arte resumida em edições de bolso, etc. Entende-se que o autor se posiciona de maneira tão firme, pois vivenciou os horrores das duas grandes guerras e, em sua análise, tal fato surgiu porque faltou a verdadeira formação cultural.

Talvez não se deva ser radicalmente contra alguém ler um livro como o *Mundo de Sofia*, no qual é apresentada, de maneira romanceada, a história da filosofia, pois esse contato pode trazer ao leitor o desejo de se aprofundar nos estudos filosóficos e então caminhar para uma verdadeira formação cultural; entretanto, para Adorno, tal fato seria inconcebível, pois, para ele, isso seria reconhecer obras sinfônicas pelo método da associação.

O autor destaca um livro escrito por Sigmund Speath para ilustrar tal fato. Nesse livro se ensina a associação de letras juntamente com os temas sinfônicos; assim, quando a *Quinta Sinfonia* de Beethoven fosse tocada, ela facilmente seria reconhecida, no entanto isso subtrairia a verdadeira intencionalidade da sinfonia, pois ,ao se deslocar “[...] a atenção para

os temas, se desvia do essencial, que é o curso estrutural da música como algo total” (ADORNO, 1996, p. 404).

O fato de uma pessoa reconhecer logo de pronto uma sinfonia, conhecer o resumo de algumas obras filosóficas ou de alguma ciência, isso não faz dela uma pessoa com formação cultural, mas lhe dá prestígio e essa é a passagem de entrada para o clube exclusivista da sociedade burguesa, onde todos alimentam seu narcisismo. Por isso se

[...] exige do indivíduo apenas um mínimo para que alcance a satisfação do narcisismo coletivo: basta a frequência a um certo colégio ou instituto, ou, ainda, a simples aparência de se proceder de uma boa família. A atitude em que se reúnem a semicultura e o narcisismo coletivo é a de dispor, intervir, adotar ares de informados, de estar a par de tudo. (ADORNO, 1996, p. 405).

A semiformação acabou com o verdadeiro sentido de formação cultural, pois para aquela basta ter informação, e não, formação, porque esta se reduziu a certas marcas que demonstram que a pessoa se integrou facilmente na sociedade e então o espírito de acomodação e conformismo prevalece. Tal acomodação acabou com a crítica e a oposição contra aqueles que detêm e, ao mesmo tempo, fez com que os seres humanos se acomodassem ao existente. A crítica não passa de “[...] um puro borboletear-se superficial e que atinge aleatoriamente os adversários que elege” (ADORNO, 1996, p. 405).

Assim o semiculto não mais se permite sua subjetividade, que, de acordo com a burguesia, se constituía de experiência e conceito. Não havendo mais experiência, tudo agora fica reduzido a um estado informativo e pontual, “[...] desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações” (ADORNO, 1996, p. 405). Não há mais o tempo para se aprender, meditar, pensar e julgar sobre o fato, mas passa-se a usar um “É isso” para nomear todo o mundo à sua volta. O conceito também foi substituído pelo “É isso” e, em seu lugar, passa-se a usar clichês, chavões já prontos – não há mais dialética.

O *ego* não mais se confronta com a realidade e a consciência se aliena de tal modo que a pessoa fica privada dela, pois não realiza mais experiências³⁵, e os conceitos não realizam mais as correções dialéticas, pois se reduzem a simples clichês. O semiculto fica alienado da sociedade e então toda a realidade se apresenta como inalterável e logo se fetichiza, tornando-se incompreensível e impenetrável. O maniqueísmo passa a imperar, pois se pensa que alguns membros da sociedade foram destinados à salvação ou à condenação, à riqueza ou à pobreza.

³⁵ Experiência: “A continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo” (ADORNO, 1996, p. 405).

O semiculto sempre se coloca ao lado dos salvos, daqueles que estão no poder, e pensa que eles defendem seus interesses, e então tudo aquilo que poderia lhe trazer alguma luz é satanizado e excluído e assim a semicultura “[...] exclui os contatos que poderiam trazer à luz algo de seu caráter suspeito” (ADORNO, 1996, p. 407).

Esse sistema de alienação, tanto da consciência como do sujeito, cria uma espécie de sujeito insano e psicótico, que passa a ter como que dupla personalidade, pois não consegue estabelecer relações saudáveis com o mundo à sua volta, mas, ao mesmo tempo, concorda com a necessidade da verdadeira formação cultural, experiência com o mundo à sua volta, conceitos, crítica, intuição, pensar por conta própria. Percebe-se que o

[...] semiformado culturalmente, na medida em que está excluído da cultura e, ao mesmo tempo, com ela concorda, passa a dispor de uma segunda cultura *sui generis*, não oficial, que, por consequência, se alivia graças a um verdadeiro encontro marcado pela indústria cultural: o mundo dos livros que não deixa nas estantes sem ler e que parecem ser igualmente a-históricos e tão insensíveis diante das catástrofes da história como seu próprio inconsciente. E, da mesma maneira que este último, a semicultura aparece como isenta de responsabilidade, o que muito dificulta sua correção pedagógica. (ADORNO, 1996, p. 408).

Essa semiformação pode trazer alívio à necessidade de formação cultural (necessidade da qual o sujeito é consciente). Assim, o sujeito pode sentir certo alívio psicológico quando se encontra com as mercadorias produzidas pela indústria cultural. Essas mercadorias, na visão de Adorno, são os livros resumidos, os quadros criados em série para enfeitar paredes, sinfonias tocadas apenas para entreter, pessoas que têm tal formação conseguem se dedicar, conforme a citação que Adorno (1996, p. 389) faz de Max Frisch, “[...] com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo”. Essas pessoas não conseguiam absorver o teor dos bens culturais em sua subjetividade e relacioná-los com a realidade à sua volta; em uma mão tinham obras de arte e na outra o cianureto, são sujeitos insensíveis e irresponsáveis com o mundo à sua volta.

Tal formação, a semicultura, precisa ser contestada urgentemente e antes que as precoces fases de desenvolvimento se cristalizem, pois, nas precoces fases, os bloqueios ainda se afrouxam e a possibilidade de se formar um sujeito crítico ainda é viável, no entanto alguns obstáculos têm se levantado. O autor destaca alguns obstáculos que bloqueiam a formação cultural: a impossibilidade de mudar isoladamente aquilo que “[...] é produzido e reproduzido por situações objetivas dadas que mantêm impotente a esfera da consciência” (ADORNO, 1996, p. 408). Todo esforço para a formação cultural pode virar em simples palavrório, em

ideologia; a cultura pode ser elevada *in abstracto*, e assim aniquilar a própria formação cultural.

Por outro lado, Adorno destaca (1996, p. 409) a importância de “[...] uma situação em que a cultura nem fosse sacralizada, conservada em seus restos, nem eliminada, porém que se colocasse além da oposição entre cultura e não-cultura, entre cultura e natureza” (ADORNO, 1996, p. 409). O autor começa a destacar a importância da dialética para se escapar a esse aparente determinismo semicultural, pois a consciência do sujeito ficou impotente diante das tramas da sociedade da semiformação que age pelo princípio da troca e tudo transforma em mercadoria, e que, ao mesmo tempo, oblitera o espírito inquiridor e crítico. Para Adorno (1996, p. 410), “[...] a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu”. O destaque recai sobre a autorreflexão para se poder buscar uma real formação cultural. Entende-se que a educação pode contribuir de maneira significativa para formar um sujeito que efetivamente realize a dialética em seu dia a dia e assim possa entender a contradição/conflito existente entre a formação cultural e a indústria cultural.

3 EDUCAÇÃO NO CAPITAL: A CONTRADIÇÃO/CONFLITO ENTRE FORMAÇÃO CULTURAL E INDÚSTRIA CULTURAL

3.1 SITUANDO O CONFLITO

De certa forma, a contradição/conflito existente entre a formação cultural e a indústria cultural nada mais é que a cópia do conflito entre a luta de classes, descrita por Marx e Engels (1998, p. 09) no *Manifesto Comunista*, pois, de acordo com os autores acima citados, “[...] a história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes” (MARX, 1978, p. 89). Ainda afirma que a “[...] competição é referida a todos os pontos e explicada em função das condições externas”. A partir do momento em que a luta entre as classes se acirrava, ela também se multiplicava no interior de toda a nova sociedade burguesa que se levantava sob os escombros do feudalismo. Assim, a luta entre as classes não se resumia mais a um conflito entre “[...] homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, chefe de corporação e assalariado; resumindo, opressor e oprimido” (MARX & ENGELS, 1998, p. 09), mas essa luta se expande para todas as áreas, inclusive na esfera subjetiva entre formação cultural e indústria cultural.

No primeiro capítulo foi possível observar como a formação cultural se desenvolveu ao longo da história, pois no momento em que o homem começa a dominar a natureza, pelas vias do trabalho, ele passa a existir como ser humano, pois o “[...] único pressuposto do pensamento de Marx é o fato de que os homens, para poderem existir, devem transformar constantemente a natureza” (LESSA, 2008, p. 17). Essa intervenção na natureza fez com que os homens construíssem ferramentas para melhor dominá-la e dela tirarem melhor proveito para a sua sobrevivência. Essas novas construções trouxeram, entretanto, novas possibilidades e consequências para os homens, os quais passaram a construir novas ferramentas e um novo período de consequências surgiu dessas ferramentas e da nova intervenção na natureza. O homem passou a construir-se e a formar-se a partir de sua intervenção na natureza.

Com a intervenção do homem na natureza para dominá-la e se livrar do medo que em relação a ela sentia, o próprio homem passou a denominar os fenômenos da natureza com nomes e histórias explicativas, para assim, de certa maneira, controlá-la mentalmente. Surgia assim o mito. Entretanto as intervenções na natureza proporcionaram novas possibilidades e técnicas e, aos poucos, surgiu a ciência, que conseguia explicar melhor os fenômenos da

natureza e dominá-la de maneira mais eficaz que o mito. Surgia assim o período do pensamento racional, tecnológico e eficaz.

Essa nova fase, mais racional, desenvolve-se a tal ponto que os seres humanos caem novamente no mito, pois endeusaram o método, o número, os cálculos, as fórmulas, etc. Tal aconteceu por não terem compreendido a necessidade de o pensamento agir em dois níveis: *Verstand* e *Vernunft*. Isso nada mais seria que permitir uma dialética entre a subjetividade e objetividade, e assim poder objetivar de forma melhor a “ideia” e, conseqüentemente, agir para a construção de uma sociedade melhor.

No segundo capítulo foi possível observar que a indústria cultural foi um poderoso mecanismo de impedimento para a maioria dos sujeitos, pois as maiorias foram enganadas por essa indústria, que sempre trabalhou com a semiformação, pois esta é a sua própria essência.

Com a imposição de uma cultura que tinha o objetivo de integrar e adaptar toda a sociedade à visão capitalista, as particularidades foram eliminadas e a padronização passou a grassar nessa sociedade. A obsessão pelo padrão foi vista em todas as áreas, tanto na televisão como no rádio, veículos de comunicação que perseguiam timbres de voz semelhantes e rostos que tinham traços semelhantes com as celebridades que estavam em voga. Na questão da produção de mercadorias não foi diferente: os produtos foram padronizados e, mesmo que ao consumidor fosse dada a oportunidade em escolher entre marcas, elas quase não se distinguiam mais umas das outras.

Entretanto, para manter as pessoas trabalhando nas fábricas e nos escritórios, foi necessário agir de modo sutil, visto que não mais se podia controlar os pobres via força como John Locke recomendava:

Todos os homens que mendiguem sem passes nos municípios litorâneos, sejam eles mutilados ou tenham mais que 50 anos de idade, e todos os de qualquer idade que também mendiguem sem passes em municípios do interior, longe da orla marítima, devem ser enviados para uma casa de correção próxima e nela mantidos em trabalhos forçados durante três anos. (MÉSZÁROS apud LOCKE, 2005, p. 41).

Não era mais possível agir com a força, pois o mundo começara a mudar e, nessa nova fase, a indústria cultural mantém, via lazer e diversão, os pobres trabalhando de maneira submissa nas fábricas e o seu controle se estende sobre eles, mesmo quando saem das indústrias para as suas casas, pois ali serão novamente subjugados à lógica da fábrica, que agora se repete em forma de filmes, de novelas e de comerciais que não exigem muito do

sujeito, visto que basta que consiga acompanhar uma linha de raciocínio muito pobre para poder entender o trivial e se divertir.

Assim, a alienação aumenta cada vez mais. Isso só foi possível porque a indústria cultural sempre trabalhou com o simulacro, com a semiformação e nunca permitiu um real contato com os bens de uso, apenas um semicontato. Assim as pessoas se sujeitam mais uma vez a essa lógica capitalista, pois, nos momentos em que as revoltas contra o sistema parecem vir à tona, a indústria cultural aplaca-as com pequenas concessões e reformas, as quais apenas permitem a continuação da exploração e ,ao mesmo tempo, atenuam o conflito entre formação cultural e indústria cultural.

Para Mészáros, a única solução para tal situação conflitante é uma *Educação para Além do Capital*, pois, para ele, “[...] o capital é irreformável porque, pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível” (MÉSZÁROS, 2005, p. 27). No entanto para Adorno (2006, p. 121), era “[...] extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo”.

Além disso, foi possível observar que Adorno se voltou para o projeto original da *Bildung*, como visto no primeiro capítulo, pois o otimismo utópico no qual se via a possibilidade de se revolucionar a totalidade social cai para uma atitude pessimista, onde a ênfase é a “[...] interioridade do indivíduo [...] e a essência do ser” (GUR-ZEV’EV, 2006, p. 08). Tal visão encontra reforço nas palavras de Zamora:

Todo esforço da teoria, no entanto, torna-se vazio sem a práxis capaz de mudar a situação social que a atazana. Adorno estava consciente disso. Nunca viu na teoria, tampouco na maior crítica, um substituto da práxis. Mas nunca cedeu, apesar das pressões sofridas até os últimos ofegos da vida, à tentação de convertê-la em uma celebração apressada de supostas práxis revolucionárias. Os sujeitos sociais com capacidade de transformação radical da sociedade não se gestam na cabeça de intelectuais supercríticos. Isso não diminui seu compromisso político e moral em favor da transformação. Essa atitude colocou-o quase sempre em posições incômodas. Os generais da reação o acusaram de ser um dos inspiradores intelectuais das revoltas, os estudantes rebeldes viram-se decepcionados por aquilo que lhes parecia uma falta de comprometimento em suas ações contra o sistema criticado por Adorno. Ele não fez senão exigir um grau de reflexão crítica sob as condições objetivas de tais ações, que percebia ausente em muitos atores da revolta. (ZAMORA, 2008, p. 15).

Adorno propunha uma linha de pensamento e de educação na qual os sujeitos pudessem ser agentes críticos e se conscientizassem da situação em que estavam vivendo.

Percebe-se que Zamora, no texto acima, descreve um conflito entre teoria e práxis no pensamento de Adorno: por um lado o filósofo frankfurtiano via a necessidade de transformar a realidade objetiva, mas não queria que essa transformação fosse realizada “a toque de caixa” e, por isso, propunha a necessidade da reflexão e da conscientização. E isso seria alcançado a partir da *Bildung*, ou seja, da formação cultural, que proporcionaria uma educação³⁶ conscientizadora e emancipadora, a qual poderia levar os sujeitos a um estado de maioridade para então poderem agir de maneira livre e consciente.

Entretanto essa educação conscientizadora encontrava seus obstáculos, pois se, de um lado, existe o interesse pela maioridade, emancipação e autonomia do indivíduo, do outro lado se encontra o interesse em manter os sujeitos num estado de menoridade, tutela e ignorância que facilita a exploração do homem pelo homem.

Essa contradição/conflito fica a cada dia mais explícita em nossa sociedade, que tem sido orientada na direção de um mundo cada vez mais tecnologicamente administrado. A cultura tem sido “engolida” pelo sistema e o pensamento teórico e filosófico tem sido relegado ao exílio, sobrevivendo apenas as dimensões matemáticas e técnicas, sendo elas que têm contribuído para o empobrecimento da formação cultural.

Ao se querer que o indivíduo tenha uma formação cultural abrangente, e que, por meio desta possa fazer escolhas livres, ver o todo e não apenas uma das dezessete partes de um alfinete³⁷, percebe-se uma contradição/conflito que é despertado pelo poder da indústria cultural que está presente em todos os locais:

[...] trazendo a falsa diversão, a atividade que distrai no sentido literal do termo, isto é, que desencaminha, que desorienta, que empobrece o exercício mental, a percepção e a sensibilidade. Em todos os locais, a face subjetiva da indústria cultural – a semicultura ou semiformação cultural – se instala. E a semicultura não se resume numa falsa cultura, algo que vem e que vai, que pode, mais tarde, ser substituído por algo mais avançado, mais perfeito. A semicultura é semiformação cultural mesmo, isto é, deformação. Deformação que impede, que traz obstáculos à formação. Não se trata de

³⁶ Para Wolfgang Leo Mar (2006, p. 11), o qual escreve *À guisa de introdução: Adorno e a Experiência Formativa*, no livro *Educação e Emancipação*, “[...] a educação não é necessariamente um fator emancipatório. Numa época em que a educação, ciência e tecnologia se apresentam – agora “globalmente”, conforme a moda em voga – como passaportes para um mundo “moderno” conforme os ideais de humanização, estas considerações de Theodor W. Adorno podem soar como um melancólico desânimo”. Porém isso não quer dizer que a educação não possa contribuir para a maioridade do sujeito. Procurar-se-á analisar as contribuições da educação no processo formador e emancipador do sujeito.

³⁷ Quando Adam Smith (MÉSZÁROS apud SMITH, 2005, p. 28) falou sobre o “espírito comercial”, percebeu o impacto negativo que o sistema capitalista impunha sobre a classe trabalhadora e então disse que, “[...] quando toda a tensão de uma pessoa é dedicada a uma dentre as dezessete partes de um alfinete, as mentes dos homens ficam limitadas, tornam-se incapazes de se elevar. A educação é desprezada, ou no mínimo negligenciada, e o espírito heróico é quase totalmente extinto”.

uma ilusão, algo que pareça verdade mas que não é errado. Uma pseudocultura. Não! Trata-se de um processo impeditivo da formação cultural. O seu inimigo mortal. (ZUIN, 2001, p. 13-14).

A contradição/conflito entre formação cultural e indústria cultural, já descrita por Zuin, é real e fortíssima a tal ponto que os que têm sido (des)orientados e (des)educados pela indústria cultural perdem praticamente todos as capacidades subjetivas de pensamento e de sensibilidade. Não conseguem resistir ao poder dessa indústria que se instalou em todas as áreas da sociedade e que tem servido de pedra de tropeço para a verdadeira formação cultural. Esses dois grandes inimigos entre si, formação cultural e indústria cultural, combatem-se mutuamente e toda a tentativa de um se sobrepor ao outro esbarra em obstáculos.

Quanto à formação cultural, ela esbarra não somente na fragmentação do conhecimento, mas em todo o conjunto de mercadorias criado pela indústria cultural, inclusive a mercadoria educação, ou seja, todo um sistema capitalista de exploração, de manipulação e de educação para o consentimento das massas com o sistema em vigor.

Por outro lado, a indústria cultural também encontra algumas barreiras, poucas é verdade, que a impedem de agir livremente e escravizar a todos os homens. Diante dessas barreiras, ela precisa sempre se adequar e dar uma resposta. Assim, as revoltas que poderiam surgir entre as massas, pelo fato de serem exploradas, são suavizadas com alguns consentimentos de diversão, lazer e assistência social, etc. O desejo das massas em obter algum bem de consumo é satisfeito com cópias daqueles bens. A vontade em se ter uma formação cultural é satisfeita com semiformação cultural.

Todas as tentativas de resposta contra os ataques destruidores da indústria cultural apenas reforçam a contradição/conflito. Por isso que

[...] reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. (ADORNO, 1996, p. 388).

Querer remediar tal situação com elementos paliativos apenas reforça a contradição/conflito e a crise da própria formação cultural; somente uma educação que compreende a importância das reformas pedagógicas e o poder da ordem econômica sobre o indivíduo poderá contribuir para a formação cultural. Tal educação poderá ser um dos meios para proporcionar a *Bildung* nos sujeitos, pois desencantar³⁸ a realidade e não permitira que a

³⁸ No livro *Educação e Emancipação*, Wolfgang Leo Maar (2006, p. 14), no texto *À Guisa de Introdução: Adorno e a Experiência Formativa*, demonstra que “[...] alguns textos são ensaios arreatadores em seu ofício de

sociedade caia em barbáries terríveis como a Segunda Guerra Mundial; poderá ainda criar sujeitos que de fato sejam emancipados e tenham o poder de fazer escolhas e participar de sua própria educação

A formação cultural, ao ser transformada em semicultura, se tornou abstrata e sem ligações com o mundo à sua volta, criou mentes que estão descoladas da realidade e que não conseguem mais fazer experiências. Por isso é importante uma educação que tire o desencantamento, tire o véu e que possa proporcionar aos educados a capacidade de se relacionarem uns com os outros no meio em que vivem, mesmo que este seja o mundo capitalista. Conforme afirma o próprio Adorno, a educação precisa exercer essa função “adaptadora”.

3.2 EDUCAÇÃO COMO DESENCANTAMENTO

Adorno, ao escrever o texto *O que Significa Elaborar o Passado e Educação após Auschwitz*, faz uma análise sociopsicológica da Alemanha do pós-guerra, bem como analisa os fatores objetivos que levaram a nação de Mozart e de Schiller a se envolverem na guerra e causar tanta destruição e dor àqueles que foram considerados os inimigos do *Terceiro Reich*. Além disso, Adorno percebeu que a sociedade alemã não queria ser lembrada e, por isso, a necessidade de elaborar o passado, dos horrores que ela infligiu aos judeus e às demais minorias, bem como a todos os envolvidos na Segunda Guerra Mundial; essa sociedade preferia esquecer e não tratar da culpa. Tais observações apontam para a necessidade de uma educação que retire o véu do encantamento por meio de uma clara conscientização, e trate dos reais problemas que permanecem latentes e prontos para virem à superfície quando encontrarem novamente as mesmas circunstâncias. Nos textos em questão, o filósofo frankfurtiano ainda demonstra a importância de uma educação que permita ao sujeito fazer experiências, ou seja, superar a diferença.

A educação dentro do sistema capitalista deveria voltar-se mais para o lado subjetivo, sem descartar o lado objetivo, para então ser o agente conscientizador, ativador da memória e da lembrança, e ainda analisar as causas objetivas da sujeição cega aos sistemas totalitários,

desencantamento: 'O que significa elaborar o passado' e 'Educação após Auschwitz' são verdadeiras aulas de dialética; 'A filosofia e os professores' e 'Tabus acerca do magistério' são exemplos de reconstrução do sentido emancipatório da formação cultural". Tais comentários influenciaram a divisão e subdivisão da presente dissertação,

bem como permitir que o tempo seja um aliado do sujeito para que este possa realizar experiências³⁹ em seu cotidiano. Entretanto, tais objetivos e ambições apenas despertam o conflito entre formação cultural e indústria cultural.

A sociedade alemã, que queria esquecer o seu passado ao invés de se conscientizar dele, procurava não se lembrar do triste passado. Adorno percebia o uso de expressões, na ocasião, pelos próprios nazistas, que ajudavam a atenuar a brutalidade na hora em que esta foi infligida aos judeus. Expressões como “noite de cristal” não revelavam o horror, mas permitiam certo apaziguamento das consciências ou eram apenas discurso vazio.

Na tentativa de esquecer e minimizar o passado, algumas pessoas usavam argumentos

[...] como o de que teriam sido assassinados apenas cinco milhões de judeus, e não seis. Além disto, também é irracional a contabilidade da culpa, como se as mortes de Dresden compensassem as de Auschwitz. Na contabilização de tais cálculos, na pressa de ser dispensado de uma conscientização recorrendo a contra-argumentos, reside de antemão algo de desumano. (ADORNO, 2006, p. 31).

Essa fuga da realidade demonstra que se procura minimizar os erros e deles não se conscientizar. Além disso, lança-se ainda a culpa nas próprias vítimas, que deram motivos para tais ações. Isso nada mais é que a racionalização do erro com argumentos ideológicos. Quando se age dessa maneira se está destruindo toda a memória e não se permitindo uma saudável ligação com a história.

O que se percebe a partir da análise de Adorno de um caso específico, a Alemanha do pós-guerra, é uma humanidade sem memória, ou que não quer se lembrar do seu passado, ou ainda não lhe é permitido, por meio da indústria cultural, um encontro com o seu passado. Assim como alguns não querem ser lembrados e outros são impedidos do exercício da memória, assim a sociedade burguesa infligiu tal esquecimento quando introduziu o princípio universal da “[...] lei da troca, do igual por igual, de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum” (ADORNO, 2006, p. 33). Esse princípio da troca, que é atemporal, assim como a razão também o é, acabou por eliminar, subtrair e excluir o momento temporal e com ele as dimensões qualitativas das relações entre as pessoas e a possibilidade de fazer experiências humanas. Esse tempo também foi eliminado na produção industrial, porque ela sempre procede em ciclos que se repetem e assim acabam por eliminar também a experiência acumulada.

³⁹ A experiência é mais que um estado informativo e pontual, é algo no qual a pessoa se envolve e de fato experimente o “objeto” por meio do exercício, por meio de relacionamentos com pessoas e idéias.

Esse princípio da racionalidade burguesa que se desenvolvia velozmente acabou por eliminar a memória, o tempo e a lembrança porque essas ainda tinham certa ligação com os tempos feudais onde o tradicionalismo estava associado às formas sociais. Com o desenvolvimento de novas formas de produção pela sociedade burguesa, eliminou-se a atividade artesanal e, juntamente com ela,

[...] categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência do ofício. Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento. (ADORNO, 2006, p. 33).

Essa falta de experiência, de memória e do tempo acabam por alienar os sujeitos de si mesmos e da própria sociedade, por isso a importância de uma educação que possa desencantar e desvendar tais artimanhas para que os sujeitos possam realmente fazer experiências diariamente e assim se autoconstruírem e se transformarem em pessoas melhores.

Nem sempre, no entanto, isso acontece ,porque, em muitos casos, procuram-se eliminar as lembranças do passado de forma consciente para que o presente não seja prejudicado pelos atos irracionais cometidos em tempos idos, ou para que as pessoas não possam tomar consciência e assim serem mais facilmente manipuladas.

Adorno ainda analisa a justificativa das pessoas que diziam não estarem preparadas para a democracia na Alemanha, para, dessa maneira, justificarem os erros do nazismo, com o qual elas concordaram de modo tácito ou explícito. A estrutura da personalidade de tais pessoas “[...] seria definida muito mais por traços como pensar conforme as dimensões de poder – impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de auto-reflexão, enfim, ausência de aptidão à experiência” (ADORNO, 2006, p. 37).

A incapacidade de realizar experiência, de refletir e reagir aponta para a necessidade do desencantamento das teias sociais que levam o sujeito a níveis cada vez mais baixos, pois este não mais consegue se relacionar com o cotidiano, apenas reproduz a configuração de pensamento hegemônico, isso porque a

[...] ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipados. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a democracia;

conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. (ADORNO, 2006, p. 43).

Essa impotência diante das organizações econômicas e a necessidade de adaptação mostram que os sujeitos são forçados a viver em um estado de menoridade. Tal situação cria, de certa forma, um estado totalitário e reforça a menoridade, fazendo com que muitos se obriguem a inserir-se na coletividade do que comprometer-se com a autonomia.

A situação, acima descrita, demonstra que existem teias e véus que ofuscam a visão das pessoas que estão vivendo dentro deste sistema capitalista. Sair dessa situação implicaria um grande esforço para olhar por cima desses véus, teias e muros que se levantam com a ajuda da indústria cultural, que sempre trabalha com o deslumbramento ofuscador e impede a conscientização.

Quando as pessoas se veem forçadas a se adaptarem e a se “[...] identificarem com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário” (ADORNO, 2006, p. 43). Esse potencial totalitário gera ódio porque produz constante imposição de adaptação e assim os indivíduos passam a perceber que “[...] a forma de organização política [é] experimentada como sendo inadequada à realidade social e econômica” (ADORNO, 2006, p. 44). Isso demonstra que a realidade é diferente da promessa de autonomia e felicidade amplamente propagandeada, gerando certo ódio às promessas de felicidade e de autonomia existente no conceito de democracia, e, por outro lado, impotência do indivíduo ao qual nada mais resta que se lançar neste crisol onde apenas ainda existe um “eu” coletivo.

A descrição de Adorno, do poder da ordem econômica frente ao sujeito, pode parecer desesperadora e sem saída, entretanto esse exagero é apenas uma hipérbole que demonstra a situação conflitante da formação cultural em uma sociedade guiada pela mais-valia e pela exploração do homem pelo homem com a ajuda da indústria cultural. A intenção de Adorno (2006, p. 44) era “[...] atentar para uma tendência oculta pela fachada limpa do cotidiano, antes que ela se imponha por sobre as barreiras institucionais que até o momento a mantém sob controle”. No sistema democrático alemão, a fachada estava limpa, tudo parecia ir bem, inclusive o desenvolvimento econômica do pós-guerra era sem igual e tal fato proporcionava certa tranquilidade quando vista pela ótica sociopsicológica.

Inclusive a elaboração do passado, que Adorno tanta enfatiza, não estava tão mal, desde que se permitisse tempo para isso. Ocorre que o fator tempo não é algo que faça com que possamos observar a história da arquibancada e que permita que as coisas se ajeitem por si sós com o tempo. Segundo o autor, é necessário algo a mais e isso

[...] remete diretamente à pedagogia democrática. Sobretudo o esclarecimento acerca do que aconteceu precisa contrapor-se a um esquecimento que facilmente converge em uma justificativa do esquecimento, seja por parte dos pais que enfrentam a desagradável pergunta acerca de Hitler por parte de seus filhos e que, inclusive para se inocentar, remetem ao lado bom e que propriamente não foi tão terrível assim. (ADORNO, 2006, p. 45).

Adorno entendia que os fatos passados, tais como Auschwitz e os demais horrores da guerra, não poderiam ser esquecidos ou racionalizados, mas deveriam ser explorados, analisados e até debatidos, para só então se construir algo melhor através da elaboração daquilo que já passou, pois impediria que o passado de horrores não retornasse, pois “[...] a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 2006, p. 119).

Por isso remeter-se aos fatos do passado ajuda a criar uma consciência crítica e uma pedagogia do esclarecimento, e a educação como desencantamento poderá colaborar ao demonstrar que são os próprios homens que, ao trabalharem, transformam a natureza, criam ferramentas e tais criações ajudam o ser humano a interagir de maneira nova com o mundo à sua volta, criando novamente novas experiências e novas ferramentas, ideia corroborada por Sérgio Lessa e, ao mesmo tempo, o “[...] indivíduo também transforma a si próprio e à sociedade” (LESSA, 2008, p. 21). Isso nada mais é que uma autoconstrução de si mesmo onde o sujeito sempre está ligado à dimensão social a qual “[...] tem por base a história passada; faz parte da vida da sociedade; faz parte da história dos homens de um modo geral” (LESSA, 2008, p. 21).

Ao serem conscientizados, os indivíduos passarão a relacionar o passado com o momento presente e perceberão que, em muitos casos, algumas situações já estão dadas, colocadas, direcionadas e que os afetam de um modo ou de outro. Mesmo assim, no entanto, a educação que desvela, que desencanta, passa a fomentar o surgimento de lideranças dentro desse contexto conflitante e as chances de se agir dentro desse contexto

[...] são tanto mais favoráveis quanto mais conscientes forem eles próprios. No fundo, tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permaneceremos no simples remorso ou se resistimos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível. Naturalmente, para isto será necessário uma educação dos educadores. (ADORNO, 2006, p. 45-46).

Relacionar os momentos passados com o presente não deve simplesmente despertar o remorso, mas proporcionar uma tomada de consciência para com o momento presente e que

foi afetado pelo passado. Para isso “[...] seria urgente fortalecer nas universidades uma sociologia vinculada à pesquisa histórica de nossa época” (ADORNO, 2006, p. 46). Isso seria o primeiro passo em direção a uma educação dos educadores, os quais deveriam entender o momento presente como relacionado com o passado.

Adorno (2006, p. 46) compreendia que a psicanálise poderia ajudar nessa conscientização crítica, pois ela poderia influenciar de modo salutar “[...] mesmo que se resumisse a tornar natural a atitude de não exteriorizar a violência, mas refletir sobre si mesmo e sobre a relação com os outros que costumam ser os destinatários dessa violência”. Claro que esse recurso à psicanálise não pode ser uma espécie de propaganda para assim atingir o objetivo, pois “A propaganda, a manipulação racional do irracional, constitui um privilégio dos totalitários” (ADORNO, 2006, p. 47). Aqueles que lutam contra tais totalitários não podem se valer dos mesmos instrumentos que aqueles utilizam.

Relatar fatos pontuais sobre o passado pode colaborar na conscientização, mesmo que haja certo prejuízo ao todo que fica de fora, pois se descreve o todo por meio de um caso específico. O exemplo disso é descrito por Adorno:

Contaram-me a história de uma mulher que, após assistir uma dramatização do *Diário de Anne Frank*, declarou: “Bem, poderiam ao menos ter poupado esta menina”. E certamente até mesmo esta foi a declaração positiva, enquanto primeiro passo em direção à tomada de consciência. Porém o caso individual, cuja função era servir de exemplo do todo, converteu-se por meio de sua própria individuação em um alibi do todo, todo que acabou sendo esquecido por aquela mulher. (ADORNO, 2006, p. 47).

Essa mulher foi conscientizada dos horrores da guerra, no entanto ela se esqueceu de que havia milhares de pessoas na mesma situação de Anne Frank e, de certo modo, ela não conseguiu relacionar os milhares de mortos com o caso específico. Mesmo assim, no entanto, a consciência crítica foi despertada e a educação que se objetiva (de desvelar os horrores e as tramas sociais) colaborou para essa crítica pontual, por isso que “[...] a elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua auto-consciência e, por esta via, também o seu eu” (ADORNO, 2006, p. 48).

Esclarecer o indivíduo de maneira subjetiva é algo que depende de um grande esforço e que pode colaborar de maneira substancial, porém, para se combater a violência e os sistemas desumanos, é necessário também um trabalho objetivo, pois, em muitos casos, não basta usar uma ideia que fale sobre a liberdade, a humanidade, a educação, a dominação e exploração de algumas classes sociais. Isso soa de maneira muito subjetiva e desligada da realidade. É necessário mostrar como isso se efetiva na realidade.

O perigo objetivo de uma educação voltada para a semiformação, via indústria cultural, bem como os perigos do nazismo e fascismo denunciados por Adorno, somente serão combatidos se também forem demonstradas, de maneira objetiva, as consequências de tal ensino e de tal política: fome, miséria, mortes, barbárie, guerras.

Para que isso aconteça é necessário mostrar o mais simples às pessoas: “[...] que o revigoramento direto ou indireto do fascismo representa sofrimento e miséria num regime autoritário [...]. Isto surtirá mais efeito do que atentar a idéias ou então remeter ao sofrimento dos outros” (ADORNO, 2006, p. 49). Essa relação entre a ideia e a realidade faz com que as pessoas possam se autoconstruir e possam interagir de maneira nova com a situação em que se encontram. Não somente o idealismo, mas o materialismo, de forma dialética, contribuem para a formação de sujeitos autônomos e emancipados, capazes de analisar os fatos de maneira crítica, porém “[...] o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas” (ADORNO, 2006, p. 49). O texto de Adorno sobre *Educação após Auschwitz* nos revela algumas formas de eliminar as causas que levaram à barbárie dos campos de concentração, mas que ainda continuam existindo.

O autor inicia o texto *Educação após Auschwitz* afirmando que a primeira exigência para a educação é que Auschwitz não se repita. Para que a educação possa alcançar tal objetivo é necessária uma forte conscientização, algo que não havia recebido atenção suficiente nos dias de Adorno, pois o mesmo declara que

[...] a pouca consciência em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de incoscência das pessoas. (ADORNO, 2006, p. 119).

O destaque recai, mais uma vez, sobre a necessidade de a educação desenvolver o papel de agente conscientizador das pessoas e da sociedade, caso contrário poderia haver uma regressão e a repetição de Auschwitz, pois ela “[...] foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação” (ADORNO, 2006, p. 119). Esse campo de concentração “[...] representa, pois, uma quebra no processo civilizador que exige um redimensionamento radical na forma de considerar tal processo e proíbe desde um ponto de vista moral o desejo de uma prolongação de todo precedente e anterior” (ZAMORA, 2008, p. 41).

Auschwitz simbolizou, e ainda simboliza, tudo o que se chama barbárie, retrocesso, e anticivilização e a utilização irracional da racionalidade técnica para a destruição de vidas

humanas. Assim se percebe que, em muitos casos, “[...] a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório” (ADORNO, 2006, p. 119). Isso aponta para a influência de Freud nos escritos de Adorno, o qual deixa bem claro que aquele fez uma leitura correta sobre o preço do desenvolvimento da sociedade: A humanidade precisa regredir, se automutilar, se autorrestringir para poder se desenvolver. Ao que Freud parece não ter atentado é que esses sacrifícios nem sempre são necessários, pois que eles podem muito bem ter se tornado instrumentos de não civilização.

No próprio desenvolvimento da civilização se encontra a barbárie, e querer se colocar contra a barbárie, de certo modo, pode parecer se colocar contra o processo civilizatório. Isso é algo que gera desespero, entretanto é necessário “[...] nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista” (ADORNO, 2006, p. 120).

Essa conscientização é necessária porque milhares e milhares de pessoas foram vítimas desse processo civilizatório, o qual ajudou os algozes a planejar, de maneira sistemática, a morte de milhões nos campos de concentração, campos que tinham sido construídos e planejados por engenheiros e por altos oficiais, mas estes não conseguiram refletir sobre as pessoas que seriam mortas por meio de suas construções bem organizadas e planejadas para matarem em escala industrial. Não se pode esquecer que as bombas jogadas sobre Hiroxima e Nagazaqui estão dentro do âmbito dos horrores que a civilização pode produzir. O descolamento entre consciência e realidade tinha se efetivado em “[...] importantes quadros militares e governamentais, embora, ao que tudo indica, soubessem do ocorrido, guardaram sigilo estrito” (ADORNO, 2006, p. 120).

Para Adorno, a conscientização pode vir por meio da educação, a qual deve agir em duas frentes: subjetivo e objetivo. Apesar de Adorno criticar uma educação que seja apenas subjetiva, como vista acima, ele reforça a necessidade de se realizar uma educação subjetiva, porque, em seus dias, era extremamente limitada

[...] a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. Com isto refiro-me sobretudo também à psicologia das pessoas que fazem coisas deste tipo. (ADORNO, 2006, p. 119).

Adorno percebia que, na sociedade capitalista, a educação subjetiva poderia contribuir para a conscientização crítica do sujeito e da sociedade. Uma educação que faça algo dentro do sistema capitalista pode trazer contribuições relevantes para a emancipação do sujeito, que

se encontra dentro do contexto histórico regido pela lógica do capital. Para isso seria necessário mostrar quais mecanismos levam as pessoas a agirem de maneira irracional e

[...] buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos, torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos. Os culpados não são os assassinados [...] Culpados são unicamente os que, *desprovidos de consciência*, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal *ausência de consciência*, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados *sem refletir a respeito de si próprias*. *A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica*. (ADORNO, 2006, p. 121, grifo nosso).

Esse texto demonstra a necessidade de a educação desvelar, revelar, descobrir e desencantar a consciência alienada, embrutecida e descolada da realidade, para só então a pessoa conseguir refletir acerca de si mesma e do outro. A educação precisa formar sujeitos com capacidade crítica, que raciocinem e que reflitam sobre o mundo à sua volta e que não sejam levados por sentimentos nacionalistas a se voltarem contra tudo o que é diferente; pessoas que não serão seduzidas pelos mecanismos da indústria cultural, mas que serão agentes transformadores e que tenham alcançado a maioria para poderem decidir de forma livre e autônoma.

A educação conscientizadora e que promove a formação cultural, segundo nosso autor, deve iniciar na primeira infância e levar as pessoas ao esclarecimento geral, porque é na primeira infância que se configura o caráter das pessoas, tanto das que hão de cometer crimes como das que não o farão, por isso que a educação após Auschwitz, referida por Adorno, se concentra em duas questões:

[...] primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. (ADORNO, 2006, p. 123).

Educar as crianças com o objetivo de terem uma consciência sensível e promover um clima cultural no qual as pessoas possam se conscientizar das causas que conduzem ao embrutecimento e à sujeição cega a qualquer autoridade certamente levará as pessoas à autodeterminação.

O frankfurtiano deixa bem claro que não pretende elaborar um projeto educacional nos termos acima descritos, ou seja: educação na primeira infância e esclarecimento geral. Mesmo assim ele aponta, porém, alguns pontos importantes para que se possa caminhar em tal direção.

Adorno (2006, p. 120) destaca que “[...] o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria autonomia, para usar a expressão kantiana; o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não-participação” (ADORNO, 2006, p. 125). Essa autonomia destacada por Adorno encontrava alguns obstáculos colocados pelas pessoas “bem intencionadas” na luta em não permitir o retorno de Auschwitz. Vejamos.

Esses “bem intencionados” tentavam demonstrar que tudo o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial foi por causa da ausência de compromissos; entretanto o compromisso está ligado a alguma autoridade, logo a uma dependência, e isso não ajuda em nada na questão da autonomia, mas, sim, na heteronomia e, dessa maneira, as pessoas aceitariam quase tudo, sem experimentar o conceito a que se estavam submetendo. Ou seja, não poderiam de fato fazer alguma experiência. Aceitariam um compromisso sem pensar sobre ele, sem refletir, e assim participariam de algo que promoveria a barbárie sem muitos questionamentos, pois muitos alemães assumiram os compromissos e as ordens do *Terceiro Reich* sem questionar, porque

[...] as antigas e consolidadas autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram presenteadas de repente. (ADORNO, 2006, p. 123).

Apesar de Adorno criticar o fato de as pessoas usarem a desculpa de não estarem preparadas para a democracia, e assim poderem justificar seu envolvimento nos atos de barbárie, mesmo assim se percebe que Adorno via uma espécie de verdade no fato de os alemães não terem tido o tempo necessário para assimilarem os princípios da democracia. Esse fato aponta para as causas que levaram as estruturas de autoridade a assumir posições tão nefastas na Segunda Guerra Mundial e, de um modo especial, em Auschwitz. As pessoas simplesmente se sujeitavam, pois ainda tinham em seu consciente a necessidade de se submeterem às autoridades do império sem muitos questionamentos.

As pessoas que mais cegamente seguiam as ordens dos oficiais superiores e faziam o trabalho de algozes nos campos de concentração “[...] eram, em sua maioria, jovens filhos de camponeses” (ADORNO, 2006, p. 125). As regiões rurais ainda não tinham tido um contato

amplo com a formação cultural, ainda eram focos de barbárie, e, para Adorno (2006, p. 126), “[...] a desbarbarização do campo constitui um dos objetivos educacionais mais importantes. Evidentemente ela pressupõe um estudo da consciência e do inconsciente da respectiva população”.

Essa desbarbarização somente seria alcançada no momento em que a consciência das pessoas do campo e da cidade – pois “[...] pessoas com traços sádicos reprimidos são produzidos por toda parte pela tendência social geral” (ADORNO, 2006, p. 126) – fossem esclarecidas com debates e cursos que promoveriam um estado de formação cultural. Com o tempo, tais debates poderiam formar “[...] um pequeno círculo que se imporá e que talvez tenha condições de se irradiar” (ADORNO, 2006, p. 126). Esses pequenos círculos poderiam levar a uma conscientização do todo.

Essa conscientização do todo é muito necessária para que as pessoas não sigam e nem se identifiquem cegamente com os coletivos e sigam suas ações sem um mínimo de reflexão sobre os atos dessa massa. Por outro lado, existe a construção de pessoas que serão os manipuladores das massas. A crítica de Adorno contra Auschwitz demonstra a falta de consciência das pessoas que se submeteram cegamente às ordens daqueles que se encontravam no poder.

Tal realidade pode esclarecer a submissão de toda uma sociedade ao poder da indústria cultural, porque ela também se mostra poderosa e manipuladora, também não permite que os indivíduos possam elaborar pensamentos próprios e se autodeterminar, pois essa indústria encerra todos debaixo da coletividade, conforme já afirmara Kant:

[...] depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranqüilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. (KANT, 1974, p. 102).

Esse embrutecimento permite a manipulação das pessoas como se elas fossem animais de carga, logo irracionais, e, assim sendo, precisam ser guiadas em conformidade com os interesses do mercado capitalista. Essa cega inserção na coletividade tem um poder destrutivo muito grande e a educação precisa se mostrar resistente “[...] frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização” (ADORNO, 2006, p. 127).

O esclarecimento geral não será alcançado com uma educação que aja com severidade sobre o educando e que lhe imponha a necessidade de “ser duro” consigo mesmo, sugerindo que, dessa maneira, poderá alcançar o direito de ser severo com os outros e vingar-se deles. A

educação não deve premiar a capacidade de suportar a dor e ocultar os medos, porque “[...] o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente todo medo inconsciente e reprimido ” (ADORNO, 2006, p. 129).

O filósofo frankfurtiano sempre enfatiza a necessidade de a educação promover uma consciência esclarecida, liberta, desamarrada, desvendada e desencantada dos empecilhos e dos véus que os manipuladores gostam de colocar ou não quererem que sejam retirados. Tal afirmação se mostra no decorrer de todo o texto *Educação após Auschwitz*; a consciência esclarecida permitirá que a pessoa não se dissolva nos coletivos e nem desapareça em meio à multidão.

Quando um manipulador olha para as pessoas e vê nelas apenas uma massa que precisa ser organizada, ou que está à sua disposição e pronta para ser guiada, esse manipulador perdeu toda a capacidade

[...] de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções.[...] é particularmente difícil confrontar esta questão porque aquelas pessoas manipuladoras, no fundo incapazes de fazer experiências, por isto mesmo revelam traços incapazes de comunicabilidade, no que se identificam com certos doentes mentais ou personalidades psicóticas (ADORNO, 2006, p. 129-130).

Nada mais aconteceu que a coisificação de sua consciência, a qual transformou a si e aos outros iguais a coisas, e por isso é que o manipulador dirige as massas para o consumismo, para a aceitação de um sistema político e até para a aceitação do extermínio daqueles que são diferentes.

A tecnologia foi uma forte aliada no processo de coisificação da consciência, pois, no mundo atual, as pessoas estão envolvidas diariamente com a técnica e isso tem gerado pessoas tecnológicas e com muita afinidade com os meios técnicos; por um lado, a técnica trouxe seus benefícios, mas, mesmo assim, a técnica gerou um “véu tecnológico” que fez com que muitos seres humanos se inclinassem diante da técnica como se ela fosse “[...] um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo-se que ela é a extensão do braço dos homens” (ADORNO, 2006, p. 132).

No momento em que a humanidade se inclina em direção à técnica e faz dela um fim em si mesmo, os meios são fetichizados e então se esquece que a técnica deve ser usada para proporcionar uma vida melhor. Essa fetichização encobriu esse motivo e acabou por obliterar

a capacidade dos indivíduos de amarem⁴⁰ e de raciocinarem sobre os efeitos que suas produções técnicas podem trazer, a tal ponto que pode levar quem “[...] projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas para Auschwitz com maior rapidez e fluência a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz” (ADORNO, 2006, p. 133).

Essas pessoas que endeusaram a técnica, o método e o número acabam por perder a capacidade de amar e de se relacionar com o próximo e, assim, o que ainda lhes resta de amor é redirecionado para os aparelhos tecnológicos, o amor às coisas é maior que o amor às pessoas. Apesar disso, no entanto, a civilização tem avançado a cada dia mais na técnica e isso pode implicar uma perda de amor ainda maior, e é neste sentido que enfatizar uma educação após Auschwitz pode parecer desesperador, pois essa educação se volta “[...] contra o espírito do mundo” (ADORNO, 2006, p. 133).

A frieza, a indiferença e a incapacidade de se identificar com o outro foram os motivos que permitiram os horrores da segunda grande guerra mundial. Essa indiferença e incapacidades tinham, na verdade, interesses diretos, isso porque alguns se beneficiaram desses terrores. Adorno (2006, p. 134) chama a isso de participação oportunista: “[...] participação oportunista era antes de mais nada interesse prático: perceber antes de tudo a sua própria vantagem e não dar com a língua nos dentes para não se prejudicar”.

Da mesma maneira, a indústria cultural e o sistema capitalista como um todo não se importam com as pessoas e com o seu bem-estar, o que se quer é apenas extrair o máximo de vantagens do outro, explorá-lo e aliená-lo para continuar sendo massa de exploração, mesmo que isso implique apenas permitir mínimas rações diárias para que os trabalhadores produzam os bens de troca que redundam em lucros para os capitalistas.

Essa frieza somente será combatida quando se proporcionarem meios pelos quais a massa explorada possa tomar consciência de si mesma e “[...] das razões pelas quais foi gerada” (ADORNO, 2006, p. 136). Adorno não estava pregando o amor. Ele deixa isto bem claro, pois crê que todos tinham deficiência para amar. Por isso enfatiza, mais uma vez, a necessidade de tornar conscientes as causas que geram a frieza e a indiferença nas pessoas e na sociedade como um todo.

A preocupação do Theodor W. Adorno é esclarecer e conscientizar as pessoas sobre os mecanismos que levaram a Auschwitz; e para isso o filósofo pensava em se valer dos mecanismos que a psicanálise oferecia para tornar conscientes as pessoas da grande barbárie

⁴⁰ Quando Adorno se refere à incapacidade de amar, ele está se referindo “[...] à carente relação libidinal com outras pessoas” (ADORNO, 2006, p. 133).

que foi a Segunda Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, não permitir que tais horrores voltassem a acontecer.

As verdades expressas pela psicanálise revelam que essas ferramentas de esclarecimento são meios de educação que poderão formar sujeitos com capacidade crítica, capacidade de reflexão e capacidade de não participarem de horrores, além de proporcionar às pessoas a autodeterminação. Isso aponta para uma das formas de se combater a imposição da indústria cultural sobre as massas, que sempre são manipuladas pelos poderes do capital para permanecerem em um constante estado de minoridade e não alcançarem a maioria e a verdadeira formação cultural.

3.3 EDUCAÇÃO COMO *BILDUNG*: REESTRUTURANDO O PROJETO ORIGINAL DA FORMAÇÃO CULTURAL

No tópico anterior foi possível analisar as contribuições que a educação traz para o desencantamento das mentes e a reformulação da capacidade do sujeito de realizar experiências em seu cotidiano. No presente ponto analisa-se a educação como aquela que proporciona emancipação e maioria para o indivíduo e para a sociedade como um todo. Os textos que servirão de base são: *Educação e os Professores* e *Educação e Emancipação*. Adorno (2006, p. 51) deixa bem claro, no primeiro texto, que o seu “[...] objetivo é falar a respeito da prova geral de filosofia dos concursos para a docência em ciências nas escolas superiores do estado de Hessen, Alemanha”. Apesar de novamente se voltar para os assuntos internos de seu país, o texto em questão tem contribuições importantíssimas para todas as sociedades preocupadas com a formação cultural, pois, para o frankfurtiano, seria necessário “[...] pesquisar como que se sedimente – e não apenas na Alemanha – uma espécie de espírito objetivo negativo” (ADORNO, 1996, 389, grifo nosso).

As análises feitas pelo filósofo frankfurtiano demonstram que muitos professores que faziam a prova⁴¹ como pré-requisito para a docência nas escolas superiores no estado de Hessen, na Alemanha, tinham um espírito marcado pela semiformação e inculto. Isso pode ser observado nos argumentos que se seguem no início do texto, que demonstram que muitos dos

⁴¹ Todas as vezes que a palavra “prova” aparecer neste texto ela se remeterá à “[...] prova geral de filosofia dos concursos para a docência em ciências nas escolas superiores do estado de Hessen, Alemanha” (ADORNO, 2006, p. 51).

candidatos não compreendiam e duvidam do sentido daquela prova. Os que eram aprovados na prova, eles o conseguiam mais pelo fato de terem conseguido responder “de maneira mais ou menos correta à maioria das questões concretas ou passíveis de controle” (ADORNO, 2006, p. 52) e não pelo fato de terem realmente conseguido entender o sentido da prova, e assim demonstrar que realmente tinham capacidade de estabelecer relações entre a filosofia e a própria área de estudo.

Os aprovados seriam os futuros professores universitários e que acabariam por influenciar muitos jovens estudantes, os quais poderiam sofrer uma limitação em seus próprios espíritos por não compreenderem, assim como seus professores, os fatores que extrapolam suas áreas de estudo e assim apenas pensar condicionadamente pelos ditames de sua profissão. Formar um horizonte amplo nos professores universitários é proporcionar horizontes amplos para os próprios universitários que estarão envolvidos no cotidiano da sociedade e na transformação dela por meio de sua profissão. Assim sendo, eles terão uma maior oportunidade de pensarem de maneira autônoma, porque conseguiram atingir a maioria.

Geralmente os interessados em filosofia ou aqueles que buscavam aperfeiçoar-se por meio de cursos de filosofia eram mais bem sucedidos nas provas, dos que não demonstravam tal interesse. Isso aponta para o próprio objetivo da prova, ou seja, formar estudantes que sejam pessoas autoconscientes e, por isso, “[...] que são impelidos para além do empreendimento das ciências particulares para aquela autoconsciência do espírito, que afinal é a filosofia” (ADORNO, 2006, p. 52).

Essa autoconsciência demonstraria que os candidatos realmente conseguiram estabelecer vínculos entre a sua profissão e a realidade pedagógica e política de sua época, e isso nada mais seria que demonstrar que aqueles que seriam os professores universitários

[...] conseguiram ir além do seu aprendizado profissional estrito, na medida em que desenvolveram uma *reflexão* acerca de sua própria profissão, ou seja, pensam acerca do que fazem, e também refletem acerca de si mesmos. Se a expressão “pessoas de espírito” não gerasse uma espécie de arrogância, a lembrança de desejos elitistas de dominação que impedem justamente a autoconscientização do acadêmico, poderíamos dizer simplesmente: avaliar se são pessoas de espírito. (ADORNO, 2006, p. 54, grifo nosso).

A preocupação em formar pessoas que tenham capacidade de pensar sobre o que fazem de forma consciente, e irem além de sua profissão aponta para a necessidade de a educação formar pessoas conscientes de si mesmas e com a aptidão de refletir sobre suas ações e de autorrefletir-se em seu próprio mundo. A educação pode contribuir na formação

cultural de intelectuais e estes não podem ser meros profissionais que apenas executam movimentos sem pensarem sobre o que fazem.

A preocupação com a formação cultural se torna viva no texto analisado e aponta para a necessidade de a filosofia poder contribuir na conscientização não só dos professores e dos alunos, mas da sociedade como um todo. Essa capacidade de entender-se a si mesmo, via conscientização, e aos outros, proporcionaria que as pessoas fossem realmente sujeitos e construtores na história.

Ocorreu, no entanto, que, com o desenvolvimento tecnológico, a importância de uma educação conscientizadora, via filosofia, perdeu espaço para as técnicas, os métodos, os cálculos e as fórmulas que orientavam os sujeitos em áreas específicas do conhecimento, mas que acabavam por tolher o horizonte do pensamento autônomo. O conflito entre formação cultural e a técnica foi sendo ganho cada vez mais pela técnica, mas isso demonstra que a filosofia pode contribuir para o desenvolvimento de um pensamento próprio e, ao mesmo tempo, demonstra que a educação que age como conscientizadora é uma resistência em meio a este mundo capitalista, que emprega a técnica para aumentar o capital, e assim também para explorar os homens a cada dia mais e mantê-los num constante estado de tutela.

Segundo o *status quo* vigente, não se deve pensar em simplesmente unificar filosofia e as ciências particulares, porque cada um desses ramos se teria desenvolvido justamente quando se separaram em “ciências” diferentes e seguiram seus próprios caminhos. Cabe, no entanto, afirmar que uma relação saudável entre ambas proporcionaria mais conscientização e orientação da utilização da técnica de maneira racional e não irracional. Essa utilização irracional, irrefletida e inconsciente da técnica pôde ser observada nos campos de concentração e nas estradas de ferro que “escoavam” as vítimas até os mesmos locais de extermínio. As pessoas que construíram essas estradas e matavam as pessoas em série não conseguiram refletir sobre a dor e a morte dos seus semelhantes, pois suas mentes estavam totalmente coisificadas e por isso viam apenas “coisas” que precisavam ser destruídas e não pessoas.

Adorno menciona alguns exemplos onde técnica e filosofia poderiam andar de mãos dadas para a conscientização dos futuros professores universitários. Sugere que a

[...] consciência lírica posterior seria tanto um tema filosófico como também interessaria aos germanistas. Existem inúmeros cruzamentos como esses, e os candidatos poderiam escolher alguma dessas temáticas [...] Mas para começar basta a diferença entre sugestões costumeiras e sugestões como estas, que têm algo a ver com auto-reflexão, se não relativa a problemas

específicos das ciências particulares, no mínimo em relação a outros complexos e outros tópicos. (ADORNO, 2006, p. 57).

Esta ligação entre a filosofia e as ciências particulares aponta para uma concepção diferente daquela que é tradicional, pois demonstra que há possibilidade de se estabelecerem vínculos que proporcionarão a autorreflexão e que, ao mesmo tempo, poderão ampliar o raciocínio sobre os efeitos de uma ciência sobre as demais ou sobre a sociedade. Esse objetivo de levar o indivíduo à reflexão é algo a ser perseguido pela educação, a qual pode se valer da própria filosofia para contribuir na elevação intelectual dos estudantes e dos professores e todos poderão observar o conflito entre a formação cultural e a indústria cultural, e só assim perceber as teias, os véus e os encantos que enfeitiçam a sociedade.

A realidade é, porém, outra e demonstra que, em muitos casos, aqueles que eram submetidos à prova tinham a preferência “[...] por uma prova escrita, sempre sobre temas de caráter específico da história da filosofia ou de referência filosófica” (ADORNO, 2006, p. 58). Além dessa preferência, os candidatos ainda optavam por assuntos filosóficos que pareciam ser mais fáceis de serem abordados, mas que não tinham muita ligação com os assuntos estudados pelos professores, e, ao mesmo tempo, não tinham conseguido desenvolver o potencial intelectual do examinado.

Essa preferência por provas escritas e filósofos fáceis, bem como a preferência por assuntos que versam sobre a história da filosofia ou sobre a lógica, demonstra a tecnificação das mentes, que não mais conseguem ser livres no ato de pensar, mas antes preferem deslizar sobre os trilhos da técnica a se arrisarem a desenvolver um pensamento próprio, que demonstra crescimento, conscientização e independência intelectual da pessoa no mundo, que a cada dia se torna mais administrado e tecnificado. Tal administração e tecnificação tem incidido sobre a consciência dos candidatos, que

[...] procura por toda a parte encontrar proteção, normas, caminhos já consolidados; seja tentando se afirmar por vias já comprovadas, seja inclusive procurando normatizar o próprio curso do exame, evitam-se justamente aquelas perguntas que afinal constituem a motivação de todo o exame. Para resumir: depara-se com a consciência reificada ou coisificada. Mas esta, a inaptidão à existência e ao comportamento livre e autônomo em relação a qualquer assunto, constitui uma contradição evidente com tudo o que, nos termos do exame, pode ser pensado de modo racional e sem *pathos* como sendo a “verdadeira formação do espírito”, o objetivo das escolas superiores. (ADORNO, 2006, p. 60).

O objetivo da prova era avaliar a capacidade dos candidatos de relacionarem seus assuntos de estudo com o mundo à sua volta e, ao mesmo tempo, despertar uma consciência

crítica, porém aquilo que deveria ser uma maneira de poder elevar o sujeito à autonomia, à maioria e a um pensamento livre, convertia-se em mais um instrumento de cosificação da consciência. Isso pôde ser observado na maneira como a consciência dos candidatos optava por normas, por regras e por caminhos já percorridos para não precisar se deparar com o verdadeiro objetivo da prova: “Avaliar se o candidato apreendeu *o sentido formativo e o potencial formativo* de suas disciplinas profissionais, habilitando-se a compreendê-las a partir das questões filosóficas, pedagógicas e políticas vivas da atualidade” (ADORNO, 2006, p. 53-54, grifo nosso).

Não querer ir além do que está escrito, dito, ditado e colocado como regra é apenas a constatação de não querer se valer do próprio entendimento para pensar além do dado. É não perceber as implicações das atitudes do seu próprio trabalho sobre o mundo real e as consequências para a humanidade como um todo. Essa fuga do pensamento próprio abre caminho para a dominação e para a tutela por parte da indústria cultural, a qual entrega tudo pronto para apenas ser consumido e, ao mesmo tempo, não permite que o consumidor pense sobre o que está assistindo nos meios de comunicação, pois que o sujeito apenas aceita, porque aceitar é mais fácil do que pensar e avaliar.

Essa incapacidade de refletir o objeto e conseguir elaborar um real entendimento sobre a ciência aponta para a falta de autonomia, a falta de um estado de maioria e, ao mesmo tempo, aponta para o desejo de se conformar com o existente e não questioná-lo, não pensá-lo e nem elaborar novos conhecimentos e novas perspectivas. Certamente o desejo de sempre seguir fórmulas e estruturas de pensamentos prontos trouxe consequências não só sobre a Alemanha de Adorno, mas sobre o mundo como um todo.

Para Adorno, essa incapacidade de elaborar pensamentos próprios e o desejo de apenas reproduzir argumentos desgastados e recitá-los sem ao menos ter o mínimo de compreensão sobre o que realmente significam nada mais é que uma colcha de retalhos que “[...] revela que foi rompido o nexo entre objeto e reflexão. A constatação disso nos exames é recorrente, levando imediatamente a concluir pela ausência de formação cultural (*Bildung*) necessária a quem pretende ser um formador” (ADORNO, 2006, p. 63).

Essa ruptura entre o objeto e a reflexão aponta para a incapacidade de realizar experiências, de se relacionar com o objeto o qual deveria ter primazia sobre o sujeito, pois “[...] a primazia do objeto comprova-se pelo fato de que este altera qualitativamente as opiniões da consciência coisificada, que cultivam uma relação sem atritos com o subjetivismo” (ADORNO, 1985b, p. 190). O objeto deve modificar o estado da consciência coisificada porque só assim poderá haver formação cultural, pois se estabelece uma relação

entre o objeto e a reflexão; e não apenas a repetição de fatos históricos sem a conexão com a realidade social e política.

Estabelecer a formação cultural no sujeito e na sociedade é o objetivo a ser alcançado por meio da educação, que poderá reforçar a formação cultural; é necessária a dialética entre ambas para que se possam desenvolver e assim proporcionar a maioria e a autonomia ao sujeito. O paradoxo acima descrito pode ser entendido pela dúvida que o próprio filósofo Adorno cultivava em relação a como proporcionar formação cultural ao sujeito, pois a

[...] formação cultural é justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos, e de qualquer modo estes seriam do tipo “cultura geral”. Na verdade, ela nem ao menos corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável. (ADORNO, 2006, p. 64).

Essa falta de caminho certo, de fórmula e de meio para se atingir a formação cultural seja talvez o próprio caminho para que, de fato, possa haver *Bildung*, porque, ao se querer enquadrar, formular, delimitar e apontar um caminho certo, talvez já se esteja agindo de maneira a restringir a liberdade e a consciência que deveria, por si só, aventurar-se por mares desconhecidos para elaborar sua própria experiência, sem contudo querer fazer a “redescoberta da América” (ADORNO, 2006, p. 70).

Crescer intelectualmente e fazer experiências é, por exemplo, poder se emocionar com aquilo que foi aprendido, mesmo que de cor, na escola, como “[...] a poesia de Schiller e os poemas de Horácio” (ADORNO, 1996, p. 398). Este aprender de cor poesias, fórmulas, números e tabuadas, embora seja um elemento mecânico, é muito importante para que não “[...] se prive o intelecto e o espírito de uma parte do alimento de que se nutre a formação cultural” (ADORNO, 1996, p. 398). É necessário estabelecer relações com aquilo que se aprende de cor nas escolas e com o mundo à nossa volta.

Não se devem executar mecanicamente os conhecimentos como se o sujeito fosse uma máquina e o objeto algo a ser manipulado, “[...] produzindo *ad infinitum* aquele estado intelectual que não considero ser o estado de uma ingenuidade inocente, mas que foi co-responsável pela desgraça nazista” (ADORNO, 2006, p. 64). O sujeito crítico é aquele que sabe o que está fazendo e o faz de modo consciente, expressa sua subjetividade de forma bem elaborada.

A linguagem é uma maneira de expressar a subjetividade e por meio dela é possível analisar a formação cultural da pessoa. O filósofo frankfurtiano faz uma crítica muito forte

para com a linguagem e o estilo da linguagem dos candidatos a professor nas escolas superiores no estado de Hessen, Alemanha. Isso porque Adorno (2006, p. 65) percebia “[...] a perda da relação entre os candidatos e a língua que eles falam”. Além disso, os erros gramaticais e a utilização de clichês e de bordões era uma maneira de apenas expressar a falta de linguagem correta e o apelo a fórmulas que pareciam dar um “ar” de inteligência, mas que, no entanto, apenas revelavam suas preocupações: a falta de formação cultural. Essa falta muitas vezes era preenchida com palavras que não faziam parte do cabedal de conhecimentos, nem mesmo do vocabulário do examinado, mostrando, mais uma vez, a repetição sem reflexão sobre aquilo que se está falando ou fazendo. Assim, o examinado apenas estava seguindo o que os outros ditavam; demonstrando o seu estado de tutela e de menoridade. Assim procedia porque não

[...] conseguiu emancipar-se da província, posiciona-se de um modo extraterritorial em relação à formação cultural. A obrigação de se desprovincianizar, em vez de imitar ingenuamente o que é considerado culto, deveria constituir-se uma meta importante para a consciência daqueles que pretendem ensinar alguém. [...] O indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto. (ADORNO, 2006, p. 67)

Essa emancipação da província é a busca pelo entendimento consciente sobre os fatos e a capacidade de olhar para além dos muros da técnica. Somente este “ir além” poderá proporcionar a formação cultural daqueles que pretendem ensinar a outros. Isso é o que “Nietzsche denominava amor ao não-próximo” (ADORNO, 2006, p. 53). Essa preocupação com as mentes dos alunos das escolas superiores do estado de Hessen, Alemanha, cujos professores eram avaliados por filósofos como Adorno, é a preocupação em não permitir o retorno à barbárie de Auschwitz. É a preocupação com a tecnificação das consciências, estimulando a indiferença a tal ponto de não se perceber mais o outro, a tal ponto de se verem apenas coisas que precisam ter um destino correto: as câmeras de gás.

Por isso é necessário que aqueles que se dedicarão ao magistério tenham real consciência de sua profissão e não se tornem professores por imposição familiar, do meio ou por simples dedicação férrea, sem ao menos terem refletido se concordam com os pressupostos de sua profissão e que tenham entendido que os professores são “formadores” dos futuros agentes de transformação ou continuação da sociedade. Para isso é necessário que os

[...] futuros professores tenham uma luz quanto ao que eles próprios fazem, em vez de se manterem desprovidos de conceitos em relação à sua atividade. [...] a auto-reflexão e o esforço crítico são dotados por isso de uma possibilidade real, a qual seria precisamente o contrário daquela dedicação férrea pela qual a maioria se decidiu. Esta contraria a formação cultural e a filosofia, na medida em que de antemão é definida pela apropriação de algo previamente existente e válido, em que faltam o sujeito, o formando ele próprio, seu juízo, sua existência, sua experiência, o substrato da liberdade. (ADORNO, 2006, p. 69).

Essa falta de experiência, de raciocínio e de juízo próprio é a marca dos alienados, os quais não conseguem entender que a educação (Adorno destaca a educação filosófica) pode trazer a conscientização ao educando e, por essa via, tornar-se um ser dotado de capacidade de emitir juízos próprios, porque de fato alcançou um estado de emancipação e de maioridade. Ocorria, no entanto, que as provas de filosofia apenas demonstravam o fracasso da formação cultural dos candidatos.

O grande inimigo dessa formação cultural tão almejada pode ser o próprio conceito de ciência, conceito o qual, em outros tempos, apontava para a necessidade da verificação, para a necessidade do teste e ainda significava a emancipação da tutela do dogmatismo, no entanto o que se percebe é que a ciência se tornou (assim como o mito se tornou em esclarecimento e este em mito novamente) uma nova forma de limitação da reflexão, porque

[...] as pessoas acreditam estar salvas quando se orientam conforme regras científicas, obedecem a um ritual científico, se cercam de ciência. A aprovação científica converte-se em substituto da reflexão intelectual do fátual, de que a ciência deveria se constituir. A couraça oculta a ferida. A consciência coisificada coloca a ciência como procedimento entre si própria e a experiência viva. (ADORNO, 2006, p. 70).

O meio se tornou um fim, eliminando assim toda a capacidade de experiência viva. Claro que não se deve desprezar aquilo que foi conquistado com o avanço das ciências particulares, no entanto deve se estar atento para não se cair na mitificação da ciência, isso porque “[...] a ciência como ritual dispensa o pensamento e a liberdade” (ADORNO, 2006, p. 70). Assim a consciência acaba se obliterando e prejudicando o pensamento, que deveria se impor para alcançar a emancipação, a maioridade e a formação cultural.

Apesar de o sujeito ter um papel importantíssimo no que se refere à formação cultural e à sua emancipação e maioridade, não se deve esquecer que, em muitos casos, a própria situação social impede a formação cultural e a maioridade. Adorno destaca

[...] condições sociais como a origem, em relação à qual todos somos impotentes, são culpados pela insuficiência do conceito enfático de

formação: a maioria não teve acesso àquelas experiências prévias a toda a educação explícita, de que a formação cultural se nutre. Além disto, ainda poder-se-ia remeter à insuficiência da universidade, ao seu fracasso: muitas vezes ela não proporciona aquilo cuja ausência incriminamos aos candidatos. Por fim poderíamos atentar uma vez mais ao excesso de ciência e à situação deplorável dos exames. (ADORNO, 2006, p. 72).

Sem dúvida, as condições sociais podem servir de obstáculo para a formação cultural, pois, quando não se tem acesso a uma educação que proporciona a formação cultural, não se tem escolas e universidade que estejam capacitadas para proporcionar verdadeira formação, e o excesso de ciência se manifesta em todas as paragens. A única formação é a formação técnica. Isso é uma clara constatação de que se está em desvantagem frente à necessidade da emancipação e da formação cultural. Mesmo que haja limitadores, Adorno enfatiza, no entanto, que

[...] no momento presente a pressão econômica sobre a maioria não chega a ser tão insuportável de modo a impedir a consciência de si e a auto-reflexão: é muito mais o sentimento de impotência social, de dependência em geral, que impede a cristalização da autoconsciência, do que a necessidade material nos termos de antigamente. [...] Mas o próprio espírito não se restringe àquilo que é fatural, porta em si aquele impulso de que subjetivamente se precisa. (ADORNO, 2006, p. 72-23).

Os limitadores podem impedir, de certa maneira, que o sujeito busque a emancipação, a maioria e a formação cultural, mesmo assim Adorno percebia que o próprio espírito porta um impulso/capacidade de poder elevar-se acima dos limitadores e assim buscar a *Bildung* e a emancipação. Tal fato pode ser observado no texto sobre *Educação e Emancipação*.

O texto *Educação e Emancipação* é a transcrição do debate entre Adorno e Becker na rádio de Hessen em 13 de agosto de 1969. O diálogo girou em torno da insuficiência da estrutura escolar da Alemanha da época, e de possíveis propostas sobre a reforma no sistema escolar, que, na visão de ambos, estava estruturado de forma a não permitir a maioria. Ao mesmo tempo ambos concordaram que a questão da maioria e minoridade não se restringia aos alemães, mas era uma questão internacional⁴². Esse debate proporcionou algumas pistas do que deveria ser feito para que efetivamente a educação pudesse colaborar

⁴² “Creio que a questão da emancipação é a rigor um problema mundial (ADORNO, 2006, p. 174, comentário de Becker) e ainda: “Mas o senhor tem toda a razão quanto a que o problema da emancipação não é unicamente alemão, mas internacional” (ADORNO, 2006, p. 175).

para a maioria, via emancipação⁴³, e assim os indivíduos fazerem escolhas de maneira livre e autônoma.

Todo debate envolve a questão da emancipação e, desde o início, Adorno (2006, p. 169) constrói seu argumento sobre a necessidade de a emancipação “[...] ser evidente numa democracia [...] A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas”. Todo indivíduo com sólida formação volitiva poderá expressar-se coerentemente no momento em que estará exercendo seu direito de votar e de ser votado. Para que isso ocorra é necessário que o indivíduo não esteja sob a orientação de outrem, porque estar sob tutela é “[...] a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (KANT, 1974, p. 100).

O frankfurtiano toma como base o próprio Kant (1998, p. 100) para apresentar a questão da maioria, minoridade e emancipação: “Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado”. A responsabilidade do estado de minoridade, na visão de Kant, é primeiramente do próprio indivíduo, o qual não quer se valer do seu entendimento. Tal interpretação, no entanto, corre o risco de lançar toda a responsabilidade para com a maioria sobre o sujeito, descartando os fatores sociais que podem servir como empecilho para a emancipação.

Mesmo assim Adorno destaca que o sujeito tem certa responsabilidade no processo emancipatório, a qual será vista no decorrer da análise do texto em questão, mas o frankfurtiano não deixa também de atentar para os fatores sobre os quais o sujeito não tem controle imediato⁴⁴; ou seja, o processo de emancipação se dá pela via do sujeito e dos fatores sociais e não é algo acabado, visto que a dialética entre sujeito e objeto é algo constante, isso porque a emancipação não é “[...] uma categoria estática, mas uma categoria dinâmica, como um vir-a-ser e não um ser” (ADORNO, 2006, p. 181).

A resposta de Becker aponta exatamente na direção dos fatores sociais e subjetivos que servem como impedidores no processo emancipatório. A constatação de que os alemães não eram “[...] educados para a emancipação” (ADORNO, 2006, p. 169, comentário de Becker) é provada pela forma tríplice como o sistema educacional na Alemanha se

⁴³ “Acho que não preciso chamar sua atenção para a dialética do esclarecimento; acrescento apenas que evidentemente o mesmo processo que torna possível a maioria pela emancipação também coloca em risco os resultados da emancipação a partir da fraqueza do eu ou do risco da fraqueza do eu” (ADORNO, 2006, p. 181, comentário de Becker).

⁴⁴ “Além disso, poder-se-ia lembrar – e eu seria o primeiro a concordar – que condições sociais como a origem, em relação à qual todos somos impotentes, são culpadas pela insuficiência do conceito enfático de formação: a maioria não teve acesso àquelas experiências prévias a toda educação explícita de que a formação cultural se nutre” (ADORNO, 2006, p. 71).

estruturava: o primeiro nível seria para os denominados gênios, o segundo nível para os de nível médio de genialidade e o último nível seria para aqueles que praticamente não teriam nenhum resquício de genialidade.

Essa estrutura já era uma maneira de inculcar a menoridade desde os primórdios da educação, porque se baseava no princípio de que algumas pessoas tinham mais talento do que outras; e, ao mesmo tempo, o sistema já julgava a inteligência e demência desde o início da vida escolar. Diferentemente, um laudo publicado por Becker prova

[...] que o talento não se encontra previamente configurado nos homens, mas que, em seu desenvolvimento, ele depende do desafio a que cada um é submetido. Isto quer dizer que é possível “conferir talento” a alguém (ADORNO, 2006, p. 170, comentário de Becker).

A escola não deve ser construída em conformidade com a ideia de talento nato. Isso é um ledor engano. Ao contrário, deve ser planejada para permitir o desenvolvimento pessoal do estudante, que poderá participar da escolha de sua formação porque lhe é oferecida tal oportunidade. O próprio estudante poderá se autodesenvolver, mas para isso é necessário reformular as estruturas educacionais, para que o próprio sujeito possa “[...] assegurar sua emancipação em um mundo que parece particularmente determinado a dirigi-lo heteronomamente, situação que confere uma importância ainda maior ao processo” (ADORNO, 2006, p. 169, comentário de Becker).

Estruturas educacionais que ofereçam a possibilidade de o estudante participar de sua formação, e nessa escolha está a responsabilidade do sujeito, são os meios que contribuirão para a tomada de consciência em relação à situação de conflito entre formação cultural e indústria cultural; conflito esse que, geralmente, tem sido vencido pela indústria, porque esta castra a liberdade e não permite a maioridade do sujeito, e, por essa via, impede a construção da formação cultural.

Com a castração das vias de possibilidade para a maioridade, existe o enquadramento cego das pessoas nos modelos previamente construídos e nas formas de pensar e interpretar o mundo à sua volta. Romper com as estruturas de pensamentos dominantes proporcionará condições para que o sujeito possa alcançar a autonomia e a reflexão, para que assim possa analisar sua condição social e formar uma opinião própria na tomada de decisão dentro do sistema democrático, que lhe proporcionará colaborar com a mudança social.

Para que tal fato possa se tornar real é necessário perceber que na própria “[...] literatura pedagógica não se encontra esta tomada de posição decisiva pela educação para a

emancipação, como seria de pressupor” (ADORNO, 2006, p. 172). Se a própria pedagogia se encontra contaminada pelo ranço dos sistemas totalitários e pelas interpretações de mundo ultrapassadas, então o caminho para a reestruturação do projeto original da *Bildung* é árduo e sôfrego, porém não inatingível.

O frankfurtiano percebia que a pedagogia tinha camuflado os conceitos de autoridade e compromisso e os apresentara como conceito de emancipação, porque “[...] no lugar de emancipação, encontramos um conceito guarnecido nos termos de uma ontologia existencial de autoridade, de compromisso, ou outras abominações que sabotam o conceito de emancipação” (ADORNO, 2006, p. 172).

Essa camuflagem do conceito de emancipação por autoridade e compromisso leva inevitavelmente à menoridade e à tutela, além de não permitir abordar os reais problemas que se infiltraram nas estruturas educacionais e pedagógicas. Autoridade⁴⁵ e compromissos são, sem dúvida, muito importantes dentro de determinados contextos, e não há de se negar que proporcionam o bom andamento de qualquer estrutura social e administrativa, porém quando se trata da maioridade do sujeito é necessário levar em conta a liberdade e a autonomia na hora de fazer escolhas, principalmente quando se trata de escolhas que influenciam o próprio indivíduo e a sociedade em que vive.

Para o filósofo Adorno, as crianças geralmente

[...] se identificam com uma figura de pai, portanto, com uma autoridade, interiorizando-a, apropriando-a, para então ficar sabendo, por um processo sempre muito doloroso e marcante, que o pai, a figura paterna, não corresponde ao eu ideal que aprendera dele, libertando-se assim do mesmo e tornando-se, precisamente por essa via, pessoas emancipadas do que é para elas uma autoridade. (ADORNO, 2006, p. 177).

Nas linhas acima é possível perceber a influência de Sigmund Freud nos escritos de Adorno, que claramente se refere a ele sobre a questão da autoridade. Enfatizando que o processo pelo qual a criança se identifica com a autoridade paterna, o admira e vê nele um herói, e depois descobre que o pai não é toda a idealização construída, é um processo normal de desenvolvimento saudável pelo qual as crianças passam. Ocorre, porém, que essa identificação com a autoridade paterna não pode se prolongar na criança, porque, se isso acontecer, ela não conseguirá atingir a própria emancipação e não terá autonomia para tomar decisões: sempre recorrerá ao pai.

⁴⁵ “[...] existe algo como uma autoridade técnica – ou seja, o fato de que um homem entende mais de algum assunto do que outro -, que não pode simplesmente ser descartada. Assim, o conceito de autoridade adquire seu significado no âmbito do contexto social em que se apresenta” (ADORNO, 2006, p. 176).

Tal analogia demonstra como que a autoridade pode ser benéfica no processo de emancipação, mas maléfica no processo de menoridade. Para Adorno, é preciso que

[...] o momento de autoridade seja pressuposto como um momento genético pelo processo da emancipação. Mas de maneira alguma isto deve possibilitar o mau uso de glorificar e conservar esta etapa, e quando isto ocorre os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade, no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens. (ADORNO, 2006, p. 177).

A indústria cultural tem agido de maneira a não permitir o encontro com a autoridade, o que ela faz muito bem é dissolver a autoridade para que o sujeito não tenha onde protestar; e assim ela conserva as pessoas num constante estado de menoridade e de dependência de produtos, de ideias preconcebidas e de todo o fetiche por ela produzido para enganar e orientar em conformidade com os interesses do capital.

O sujeito que não consegue ultrapassar esse momento de identificação com a figura de autoridade e substituição acaba sendo prejudicado subjetivamente, porque não consegue ser quem realmente é. Assim, ele apenas representa um papel para si mesmo e para os outros por que não tem identidade própria e por essa via “[...] prolonga-se a não-identidade dos seres humanos consigo mesmos. Isto é, quando a função é convertida em um padrão social, por essa via se perpetua também que os homens não são aqueles que eles mesmos são, portanto que eles são não idênticos” (ADORNO, 2006, p. 178). A educação emancipadora, nesse sentido, teria justamente o desafio de fazer as pessoas se (re)encontrarem com suas dimensões não idênticas.

Essa não-identidade e a necessidade de representar um papel podem ser observadas em todas as camadas da sociedade: intelectuais e trabalhadores das fábricas podem estar apenas representando um papel no meio em que vivem, porque, “[...] insatisfeito com sua situação, representa funções, papéis que provêm das mais diferentes situações” (ADORNO, 2006, p. 179, comentário de Becker). Assim o próprio local de trabalho pode ser apenas um meio de reproduzir mais menoridade, porque os trabalhadores não aprendem de fato a sua profissão e não se interessam por ela, apenas se adestram segundo a necessidade da fábrica, de forma que assim não se “[...] transmite ou não conseguimos transmitir o comportamento autônomo” (ADORNO, 2006, p.180, comentário de Becker). Para que esse trabalhador, intelectual, professor e toda a sociedade tenha ampla compreensão daquilo que ela faz e das consequências de sua profissão seria necessária a preparação imediata para o desempenho do

lado técnico, porém uma preparação que lhe proporcione um horizonte de orientação mais ampla. Isto porém é

[...] algo que na prática ainda falta a toda nossa formação profissional e que eu considero tão importante porque, num mundo como o nosso, o apelo à emancipação pode ser uma espécie de disfarce da manutenção geral de um estado de minoridade, e porque é muito importante traduzir a possibilidade de emancipação em situações formativas concretas. (ADORNO, 2006, p. 180, comentário de Becker).

A formação cultural destacada por Becker de modo muito enfático direciona para a dialética entre subjetividade e objetividade, a qual pode trazer crescimento intelectual e consciência crítica para todos os que estão inseridos numa sociedade que não mais consegue ver a formação cultural como algo real; vê apenas a técnica como aquela que é o cânon para todas as medidas e aferições, pois desprezando-se o lado teórico, despreza-se também uma formação crítica.

O frankfurtiano via que, na atual organização de mundo capitalista, havia uma séria dificuldade⁴⁶ em se colocar em prática o projeto emancipatório, porém não descartava a possibilidade⁴⁷ de haver de fato uma conscientização e assim um estado de maioridade no sujeito e na sociedade.

A dificuldade avistada por Adorno era a “[...] contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações” (ADORNO, 2006, p. 181). Essa contradição social não permite o indivíduo ser autônomo, ou seja, aquele que faz a lei para si. Sem dúvida isso não é a chancela para se fazer o que se quiser, mas elaborar princípios que orientem a própria vida de forma independente, mostrando que a pessoa de fato alcançou o estado de maioridade. No mundo em que Adorno vivia, no entanto, e o mundo atual também, são regidos pela heteronomia, a qual impõe comportamentos e modos de pensar, além de impor uma visão de mundo que elimina todas as demais.

Por isso é que muitas pessoas aceitam sem questionar os produtos da indústria cultural, produtos impõem a lógica capitalista de consumo e seu modo de viver; e, para que tal visão de

⁴⁶ “O problema propriamente dito da emancipação hoje é se e como a gente – e quem é “a gente”, eis uma grande questão a mais – pode enfrentá-lo” (ADORNO, 2006, p. 182).

⁴⁷ “A figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 2006, p. 182-183).

mundo se sustente, é necessário explorar cada vez mais os recursos naturais e impor restrições⁴⁸ cada vez maiores para os seres humanos. Isso significa adaptar-se ao poder do progresso, o qual

[...] envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão. (ADORNO, 1985a, p. 41).

A princípio parece não haver uma saída para atual configuração de poder e da indústria cultural, que sempre trabalham para manter o estado de menoridade; porém Adorno (2006, p. 180) destaca a necessidade de a emancipação “[...] ser acompanhada de uma certa firmeza do eu, da unidade combinada do eu, tal como formada no modelo do indivíduo burguês.” Essa firmeza do “eu” não permitiria a adaptação cega às constantes mudanças que ocorrem dentro do sistema vigente e que pretendem obrigar a todos a se adaptarem às novas mudanças e tecnologias sem que haja a compreensão dos fatos que envolvem a mudança. O sistema pretende levar as pessoas a apenas se adaptarem⁴⁹ ao poder e às formas de educação as quais podem servir exatamente para o enfraquecimento do “eu” e da própria percepção de mundo.

Para que não haja essa cega adaptação é necessário “[...] que a educação seja uma educação para a contradição e resistência” (ADORNO, 2006, p. 183). O filósofo destaca que tal educação seria necessária para que os alunos pudessem perceber como são manipulados pela indústria cultural: filmes, músicas⁵⁰ e revistas são elaborados para que as pessoas sejam presas fáceis dessa indústria, que não permite o tempo para pensar e raciocinar, pois trabalha com as necessidades do indivíduo e o manipula para a compra e para o consentimento. Essa maneira de proceder seria uma tentativa de

[...] começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente [...]. A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento. (ADORNO, 2006, p. 183).

⁴⁸ “O homem só domina o existente mediante uma autolimitação. Essa dominação se impõe sobre os impulsos humanos e se espalha para o conjunto total da sociedade” (ZUIN, 2001, p. 55).

⁴⁹ “O simples fato de a adaptação ser o êxito principal da educação infantil já deveria ser motivo de reflexão” (ADORNO, 2006, p. 174, comentário de Becker).

⁵⁰ Adorno, no texto *Fetichismo da Música e a Regressão da Audição* diz que, “[...] ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo” (ADORNO, 1999, p. 65).

Esse despertar da consciência é amplamente enfatizado pelo frankfurtiano em vários de seus textos em que abordam a questão da educação, pois esta poderia ser um meio de colaborar para o início da emancipação. Em uma sociedade regida pela lógica do capital seria possível, mesmo que em tese, implantar aos poucos o projeto da *Bildung*, pois voltar-se para a subjetividade do sujeito seria a única via, diante das forças do capital, de fazer algo para iniciar uma mudança e, dessa forma, levar os sujeitos a serem os autores de sua história, pois começariam a mudar a si próprios e poderiam construir outra realidade que permite que todas as forças subjetivas possam ser objetivadas e se apresentem nas mais diversas áreas. Isso significa a construção de um futuro melhor onde “[...] a formação cultural poderia ser objetivada, de tal maneira que haveria um auto-reconhecimento do espírito, numa miríade de manifestações culturais, a saber, a filosofia, a arte, a ciência, a literatura e a música, entre outros” (ZUIN, 2001, p. 56). Esse é o objetivo da formação cultural que pode ser alcançado com uma educação que desencante, desvele e conscientize o sujeito que vive no do sistema capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou analisar a contradição/conflito entre a formação cultural e a indústria cultural a partir do pensamento de T. W Adorno; além disso, procurou também analisar a educação como aquela que pode colaborar para o processo de formação crítica e autônoma do sujeito. Consciente dessa contradição/conflito, o sujeito certamente não se deixará reduzir a um fantoche da indústria cultural, mas se esforçará por um crescimento próprio, que se destaca pela livre ação volitiva no agir e no pensar, demonstrando que a maioria foi compreendida e que a sua busca precisa ser diária para não cair nas malhas da socialização. A autonomia que uma tal educação formativa proporciona ao sujeito não mais se submete a uma cultura e educação construídas a partir de paradigmas que têm a força de moldar a vontade do indivíduo e empurrá-lo para a minoridade.

A contradição/conflito foi descrita em cada parágrafo do presente trabalho. Muitas contradições foram apresentadas de forma explícita ao se demonstrar que as intenções da formação cultural são totalmente diferentes das intenções da indústria cultural. Outras contradições, dentro desse conflito, foram descritas de maneira mais branda, no entanto também mostram as sutilezas utilizadas pelos mecanismos da indústria cultural para subjugar a vontade das pessoas.

Os termos utilizados por Adorno descrevem fenômenos antagônicos, tanto em sua raiz etimológica como no contexto social, político e cultural em que foram gerados. Além disso, descrevem a maneira como o ser humano reagiu frente a uma cultura que tem como intenção despertar todas as potencialidades subjetivas para que estas possam colaborar na construção de um mundo melhor, no qual o diferente, a particularidade e o pensamento próprio têm seu lugar. As características de tal formação têm, por sua vez, o objetivo de elevar o ser humano e a sociedade a um patamar mais elevado.

Por outro lado, foi possível analisar uma cultura criada pela indústria cultural que surgiu em uma época da história da humanidade em que tudo indicava que a civilização realmente entraria num período áureo. O que, no entanto, se percebeu foi uma regressão a um período bárbaro. As duas grandes guerras do início do século XX, sendo Auschwitz a expressão máxima de toda barbárie, não foram acasos, mas a consequência “lógica” da racionalidade e da inventividade técnica sendo usadas de forma (ir)racional.

A contradição pode ser mais bem entendida quando se lança o olhar por sobre as intenções da formação cultural e da indústria cultural. Vimos que a *Bildung* sempre intentou

e elevar o ser humano de um nível para o outro mais elevado; a indústria cultural sempre tentou subjugar e controlar o ser humano. A relação dialética entre essas duas dimensões, no entanto, parece constituir-se num campo tenso em todos os processos educativos. Numa educação marcada pela dinâmica mercadológica, pelo fetiche do valor de troca que exige a submissão ao *status quo* existente, a indústria cultural encontra um chão fértil. A educação fica degradada à semiformação e a formação cultural dificilmente passa de aparência.

No momento em que a indústria cultural começa a vicejar na sociedade capitalista ela acaba afetando tudo aquilo que a formação cultural tem por mais precioso: formar um sujeito autônomo e crítico, cuja razão não seja apenas utilizada como um meio para os mais diversos fins, tais como o controle da natureza interna e externa. Percebeu-se que a indústria cultural sempre tentou eliminar a dialética para poder se impor de maneira autônoma sobre o sujeito.

Adorno enfatizou, em seus textos, de maneira muito singular, a questão da autonomia, inclusive quando escreveu sobre a autonomia da arte, destacando que a autonomia da arte em um mundo capitalista, regido pelo valor de troca, é passível de crítica, pois “[...] a autonomia de cada obra de arte pode ser avaliada pelo modo como ela incorpora em sua composição essa contradição de ser simultaneamente obra de arte e mercadoria, afirmando a sua autonomia ao mesmo tempo em que nega a lei do mercado” (GATTI, 2008, p. 292b). Assim como a autonomia da arte, em um mundo capitalista, foi criticada por Adorno, porque, em muitos casos, não passava de simples mercadoria, “fabricada” para vender; assim a questão da autonomia do ser humano numa sociedade capitalista também estava sendo integrada à lógica do mercado. O sujeito sumia dentro das malhas da socialização que o empurravam para a adaptação cega e para a padronização; perdia-se toda a autonomia, porque as particularidades da pessoa e suas potencialidades foram descartadas.

Ao se eliminar a autonomia, cria-se a dependência, que nada mais é que a heteronomia, em que o sujeito não consegue mais autolegislar-se, porque está em um estado de menoridade e, como sabemos desde Kant, todos os que se encontram em um estado de menoridade precisam de tutores que escolham e decidam por eles. Vimos que a indústria cultural, em seu conjunto de rádio, televisão, cinema e ideologia, etc., é esse “tutor” invisível que sempre trabalhou com o objetivo de manter a sociedade em um constante estado de menoridade, mostrando, ao mesmo tempo, o perigo de as pessoas quererem “[...] dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerram, mostrando-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas” (KANT, 1974, p. 102).

Essa dependência para escolher e pensar e a temeridade para criticar, além da falta de consciência, isso é o antônimo da maioria e da emancipação, aqui descritas com íntima ligação. Estes assuntos receberam destaque especial por parte do filósofo T. W Adorno no texto *Educação e Emancipação*. Nosso autor percebeu a necessidade de as pessoas emanciparem-se de toda e qualquer tutela, para então conseguirem elaborar, de forma livre, as suas escolhas educacionais, políticas e de pensamento.

Ocorre, porém, que os objetivos de formar um ser humano autônomo, crítico e emancipado sempre encontraram grandes obstáculos, pois a dialética foi ofuscada pelo poderosíssimo mecanismo da indústria cultural, o qual sempre desferia golpes contra os objetivos da formação cultural. Dessa forma impedia o florescimento de um mundo onde as potencialidades subjetivas de cada ser humano encontrassem campo fértil para uma real revolução contra as forças dominantes do mundo capitalista, que trabalha com o valor de troca em detrimento do valor de uso.

A formação cultural sempre visou um ser humano que pudesse realmente ser independente, autônomo e maior “de idade” com suas capacidades desenvolvidas ao máximo, mas os obstáculos, como já descritos, sempre tencionaram o contrário: menoridade, temeridade, dependência, etc. Isso foi alcançado porque, ao se eliminar a dialética entre esses fenômenos aqui descritos, a razão apenas trabalhou no nível instrumental e se tornou apenas um meio para alcançar fins; pouco a pouco a razão se tecnificou e obliterou também a capacidade subjetiva do pensamento próprio.

O sujeito passou a repetir jargões, formas de pensamento e a decorar fórmulas sem ao menos entendê-las. A matemática e a técnica passam a ser o centro das atenções e, por fim, foram endeusadas. O método, o número passou a ser grande deus que deveria ser agradado. O desenvolvimento tecnológico cresceu vertiginosamente ao ponto de ser possível controlar as forças da natureza de maneira mais eficaz que o mito pretendia. Foi assim que a sociedade caminhou para um modo cada vez mais administrado e tecnificado de vida; o capitalismo monopolista viceja e se tornava a expressão máxima de dominação da natureza interna e externa neste novo mundo.

Adorno percebeu a grande dominação capitalista sobre o indivíduo e a sociedade e compreendeu que a revolução deveria começar na subjetividade do sujeito, ou melhor, via no sujeito um último refúgio da liberdade e da crítica. Os textos sobre educação e formação cultural escritos por nosso autor apontam exatamente na direção de formar um sujeito crítico e consciente, que poderia perceber as tramas sociais que o envolviam e o empurravam para a marginalidade e a menoridade. Os textos mencionados não apontam para uma solução utópica

ou messiânica, mas descrevem aquilo que poderia levar o sujeito à reflexão e à conscientização: a Educação.

A educação, na forma como foi abordada em nosso último capítulo, é uma maneira de promover a formação cultural, porque ela tem a capacidade de conscientizar e elevar a sociedade a um patamar mais humano. Adorno, nos textos *Educação após Auschwitz*, *Educação contra a Barbárie* e *Educação e Emancipação*, aponta para três necessidades que a educação deve contemplar para ser um agente conscientizador. Primeiramente a educação não pode permitir o retorno de Auschwitz, pois, como já citado na presente dissertação, “[...] a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 2006, p. 119). Os horrores que a guerra produziu apenas mostram que, em determinado momento, a educação falhou em seu princípio civilizatório e conscientizador. A guerra foi apenas a consequência de uma educação voltada para a técnica, para a matematização e para a racionalização. Essa educação gerou mentes tecnificadas e descoladas da realidade, que não mais conseguiam ver as necessidades do *outro*, gerou indivíduos indiferentes ao sofrimento alheio. Somente uma “educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (ADORNO, 2006, p. 121) poderá conscientizar o mundo sobre o princípio de que Auschwitz não deve se repetir.

Isso nos leva a perceber que, no segundo texto mencionado acima, é possível perceber que a educação deve promover a desbarbarização, que, para Adorno⁵¹, nada mais significa que suprimir o déficit de atraso educacional de uma pessoa em relação à civilização avançada em que ela vive. Percebe-se, mais uma vez, que Adorno faz menção à sua própria pátria, que gozava de avanços tecnológicos maravilhosos no tempo da guerra e, mesmo assim, infligiu as mais terríveis atrocidades aos seus inimigos. Isso mostra que a educação não conseguiu eliminar o impulso de agressividade, de ódio e de destruição. Por isso que Adorno expressou a vontade de reordenar “todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade” (ADORNO, 2006, p. 155), ou seja, uma educação que elimine todos os traços de agressividade, ódio e destruição.

A educação deveria conscientizar e desbarbarizar, levar a um pensamento crítico e não simplesmente ser uma educação adaptadora ao sistema vigente, mas despertar o sujeito para os elementos repressores que a própria cultura produz e reproduz. Não se submeter aos ditames da indústria cultural, que produz padrões insanos e repressores nos quais toda a sociedade deve se enquadrar, gerando assim mais repressão e mais agressividade.

⁵¹ “[...] entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização” (ADORNO, 2006, p. 155).

Por último, podemos dizer que Adorno via a necessidade de a educação contemplar um fator preponderante no sujeito: a emancipação. A educação tinha sofrido sérias avarias na Alemanha, pelo fato de estar estruturada em três níveis que já designavam a inteligência ou demência dos alunos. Isso era uma espécie de pedra de tropeço para a emancipação, pois desde a infância se estabelecia quem era ou não capaz de progredir na vida. Tanto para Adorno, como para Becker, a educação deveria promover a liberdade no aluno para que este pudesse participar na escolha de sua educação e não simplesmente se submeter a um programa de adaptação. Quando a educação promove meios para que os estudantes possam escolher, participar, opinar e não simplesmente repetir, sem refletir, os conteúdos apresentados na escola, então ela está na verdade promovendo emancipação.

A emancipação, muitas vezes, nasce quando se tem espaço para a contestação da situação vigente, porque então se percebe que essa situação não corresponde ao ideal propagandeado e interiorizado, mas justamente por haver um espaço de contestação é possível libertar-se do *status quo* e avançar para a emancipação. A indústria cultural não permite, no entanto, o encontro com a autoridade da situação vigente, porque isso promoveria emancipação, que é o antônimo do que ela se propõe: menoridade. A educação pode colaborar para essa tomada de decisão e coragem para a contestação e assim a emancipação será construída de forma sadia e colaborará para o saudável desenvolvimento da sociedade como um todo.

Poderíamos ainda citar outros meios que podem colaborar na formação cultural, indo à própria etimologia da palavra, a qual foi descrita de forma significativa por Suarez (2005), descrição em que a autora demonstra que a palavra *Bildung* descreve pelo menos cinco maneiras de formação cultural: “*Bildung* como trabalho, como viagem, como tradução, como viagem à Antigüidade e como prática filológica”. A presente dissertação limitou-se, no entanto, a alguns livros e escritos de Adorno os quais apontaram para a contradição/conflito existente entre a formação cultural e a indústria cultural, além de mostrar que a educação pode contribuir de maneira significativa para a tomada de consciência da contradição/conflito para então tornar-se consciente de si e buscar a emancipação. Não foram utilizadas as obras de maturidade de Adorno, tais como *Dialética Negativa* e *Mínima Moralia*, mas esses livros poderiam ampliar a visão da própria formação cultural e a importância da dialética; outros textos poderiam ainda mostrar que o nosso filósofo começou a ver o valor artístico⁵² do

⁵² “Duas décadas mais tarde, durante os anos de 1960, num contexto histórico bastante distinto, Adorno sustenta posições que apontam para modificações em sua compreensão de controle exercido pela indústria cultural. Além de participar ativamente de programas de rádio e de televisão, sustentando a função esclarecedora e

cinema, no entanto o limite aqui foi dissertar sobre os livros citados, que nos serviram como base de iniciação científica, mas que, ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de um aprofundamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRIMÁRIA

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: *Educação e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (ano VII, n.586,pg. 388-411, dezembro).

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.

ADORNO, Theodor W. *Sociologia / Theodor W. Adorno*. Organ. Gabriel Cohn. Trad. Amélia Cohn, Flávio René Kothe e Aldo Onesti. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 207 p. (Grandes Cientistas Sociais, v. 54).

ADORNO, T W. *Diese Ausgababe Von Soziologische Schriften I ist text- und seitenindentisch MIT Band 8 der GesammelIntern Schriften Adornos*. 1ª Auflage. Frankfurt. Druck: Nomos Verlagsgesellschaft, Baden-Baden. 1979.

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor W. Observações sobre o pensamento filosófico. In: ADORNO, T. W. *Palavras e sinais – modelos críticos II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b. p. 15-25.

ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais. Modelos Críticos II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985b. p. 181-201.

ADORNO, Theodor W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: *Textos seletos..* São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 65-108 (Coleção Os Pensadores).

SECUNDÁRIA

ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. Trad. Armando S Carvalho. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

ALVES, Rubens. *Alegria de ensinar*. 3. ed. São Paulo: Ars Poética Editora, 1994.

ALVES, Rubens. *Protestantismo e repressão*. 1. ed. São Paulo. Ática, 1982.

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt / Paul-Laurent Assoun*. Trad Helena Cardoso. São Paulo: Ática, 1991. 104 p. (Série Fundamentos, v. 76).

BANDEIRA, Souza B. *Formação cultural, semiformação e indústria cultural: contribuições de Adorno à educação hoje*. 2008. Dissertação (Mestrado de Pós Graduação em Educação) – Universidade Federal de Pelotas.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de referência Thompson*. Trad. João Ferreira de Almeida. Comp. e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1996. 1750 p. Com versículos em cadeia temática Antigo e Novo Testamento.

BONHOEFFER, Dietrich, *Ética*. 3. ed. Trad. Helberto Michel. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1985.

BUZZI, A.; BOFF, L. *Centro de investigação e divulgação CID*. Textos clássicos do pensamento humano/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

DALBOSCO, C. A.; FLICKENGER, H-G. *Educação e maioria: dimensões da racionalidade pedagógica*. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: Ed da Universidade de Passo Fundo, 2005.

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica : ontem e hoje*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 128-194.

GATTI, L F. Indústria cultural e crítica da cultura. In: NOBRE, Marcos. *Curso livre de teoria crítica*. Campinas, SP: Papirus , 2008a. p. 73-96.

GATTI, L. F. Autonomia da arte. In: NOBRE, Marcos. *Curso livre de teoria crítica*. Campinas, SP: Papirus, 2008b. p. 291-294.

GUR-ZE'EV, Ilan. A *Bildung* e a teoria crítica na era da educação pós-moderna. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 12, n. 22, p. 05-21, jan./jun. 2006.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. 7. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria

Elisa Cevasco. 2. ed. São Paulo: Àtica, 1997 (Série Temas. vol. 41).

JAY, Martin. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2008.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é Iluminismo? In: Kant Immanuel. *Textos seletos*. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974. p. 100-117.

KANT, Immanuel. *A metafísica dos costumes*. São Paulo: Ediouro, 2003.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAAR, Wolfgang Leo: Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt". In: PUCCI, Bruno (Org.) et al. *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Edufscar, 1995.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Thesen über Feurbach. In: *Werke*. Berlim: Dietz Verlag, 1990. p. 5-7. Band 3.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARX, Karl. *O manifesto comunista*. Trad. Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MÉSZÁROS, Istvan. *Educação para além do capital*. Trad. de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

NOBRE, Marcos. Racionalização e desencantamento do mundo. In: NOBRE, Marcos. *Curso livre de teoria crítica*. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008. p. 286-290.

NÓBREGA, Francisco P. *Compreender Hegel*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PERIUS, Oneide. *Esclarecimento e dialética negativa: sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno*. Passo Fundo, RS: IFIBE, 2008.

PEUKERT, H. Problemas básicos de uma teoria crítica da educação. In: *Educação e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1996 (ano VII, n. 586, p. 412-430, dezembro).

PUCCI, Bruno (Org.) et al. *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Edufscar, 1995.

RODRIGO, Duarte. *Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RODRIGO, Duarte. *Adorno: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1997.

ROVIGHI, S V. *História da filosofia contemporânea do século XIX à neoescolástica*. 3. ed. Trad: Ana Pareschi Capovila. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHOPENHAUER, A. *A arte de escrever*. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SCHÜTZ, R. *Die abstrahierende Dynamik der modernen Gessellschaft: konsequenzen für die beziehung der Menschen untereinander und mit der Natur*. Frankfurt am Main. Peter Lange, 2006.

SCHÜTZ, R. Propriedade privada e trabalho alienado: desvendando as imbricações ocultas. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 87, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/087/87schutz.htm>>. Acesso em: 4 maio 2011.

SCHÜTZ, R.; SANTOS, R. Entre a indignação e a resignação: notas sobre a dialética do esclarecimento. *Perspectiva Filosófica*, Recife - Universidade Federal, v. II, p. 123-154, 2004.

SOUZA, R. T. *Razões plurais: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bérqson, Derrida, Levinas, Rosenzweig*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

STRINATI, Dominic. *Cultura popular: uma introdução*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

SUARES, Rosana. Notas sobre o conceito de Bildung (formação cultural). *Kriterion: Revista de Filosofia*. Vol. 46, n. 112, Belo Horizonte, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100512X2005000200005.br>. Acesso em: 7 jun. 2011.

THOMSON. Alex. *Compreender Adorno*. Trad. Rogério Bettoni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ZAMORA, José. *Th. W. Adorno: pensar contra a barbárie*. Trad. Antonio Sidekum. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2008.

ZUIN, Álvaro; PUCCI, Bruno; RAMOS-DEOLIVEIRA, Newton. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *Industria cultural e educação: o novo canto das sereias*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.